



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO NAS ORGANIZAÇÕES
APRENDENTES

DANIEL THIAGO FREIRE DA SILVA

**HOMOSSEXUALIDADE EM DISCURSO: MATERIALIZAÇÕES DISCURSIVAS DA
HOMOFOBIA NO FACEBOOK.**

JOÃO PESSOA

2018

DANIEL THIAGO FREIRE DA SILVA

**HOMOSSEXUALIDADE EM DISCURSO: MATERIALIZAÇÕES DISCURSIVAS DA
HOMOFOBIA NO FACEBOOK.**

Texto de Defesa apresentado ao Mestrado Profissional em Gestão nas Organizações Aprendentes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Gestão nas Organizações Aprendentes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Izabel França de Lima.

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Maria da Luz Olegário.

JOÃO PESSOA

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586h Silva, Daniel Thiago Freire da.

Homossexualidade em discurso: materializações
discursivas da homofobia no facebook / Daniel Thiago
Freire da Silva. - João Pessoa, 2018.
120 f. : il.

Orientação: Izabel França de Lima.

Coorientação: Maria da Luz Olegário.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. Homossexualidade. 2. Materializações discursivas -
Homofobia. 3. Homofobia - Facebook. I. Lima, Izabel
França de. II. Olegário, Maria da Luz. III. Título.

UFPB/BC

DANIEL THIAGO FREIRE DA SILVA

**HOMOSSEXUALIDADE EM DISCURSO: MATERIALIZAÇÕES DISCURSIVAS DA
HOMOFOBIA NO FACEBOOK.**

Texto de Defesa apresentado ao
Mestrado Profissional em Gestão nas
Organizações Aprendentes da
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito para obtenção do título de
Mestre em Gestão nas Organizações
Aprendentes.

Aprovado em: 04/04/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Izabel França de Lima
MPGOA/UFPB – Orientadora

Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Olegário
UFPB – Coorientadora

Prof. Dr. José Washington de Moraes Medeiros
Membro Interno – MPGOA



Prof. Dr. Henry Pôncio Cruz de Oliveira
Membro Externo - PPGCI

“No dia em que ela se declarou a cidade inteira silenciou
Todos queriam ouvir a resposta
Águias com seus voos rasantes,
urubus à espreita de um pobre instante
Rezando pelo não nas suas costas
E ela cantava o seu amor
Com a sua garganta branca,
E ela jurava o seu amor
Com sua garganta santa
No dia em que a outra decidiu enfrentar o mundo por aquele amor
Sentiu o peso sobre seus ombros
Pai, mãe, filho, irmãos, amigos e casamento antigo
Julgamentos e seus escombros
Mas elas se amavam tanto
Que já não cabia engano
Mas elas se desejavam tanto
Mesmo o futuro uma tela em branco
Nunca foi tarde demais
O medo, a verdade desfaz
Águias, urubus, julgamentos, fobias, força bruta
Tudo é pouco demais
Código civil, onde se viu?
Nêgo que enrustiu
Não separa os iguais”

Taviani, Isabella – Iguais.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente por todas as bênçãos, por todas as batalhas, por toda transformação em vida. Sempre há mais motivos a agradecer;

A minha tia Eliane que sempre me acompanha mesmo já não estando mais fisicamente nesse mundo;

A minha mãe pelo suporte constante e pelos enfrentamentos vividos diariamente;

A meu companheiro de jornada, Gleidson, por todo amor e cumplicidade;

A minha Vida com meu sincero pedido de perdão por todas as brincadeiras, latidos e lambidas que lhe furtei para dedicar-me a esse trabalho;

A meu amigo de longa data, Vini;

Às minhas orientadoras, Prof.^a Dr.^a Izabel França de Lima e Prof.^a Dr.^a Maria da Luz Olegário, por serem a luz que me guiou nessa caminhada;

Aos professores Dr. José Washington de Moraes Medeiros e Dr. Henry Pôncio Cruz de Oliveira por aceitarem participar da minha banca e por contribuir com seus ensinamentos;

A minha querida turma 07 por todos os momentos de alegrias, medos, angústias e aprendizagem que dividimos. Com vocês tudo se tornou possível;

A Geisa e a Elayne por todo empenho e amor com nossa turma.

A Nathalya por dividir comigo sua ansiedade e permitir que com ela eu dividisse a minha;

A Cleriston por pensar tão diferente de mim e me permitir ver além dos meus limites, ainda que não concordemos em muitos pontos (risos);

A todos/as docentes do Programa de Pós-Graduação em Gestão das Organizações Aprendentes que, através do compartilhamento de seus conhecimentos, transformaram nossas vidas;

Aos/às colaboradores/as do PPGOA por toda ajuda e paciência, em especial a Tales e a Miro;

A todos/as da Pró-Reitoria de Administração, especialmente ao Pró-Reitor Aluísio Mário Lins Souto, ao Pró-Reitor Adjunto Severino Gonzaga Neto, à anterior Pró-Reitora Adjunta Renata Barros Paes Câmara, aos servidores Ítalo e Nathália, e aos/às estagiários/as Eduardo, Raissa e Nicolly;

A todos/as meu muito obrigado!

RESUMO

A presente pesquisa representa uma maneira de perceber como os sujeitos inseridos na rede social Facebook produzem seus discursos frente à temática da homossexualidade. Metodologicamente, definiu-se um período temporal para inserção nesse ambiente virtual que, aliado a filtros de seleção, possibilitou a coleta dos dados necessários e, conseqüentemente, a construção de um arquivo textual. Em seguida, a análise da coleta foi dada à luz do pressuposto teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, que se apresenta como suporte ao estudo e à compreensão dos vestígios históricos, sociais e ideológicos deixados à margem dos dizeres produzidos pelos sujeitos. Nesse contexto, o surgimento do ciberespaço e, mais recentemente, das redes sociais, e em especial o Facebook, possibilitaram que os indivíduos transpusessem a esses espaços suas opiniões e manifestações, incentivados por uma suposta liberdade de expressão ilimitada. Historicamente, a homossexualidade, apesar de ser uma manifestação legítima da diversidade humana, assim como a heterossexualidade, a bissexualidade e todas as demais formas de expressão do desejo afetivo e sexual da humanidade, tem sido marginalizada e reprimida socialmente. À homossexualidade cabia e ainda cabe o silêncio absoluto, o não-discurso, aquilo que não deveria saltar aos olhos do coletivo, o atrevimento, o que deveria ser combatido e expelido da convivência normal. A homofobia, fenômeno complexo e atemporal, se manifesta cotidiana e sistematicamente através de agressões físicas e simbólicas que tolhem direitos e oportunidades, e atribuem à população LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais) um lugar de inferioridade, de doença, de crime, de heresia. Tal como ocorre na vida fora da rede, os resultados apurados por essa pesquisa apontaram que essa rede social pode representar uma ferramenta para propagação de preconceito e discriminação com aqueles/as que desviam do padrão estabelecido.

Palavras-chave: Informação e Ciberespaço. Redes Sociais. Facebook. Homofobia. Análise do Discurso.

ABSTRACT

The present research represents a way to perceive how people inserted in the social network Facebook produce their discourses about the thematic one of the homosexuality. Methodologically, a temporal period was defined for insertion in this virtual environment which, together with selection filters, enabled the collection of the necessary data and, consequently, the construction of a textual file. Next, the analysis of what was collected was based on the theoretical-methodological assumption of the Discourse Analysis of the french line, which presents itself as a support for the study and understanding of the historical, social and ideological vestiges left behind in the words produced by people. In this context, the emergence of cyberspace and, more recently, of social networks, and especially Facebook, enabled individuals to transpose to these spaces their opinions and manifestations, encouraged by a supposed unlimited freedom of expression. Historically, homosexuality, despite being a legitimate manifestation of human diversity, as well as heterosexuality, bisexuality and all other forms of expression of humanity's affective and sexual desire, has been marginalized and socially repressed. To homosexuality was and still is fit the absolute silence, the non-speech, what should not jump in the eyes of the collective, the daring, what should be combated and expelled from normal coexistence. Homophobia, a complex and timeless phenomenon, manifests itself daily and systematically through physical and symbolic aggressions that hinder rights and opportunities, and attribute to the LGBTI population (lesbian, gay, bisexual, transgender and intersexual) a place of inferiority, disease, crime, of heresy. As it happens in life outside the network, the results verified by this research pointed out that this social network can represent a tool for propagating prejudice and discrimination with those who deviate from the established standard.

Keywords: Information and Cyberspace. Social Networks. Facebook. Homophobia. Speech analysis.

LISTA DE FIGURAS.

Figura 1- Mapa conceitual da estrutura da dissertação	19
Figura 2 - G1- O portal de Notícias da Globo – Total de seguidores.....	18
Figura 3 - Folha de São Paulo - Total de Seguidores.....	19
Figura 4 - UOL Notícias - Total de Seguidores.....	19
Figura 5 - Função Reações no Facebook	40
Figura 6 - Reação Gratidão em comemoração ao dia das Mães	41
Figura 7 - Reação Orgulho em comemoração ao dia do Orgulho LGBTI.....	41
Figura 8 - Página Inicial do Facebook.	42
Figura 9 - Gráfico sobre as denúncias de violência homofóbica no Brasil durante os anos de 2011 e 2013.....	64
Figura 10 - Reportagem Folha de São Paulo - Mãe e padrasto são presos suspeitos de matar jovem e queimar corpo no interior de SP	69
Figura 11 - Reportagem Folha de São Paulo - Mãe e padrasto são presos suspeitos de matar jovem e queimar corpo no interior de SP	70
Figura 12 - Reportagem Folha de São Paulo - Mãe e padrasto são presos suspeitos de matar jovem e queimar corpo no interior de SP	72
Figura 13 - Reportagem G1 - O portal de Notícias da Globo - - Mãe e mais dois acusados vão a júri popular por morte de jovem no interior de SP	73
Figura 14 - Reportagem G1 - O portal de Notícias da Globo - Mãe e mais dois acusados vão a júri popular por morte de jovem no interior de SP	74
Figura 15 - Reportagem G1 - O portal de Notícias da Globo - Mãe e mais dois acusados vão a júri popular por morte de jovem no interior de SP	75
Figura 16 - Reportagem G1 - O portal de Notícias da Globo - Mãe e mais dois acusados vão a júri popular por morte de jovem no interior de SP	76

Figura 17 - Reportagem G1 - O portal de Notícias da Globo - Jovem diz que mãe armou cilada para matar filho em SP	77
Figura 18 - Reportagem G1 - O portal de Notícias da Globo - Jovem diz que mãe armou cilada para matar filho em SP	78
Figura 19 - Reportagem G1 - O portal de Notícias da Globo - Jovem diz que mãe armou cilada para matar filho em SP	79
Figura 20 - Reportagem Folha de São Paulo - Com grave infecção, Pabllo Vittar cancela participação no 'Criança Esperança'.....	81
Figura 21 - Reportagem Folha de São Paulo - Com grave infecção, Pabllo Vittar cancela participação no 'Criança Esperança'.....	82
Figura 22 - Reportagem Folha de São Paulo - Com grave infecção, Pabllo Vittar cancela participação no 'Criança Esperança'.....	83
Figura 23 – Reportagem G1 – O Portal de Notícias da Globo - Pabllo Vittar cancela agenda de shows e participação no Criança Esperança por ordens médicas.	85
Figura 24 - Reportagem G1 – O Portal de Notícias da Globo - Pabllo Vittar cancela agenda de shows e participação no Criança Esperança por ordens médicas.	87
Figura 25 - Reportagem G1 – O Portal de Notícias da Globo - Pabllo Vittar cancela agenda de shows e participação no Criança Esperança por ordens médicas.	89
Figura 26 - Reportagem G1 – O Portal de Notícias da Globo - Pabllo Vittar cancela agenda de shows e participação no Criança Esperança por ordens médicas	91
Figura 27 - Reportagem Folha de São Paulo - Paulo Gustavo está grávido! Humorista terá gêmeos com barriga de aluguel.....	93
Figura 28 - Reportagem Folha de São Paulo - Paulo Gustavo está grávido! Humorista terá gêmeos com barriga de aluguel.....	94
Figura 29 - Reportagem Folha de São Paulo - Paulo Gustavo está grávido! Humorista terá gêmeos com barriga de aluguel.....	95

Figura 30 - Reportagem Folha de São Paulo - Paulo Gustavo está grávido! Humorista terá gêmeos com barriga de aluguel.....	95
Figura 31 - Reportagem Folha de São Paulo - Paulo Gustavo está grávido! Humorista terá gêmeos com barriga de aluguel.....	98
Figura 32 - Reportagem Folha de São Paulo - Paulo Gustavo está grávido! Humorista terá gêmeos com barriga de aluguel.....	99
Figura 33 - Reportagem Folha de São Paulo - Paulo Gustavo está grávido! Humorista terá gêmeos com barriga de aluguel.....	100
Figura 34 - Reportagem G1 - O Portal de Notícias da Globo - Paulo Gustavo anuncia que vai ser pai de gêmeos.....	101
Figura 35 - Reportagem G1 - O Portal de Notícias da Globo - Paulo Gustavo anuncia que vai ser pai de gêmeos.....	103
Figura 36 - Reportagem G1 - O Portal de Notícias da Globo - Paulo Gustavo anuncia que vai ser pai de gêmeos.....	104
Figura 37 - Reportagem G1 - O Portal de Notícias da Globo - Paulo Gustavo anuncia que vai ser pai de gêmeos.....	105

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 PERCUSSO METODOLÓGICO	16
2.1 CONTEXTUALIZANDO E CARACTERIZANDO A PESQUISA.....	16
2.2 A ANÁLISE DO DISCURSO ENQUANTO PRESSUPOSTO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	21
2.3 O DISCURSO NO CIBERESPAÇO: O DIZER DOS/AS USUÁRIOS/AS DO FACEBOOK	26
2.4 O FAZER JORNALISTICO E O GÊNERO NOTÍCIA.....	28
3 CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA: CONCEITUALIZAÇÃO.....	31
3.1 DAS COMUNIDADES VIRTUAIS ÀS REDES SOCIAIS VIRTUAIS.....	35
3.2. DAS REDES SOCIAIS, O FACEBOOK.....	38
4 A HOMOSSEXUALIDADE: CONCEITUALIZAÇÃO E HISTÓRICO.....	43
4.1 LGBTI E IDENTIDADES INDIVIDUAIS	49
4.2 HOMOFOBIA ENQUANTO FENÔMENO COMPLEXO E MULTIFACETADO	52
4.3. ESTÁTISTICAS SOBRE A VIOLÊNCIA À POPULAÇÃO LGBTI NO BRASIL ...	56
4.3.1 <i>Estatísticas Sobre A Violência Homofóbica No Brasil No Ano De 2011</i>	58
4.3.2. <i>Estatísticas Sobre A Violência Homofóbica No Brasil No Ano De 2012</i>	62
4.3.3. <i>Estatísticas Sobre A Violência Homofóbica No Brasil No Ano De 2013</i>	64
4.3.4. <i>A Quantificação Da Homobobia: O Que Os Dados Não Revelam</i>	66
5 ANÁLISES DISCURSIVAS.....	68

5.1 CASO 01 – MÃE E PADRASTO SÃO PRESOS SUSPEITOS DE MATAR JOVEM E QUEIMAR CORPO NO INTERIOR DE SP, EM 12 DE JANEIRO DE 2017, REPORTAGEM FOLHA DE SÃO PAULO;	68
5.2 CASO 02 – COM GRAVE INFECÇÃO, PABLLO VITTAR CANCELA PARTICIPAÇÃO NO ‘CRIANÇA ESPERANÇA’, EM 18 DE AGOSTO DE 2017, REPORTAGEM FOLHA DE SÃO PAULO	80
5.3 CASO 03 – PAULO GUSTAVO ESTÁ GRÁVIDO! HUMORISTA TERÁ GÊMEOS COM BARRIGA DE ALUGUEL, EM 13 DE OUTUBRO DE 2017, FOLHA DE SÃO PAULO.	92
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS.....	111

1 INTRODUÇÃO

As transformações pelas quais o mundo vem passando têm modificado, dentre outros aspectos, a maneira como as pessoas se relacionam umas com as outras. A inserção do computador conectado à internet e mais recentemente de outros aparatos tecnológicos no cotidiano social, como os dispositivos móveis, reformularam a interação humana, sobretudo quando se percebe que as barreiras sociais, culturais, espaciais e temporais foram diluídas e já não se apresentam como empecilhos para a construção e manutenção de redes relacionais entre os indivíduos.

O ciberespaço, conforme definição de Pierry Levy (1990) brindou o mundo com possibilidades diversas e fez a humanidade transportar - para esse espaço desterritorializado - seus costumes, representação, hábitos, sentimentos, atitudes e peculiaridades. A cibercultura, como é denominado esse fenômeno, pode ser entendida como o conjunto de toda produção humana articulada em redes interconectadas de computadores ou dispositivos semelhantes. Martino (2015), no entanto, alerta que o ciberespaço também se tornou o ambiente adequado para que as pessoas igualmente transpusessem suas emoções negativas e suas frustrações. Para ele, porém, esse espaço não é o causador desses sentimentos hostis, mas sua arquitetura aberta, associada à sensação de que todas as coisas se criam e se desfazem ao passo da instantaneidade, possibilita o compartilhamento e a propagação de mazelas sociais que, agora, são tão presentes no ciberespaço, tal como na sociedade desconectada.

Castells (2016) também diz que é no ciberespaço que ocorre uma representação simbólica da vida material dos humanos. Essa perspectiva enfatiza a ideia de que a humanidade sempre viveu a articulação desses dois institutos, já que para perceber e vivenciar a materialidade da vida (realidade concreta) se produz e se consome sinais e representações diversas (realidade virtual). É por isso que Levy (2010) defende que o virtual e o real não se opõem, estando estas entidades interligadas em um processo de mútua influência e sinergia.

As possibilidades disponíveis no ciberespaço se puseram como alicerce para o surgimento das comunidades virtuais: coletivo de pessoas que compartilham, entre si, interesses e objetivos; e que se beneficiam das facilidades desse ambiente sem

território para a criação e manutenção de relacionamentos. Formam-se redes no ciberespaço. Uma teia de nós que deu luz ao que conhecemos, hoje, como redes sociais virtuais ou apenas redes sociais: fenômeno relativamente novo e que ganhou grande notoriedade na sociedade atual.

O Facebook surge, no ano de 2004, despontando com a proposta inicial de possibilitar a interação entre um pequeno grupo de estudantes da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos (AMORIM, 2011).

Hoje, diversas são as ferramentas e utilidades ofertadas por esta rede social e, dentre elas, está a possibilidade de manter-se informado/a devido ao compartilhamento de notícias. Perante a esse oceano de informações, muitos desses sujeitos veem, nesse ambiente, uma oportunidade para expressar suas opiniões e pontos de vista acerca das mais variadas temáticas circulantes na rede, ainda que, muito do que seja exposto ali fuja das práticas de respeito e tolerância que se esperam da humanidade. Amparados/as por um suposto anonimato e por uma liberdade de expressão ilimitada, esses sujeitos propagam manifestações de preconceito e discriminação nesses espaços virtualizados (PENA, 2017).

Dentre outros, a homossexualidade é um dos temas que se apresenta aos/às usuários/as que navegam por entre essa rede social.

Borrillo (2015) vem afirmar que, assim como a heterossexualidade e a bissexualidade, a homossexualidade é uma manifestação legítima do pluralismo sexual das pessoas, não cabendo, portanto, distinções que estabeleçam qualquer tipo de hierarquização entre essas expressões humanas. No entanto, historicamente, a sociedade construiu diferentes maneiras de perceber e encarar a sexualidade não heterossexual. É isso que aponta Rios (2002) ao discorrer sobre as quatro concepções sociais sobre esse tema. Esse autor pauta seu trabalho na perspectiva de que a sociedade percebeu e ainda percebe a homossexualidade a partir de quatro posições: como uma doença, como um pecado, como um critério neutro e como uma construção social.

Algumas dessas visões podem ser consideradas como as sementes que originaram a hostilidade a esse grupo de pessoas. De forma geral, a homofobia, para Borrillo (2015), é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o/a outro/a como contrário, inferior ou anormal, pelo simples fato dele/a ser quem ele/a é. É uma violência que se apresenta de várias formas, uma manifestação que exclui

o/a homossexual de sua humanidade, dignidade e personalidade devido à sua diferença (BRASIL, 2013).

No Brasil, dados disponibilizados pelo Ministério de Direitos Humanos da Presidência da República, através do Relatório de Violência Homofóbica, e que serão apresentados ao longo desse trabalho, revelam um alto índice de violência brutal contra a população LGBTI. (BRASIL, 2012; 2013; 2016).

À homossexualidade, sempre foi destinado o lugar do discurso velado, do silêncio absoluto, do não-dito, do implícito e do proibido. Embora presente na sociedade desde sua concepção, a ela, à homossexualidade, lhe cabia a marginalização, o posto de escória social, de heresia, de atrevimento (BORRILLO, 2015; FOUCAULT, 2017; REIS, 2015). Hoje, entretanto, com a proliferação das redes sociais, esse tema é levado ao debate cotidianamente por entre os laços que o ciberespaço estabelece.

Foi então, diante desses contextos, que surgiu a seguinte pergunta de pesquisa: quais as posições de sujeitos materializadas em postagens compartilhadas por portais de notícias no Facebook sobre questões relacionadas à homossexualidade?

Assim, buscando perceber como a homossexualidade é tratada nas redes sociais virtuais, essa pesquisa se inseriu nesse ambiente com a finalidade de proceder com a coleta dos dados a serem postos à análise. Desse modo, delineou-se como recorte, o acompanhamento a páginas públicas no Facebook de três grandes portais de notícias brasileiros: G1 – O Portal de Notícias da Globo, Folha de São Paulo e UOL Notícias. Esse monitoramento se deu durante janeiro e dezembro de 2017. Feito isso, tornamos nosso foco para as publicações de notícias que abordavam a questão da homossexualidade, e, por conseguinte, para os discursos que os usuários/as produziam em comentários sobre essa temática.

Em seguida, após o recolhimento dos dados, tomamos como norte a Análise do Discurso de linha francesa, com o intuito de, assim, trazer à tona os vestígios históricos, ideológicos, sociais materializados nesses discursos. Por esse pressuposto teórico-metodológico buscamos evidenciar as condições e os processos de produção desses discursos, levando em consideração que nenhuma produção de dizer é nula, isenta de marcas (ORLANDI, 1999).

Ao tomar como rumo a Análise do Discurso, essa pesquisa se propôs a saber quais as posições de sujeitos materializadas em resposta a postagens

compartilhadas por portais de notícias no Facebook sobre questões relacionadas à homossexualidade. Essa proposta se mostra, também, uma maneira de perceber como a homofobia, fenômeno excludente que causa latentes efeitos colaterais, se apresenta ou não, hoje, nesse contexto em que o mundo está cada vez mais conectado e virtualizado através das teias do ciberespaço, das redes sociais e, especialmente, do Facebook.

Frente a isso, o referido trabalho tem como objetivo geral analisar os discursos produzidos pelos sujeitos em postagens divulgadas por portais de notícias brasileiros no Facebook sobre questões relacionadas à temática da homossexualidade. Já seus objetivos específicos se desdobram em analisar quais as posições discursivamente assumidas pelos portais de notícias brasileiros no Facebook sobre as questões relacionadas à homossexualidade; Identificar os lugares ideológicos dos sujeitos que comentam as postagens dos portais de notícias no Facebook sobre as questões relacionadas à homossexualidade; identificar quais as formações discursivas que podem ser encontradas nesses discursos.

Essa pesquisa vai se justificar:

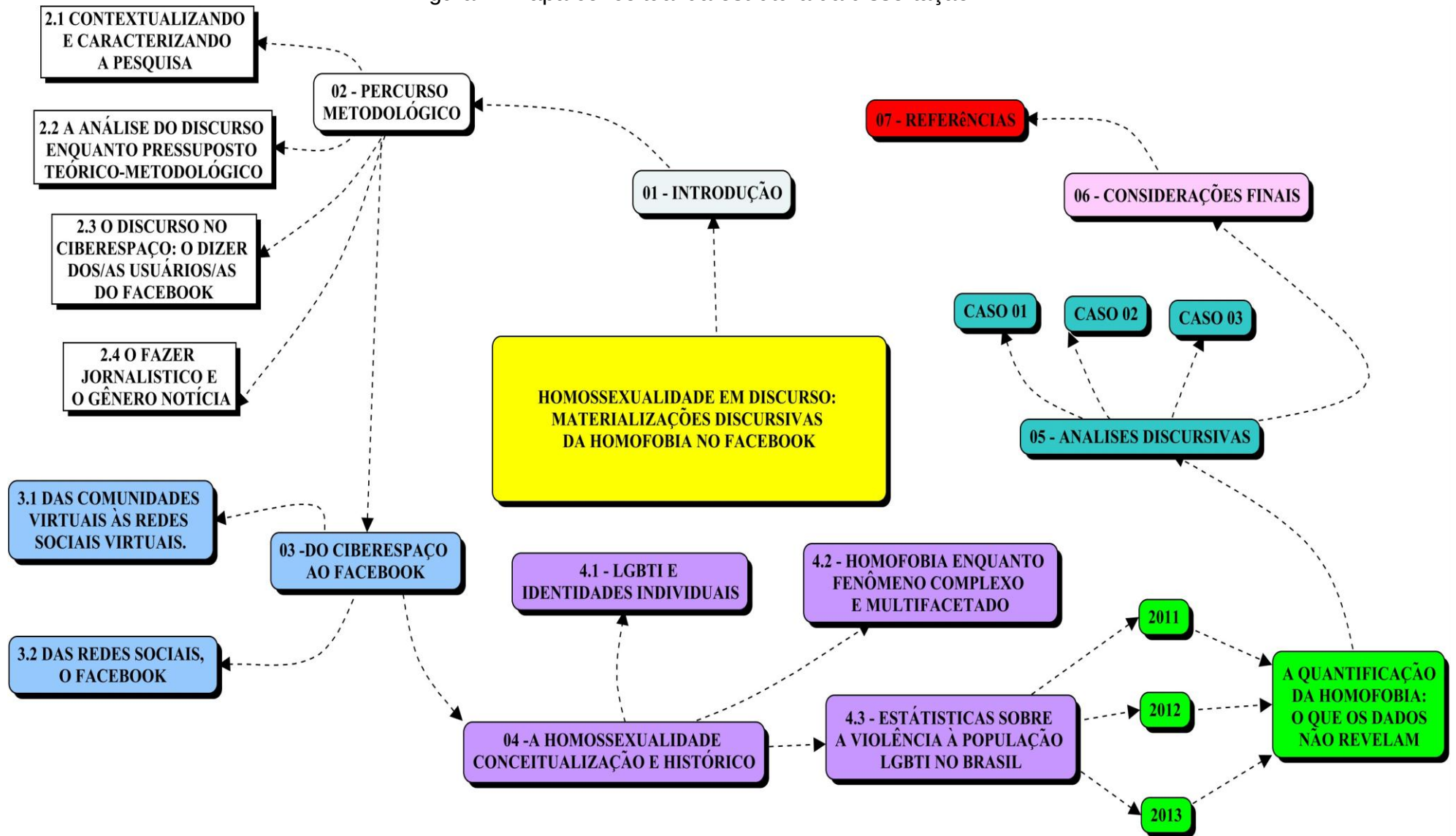
Do ponto de vista acadêmico e institucional por encontrar concordância com o que versa o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFPB, 2014-2018, ao promover, através do conhecimento produzido na Universidade, melhor compreensão desse fenômeno específico que agora se manifesta e se propaga através das conexões cibernéticas. Essa pesquisa coaduna, sobretudo, com a missão e os valores institucionais, quando estes destacam o respeito à diversidade, a valorização do ser humano e a estreita interação com os movimentos sociais para que, em união, tornem possível a construção de uma sociedade mais justa (UFPB, 2014);

Do ponto de vista social, pois se trata de uma forma legítima de abordar uma temática necessária e que, devido aos aparatos tecnológicos inseridos na sociedade, acaba por ganhar novas formas de manifestação. Ademais, a violação contra a população LGBTI, neste ambiente das redes sociais, é uma abordagem ainda pouco estudada e, conseqüentemente, pouco evidenciada cientificamente.

E por último, do ponto de vista pessoal, por ser usuário de redes sociais e deparar-me, frequentemente, com discursos de ódio travestidos de liberdade de expressão e de opinião, e nesse contexto as redes sociais virtuais se transformam em instrumento propulsor de preconceitos e discriminações. Motivo-me, também, por

acreditar numa sociedade mais tolerante e mais igualitária, onde o respeito possa guiar todos/as a uma convivência mais pacífica em que as diferenças sejam abraçadas e não se transformem em motivos para repulsa e segregação.

Figura 1- Mapa conceitual da estrutura da dissertação



2 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo abordamos o caminho trilhado para construção metodológica que serve de alicerce para essa pesquisa.

De início, realizamos um levantamento bibliográfico, em língua portuguesa e inglesa, para construção do arcabouço teórico utilizado. Para a formulação da fundamentação teórica, recorremos a autores que, com suas obras, são referências nos estudos sobre as temáticas aqui abordadas, dentre os quais estão Borrillo (2015), Foucault (2017), Junqueira (2007), Levy (2010), Orlandi (1999; 2012), Reis (2015) e Rios (2002). Ainda, por intermédio do portal de periódicos da Capes buscamos por artigos, dissertações e teses que tratam sobre os temas deste trabalho. Nessas buscas utilizamos combinações das palavras-chave homofobia, ciberespaço, Facebook, redes sociais, homossexualidade. Esse levantamento se limitou, ainda, a pesquisas realizadas no Brasil entre os anos de 2011 e 2017.

Em seguida, foi definida uma ponte temporal compreendida entre o primeiro e o último mês de 2017 para realização da coleta dos dados necessários.

Já com o material colhido e o arquivo textual construído, partimos para análise dos dados orientados/as à luz do pressuposto teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa.

Assim, detalhamos o percurso metodológico utilizado nas seções que seguem, a saber: Contextualizando e caracterizando a pesquisa; A análise do discurso enquanto pressuposto teórico-metodológico; O discurso no ciberespaço: como dizem os sujeitos.

2.1 CONTEXTUALIZANDO E CARACTERIZANDO A PESQUISA

O lócus dessa pesquisa é o espaço cibernético das redes sociais, de onde foram realizadas a coleta e composição dos dados a serem analisados. Amaral, Natal e Viana (2008), utilizando-se do que disse Kozinets (2002) apresentam três formas para coleta e análise de dados extraídos da internet. A primeira se refere à busca direta desses dados junto aos membros das comunidades virtuais pesquisadas, na qual a produção desses dados ocorre enquanto os/as usuários/as

navegam por esse espaço conectado. A partir disso, o/a pesquisador/a utiliza-se de filtros pré-estabelecidos para detecção daquilo que é relevante para seu trabalho e, ao encontrar, reserva essas informações para posterior análise. Outra forma de captura desses dados, segundo as autoras, é a observância das práticas comunicacionais e interacionais dos sujeitos dentro do ciberespaço. Já a derradeira técnica se porta à possibilidade de entrevistas através das ferramentas virtuais, como a troca de e-mails ou por intermédio de chats on-line. Para essa pesquisa utilizaremos a primeira perspectiva.

Após a inserção no lócus da pesquisa e munidos/as dos filtros de seleção, que serão apresentados logo em seguida, colhemos os dados diretamente produzidos pelos/as usuários/as do Facebook e os analisamos à luz do que precede a Análise do Discurso. Sendo assim, é oportuno destacar, por ora, que os enunciados os quais se constituem de comentários de usuários/as do Facebook foram transcritos tal quais postados nesse ambiente virtual, sem a preocupação com o aspecto formal da língua portuguesa. Daí a possível existência de desconformidades com a norma culta.

Assim sendo, esse trabalho de abordagem qualitativa se propõe a analisar os discursos produzidos por sujeitos inseridos no ciberespaço acerca da temática da homossexualidade. Como recorte, buscou-se verificar como esses/as usuários/as se manifestam sobre o referido tema dentro da rede social virtual Facebook.

O Facebook foi escolhido como lócus por se tratar da maior e mais importante rede social virtual do planeta. Dados recentes informam que essa plataforma é a rede social com maior número de usuários/as e que apresenta, também, maior crescimento, sendo, inclusive, a mais utilizada em todo o mundo. (GONDIM, 2017). O crescente número de usuários dessa rede social coaduna com o que diz Martino (2015, p.28) quando ele afirma que “quanto mais o ciberespaço se expande, maior o número de indivíduos e grupos conectados gerando e trocando informações, saberes e conhecimentos”.

Para a concretude dos objetivos propostos, essa pesquisa limitou-se a acompanhar os perfis públicos no Facebook de três grandes portais de notícias brasileiros e, mais especificamente, a divulgação de informações que abordassem o assunto da diversidade sexual e, conseqüentemente, a produção de discursos por parte dos sujeitos sobre essa questão.

A definição dos perfis para acompanhamento levou em consideração dois critérios: o público alvo dessas páginas no Facebook e o número de pessoas que seguem as publicações daquele perfil.

Primeiro, buscou-se páginas públicas de noticiários com trabalhos direcionados ao público em geral e não aquelas com produção de conteúdo focalizado diretamente às pessoas LGBTI, o que poderia fragilizar a pesquisa, já que se suspeita que os dizeres produzidos nessas páginas pró-LGBTI seriam, em grande parte uniformes e em consonância com essa população, ainda que, considera-se a existência de usuários *haters*¹, que atuam invadindo essas páginas virtuais para propagação do ódio a essas pessoas.

Em seguida, o critério que considerou a quantidade de pessoas, as quais seguem essas páginas, mostra-se relevante, pois as publicações, ali divulgadas, atingem maior número de sujeitos e, assim, acredita-se, haverá uma maior diversidade de comentários e discursos produzidos.

Portanto, o primeiro perfil selecionado foi a página do noticiário G1 – O Portal de Notícias de Globo (@g1), por destacar-se com mais de nove milhões e oitocentos mil usuários/as.

Figura 2 - G1- O portal de Notícias da Globo – Total de seguidores



Fonte: Página no Facebook do G1 – O Portal de Notícias da Globo em 08/09/2017

Em seguida foi selecionado o perfil da Folha de São Paulo (@folhadesp) que possui mais de cinco milhões e novecentos mil seguidores/as no Facebook.

¹ - Haters são usuários/as das redes sociais que fazem discurso de ódio e atacam outras pessoas que têm opiniões diferentes das suas. (UOL, 2017)

Figura 3- Folha de São Paulo - Total de Seguidores



Fonte: Página no Facebook da Folha de São Paulo em 08/09/2017

Por fim, a outra página selecionada foi a do Uol Notícias (@UOLNoticias) com mais de quatro milhões e seiscentos mil seguidores/as.

Figura 4- UOL Notícias - Total de Seguidores



Fonte: Página no Facebook do UOL Notícias em 08/09/2017

O acompanhamento da produção de discursos e o levantamento de dados se deram durante o período de janeiro a dezembro de 2017, totalizando 12 meses.

Entende-se que ao publicar notícias sobre algum acontecimento que envolvia a homossexualidade, esses três noticiários, ainda que tacitamente, convidam seus/suas seguidores/as a discutir essa temática, tendo o Facebook como suporte para tal. Foi nesse cenário que tal pesquisa se concentrou.

Durante a coleta desses dados, constatou-se a necessidade de estabelecer uma outra filtragem para seleção dos casos que seriam analisados, já que a quantidade de notícias compartilhadas pelas páginas acompanhadas sobre a

temática central dessa pesquisa mostrou-se além das possibilidades limitantes deste trabalho. Desse modo, como critério para redução, a partir do material que foi coletado, direcionamos a análise àquelas notícias que tivessem sido compartilhadas por mais de um dos portais acompanhados. Com esse critério buscamos perceber como os sujeitos, usuários/as do Facebook, produzem seus discursos sobre o tema a partir do compartilhamento em seu *Feed de notícias*², dos mesmos casos, porém por diferentes páginas. Assim, com o delineamento da pesquisa, buscamos uma qualidade mais efetiva na análise dos dados sem que isso comprometa a concretude dos objetivos propostos.

Seguindo esses procedimentos, buscou-se elaborar um arquivo textual que retratasse a forma como os sujeitos, ocupantes do lugar de usuários/as do ciberespaço, participantes da rede social Facebook e interessados/as pelas notícias vinculadas e divulgadas pelas páginas observadas, se manifestam quando a temática da homossexualidade surge em seu *feed* particular. Sendo assim, a produção desse arquivo textual vai representar o dispositivo teórico-analítico, por intermédio do qual, buscará interpretar os dados coletados.

Quanto à privacidade on-line, Fragoso, Recuero e Amaral (2013) apontam para a classificação do ciberespaço em quatro níveis de categorização, sendo eles: público (aberto e disponível a todos); semipúblico (requer cadastro ou participação); semiprivado (requer convite ou aceitação) e privado (requerer autorização direta).

Sobre a coleta e a divulgação de dados oriundos da internet, continuam:

Essa percepção sugere a possibilidade de trabalhar os dados encontrados na rede conforme o tipo de situação em que foram disponibilizados. Por exemplo, a publicação de dados ou opiniões em um sistema aberto ou semipúblico implicaria que os mesmos poderiam ser trabalhados e divulgados pelos pesquisadores sem necessidade de autorização das pessoas que os originaram ou às quais eles dizem respeito. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013, p.21)

Sendo assim, podemos afirmar que os dados coletados para essa pesquisa se configuram como públicos, já que são provenientes de discursos produzidos em

² O *Feed* de Notícias, ou simplesmente feed, pode ser entendido como página inicial do Facebook, na qual cada usuário/a recebe atualização do conteúdo produzido pelas páginas e outros/as usuários/as. Serve para manter o/a usuário/a conectado/a com pessoas, locais e assuntos importantes, começando com amigos/as e família (FACEBOOK, 2018).

páginas do Facebook abertas. Ainda assim, a pesquisa em questão se preocupou em descaracterizar as fotos e nomes dos/as usuários/as, evitando, portanto, que eles/as possam ser identificados/as, já que o foco desse trabalho é o discurso produzido pelos sujeitos e não propriamente a identificação dos mesmos.

2.2 A ANÁLISE DO DISCURSO ENQUANTO PRESSUPOSTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A humanidade, ao longo de sua existência, sempre buscou formas de produzir conhecimento sobre o mundo e a realidade que a cercavam. Tal anseio por desvendar o desconhecido fez por garantir a sobrevivência e a evolução da espécie humana até os dias de hoje e só se tornou possível através do ato instintivo de pesquisar. Por isso, podemos considerar que a pesquisa é uma atividade essencial e atrelada às pessoas e que, constantemente, estamos em busca da construção de significados para nossa realidade, a fim de darmos respostas às nossas indagações e inquietações.

Para compreendermos melhor o que vem a ser a pesquisa, recorreremos às palavras de Duarte (2002, p.140):

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais.

É possível, então, por meio das palavras do autor supracitado, perceber que uma mesma situação ou realidade pode ser compreendida através de distintas formas, ou seja, podemos olhar para uma mesma direção e enxergamos diferentes horizontes, diferentes possibilidades, distintas nuances. Tal diferenciação é atrelada, entre outros fatores, às experiências individuais de cada pessoa/pesquisador/a, ao seu *know-how*, à sua bagagem de vida, ao seu viés ideológico. Sendo assim, é pertinente, também, compreender que não há posicionamento ou reflexão isentos de influências subjetivas e ideológicas. Nenhum posicionamento, portanto, deve ser considerado transparente em sua totalidade.

É nesse direcionamento, então, considerando que não existe posição neutra, e que esses posicionamentos se constituem através do uso de linguagens, as quais

são sempre prenhes de significados, que esta pesquisa recorreu ao pressuposto teórico-metodológico da Análise do Discurso, ou simplesmente AD, para servir de aporte no intuito de atingir os objetivos propostos e de responder o problema central desta atividade acadêmica.

Preliminarmente, é necessário que compreendamos que a AD não se preocupa exclusivamente com língua, cuja responsabilidade recai sobre a Linguística, nem com suas estruturas e suas normas, já que esse campo pertence à Gramática. Ainda que esses dois aspectos lhes interessem, a AD trata objetivamente do discurso que, por sua vez, é posto como a palavra em movimento, a prática da linguagem. Esse pressuposto teórico-metodológico se propõe a perceber a língua em seu sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social, constitutivo da humanidade e de sua história (ORLANDI, 1999).

Para a AD, o que importa é a linguagem enquanto discurso constituinte do sujeito na trama histórica. É por isso, portanto, que elementos da ordem gramática, por exemplo, são colocados em segundo plano. (OLEGÁRIO, 2010).

A AD serve, pois, de instrumento para que ponderemos as relações e condições em que os discursos são produzidos, ou seja, essa disciplina considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. (ORLANDI, 1999, p.16). A linguagem, portanto, não deve ser reflexionada como elemento isolado, aquém de fatores como os aspectos social e histórico. É necessário, sim, para compreender o discurso, estabelecer relações entre os dizeres e toda exterioridade que lhes afeta, pois não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem atrelamento ideológico.

Enquanto disciplina, a AD se fundou sob o tripé da Linguística de Saussure, do Materialismo Histórico de Karl Marx e da Psicanálise de Freud. Ressalta-se que o objeto de estudo da AD é o discurso, no entanto, por ser considerada uma disciplina de fronteiras, ela transita e toma como base conceitos desses outros três campos. É dessa forma, então, que temos o discurso como um produto que mantém relação com a exterioridade sócio-histórico, com o ideológico e com o subconsciente do sujeito que o produz. (GREGOLIN *et al*, 2001; ORLANDI, 1999)

Diferentemente do que conhecemos sobre transmissão da informação, na qual existe uma relação entre o/a emissor/a e o/a receptor/a, em que este espera e codifica a mensagem enviada por aquele, e após há o processo de retroalimentação

dessa informação, na AD essa estrutura é desconstruída, já que a mensagem é sobreposta pelo discurso em um processo de significação que acontece de forma contínua, além de proporcionar o envolvimento dos sujeitos, uma vez que eles não se encontram em espaços separados. Temos, pois, um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade, etc. (ORLANDI, 1999, p.21).

Compreender o discurso é ultrapassar a fronteira do que é dito, do que fica às margens do objeto simbólico, seja ele um texto, uma música, um enunciado ou uma obra de arte. É perceber que esse objeto simbólico foi constituído em um contexto revestido de influências exteriores e que sua construção vai além da intenção explícita do sujeito. É entender, inclusive, que há significação naquilo que não foi dito e, também, naquilo que poderia ser dito, mas, que por alguma maneira, não foi.

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios [...] Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito o não foi. (ORLANDI, 1999, p.30, grifo do autor).

A produção do discurso torna-se possível a partir da existência de algumas condições. Basicamente, essas condições se referem ao sujeito e à situação de produção, porém quando relacionamos essas condições de maneira estrita, estaremos fazendo referência ao contexto imediato. Já quando essas condições partem de um sentido ampliado, temos o contexto sócio-histórico, ideológico, que surge na formulação do discurso (ORLANDI, 1999).

Outro aspecto de importância para produção do discurso é o que se refere à memória discursiva ou interdiscurso. Trata-se, pois, de tudo aquilo que já foi dito, em outro lugar, em outro momento. Remete a experiências passadas, mas que afetam o sujeito atual e, conseqüentemente, o discurso atual, na situação atual. Por esse direcionamento, podemos afirmar que os sujeitos não são donos/as do discurso que produzem. Assim, seus dizeres encontram-se presos a dizeres produzidos em algum momento no passado. Há, portanto, uma rede de sentidos por onde os discursos se entrelaçam e se vinculam, produzindo efeitos que perpassam a barreira espaço/temporal e deixando vestígios nos dizeres produzidos atualmente.

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa em nossas palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse “x” [...] O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados. (ORLANDI, 1999, p.32, grifo do autor).

Por esse mesmo direcionamento, chegamos ao que denominamos de relação de sentido, um mecanismo no qual há um retorno a esse pensamento de que não existe discurso inédito. Há, verdadeiramente, uma ligação entre o discurso atual, uma retomada de discursos prévios e um aporte para discursos futuros, ou seja, existe, de fato, um processo discursivo contínuo no qual há uma troca de influência entre o que já foi dito, entre o que se diz e entre o que se dirá. Podemos afirmar, portanto, que o discurso não é um produto fechado e limitado, e sim uma construção sistemática. A AD também considera o que chamamos de antecipação. Por esse instituto, o sujeito coloca-se no lugar de seu/sua interlocutor/a na tentativa de antecipar-se ao sentido que seus dizeres produzem. Em outras palavras, o sujeito produzirá sua fala com base na expectativa do que esse discurso vai reverberar no outrem. Há nesse mecanismo, então, a criação de argumentação para aquilo que se espera como reação do outro sujeito. A articulação do discurso é dada, pois, através de uma criação estratégica, sob a qual se estruturam as expectativas do sujeito quanto ao efeito que sua discursividade vai provocar na outra parte. Existe, ainda, a chamada relação de força ou de poder possivelmente compreendida como uma cadeia hierarquizada que define qual o discurso se sobrepõe a outro. É o lugar de fala do sujeito que vai definir a força que tem seu discurso. Em um time de futebol, por exemplo, a fala que vai ter força entre essa equipe é o discurso daquele/a jogador/a que desempenha o papel de capitão/ã. Da mesma forma, levando em consideração o local de fala, o discurso produzido pelo/a técnico/a desse mesmo time vai se sobrepor às demais. E assim por diante (ORLANDI, 1999; GREGOLIN *et al*, 2001).

Sobre as relações de poder que permeiam o discurso, Olegário (2010), à luz dos ensinamentos de Foucault, nos explica que:

Elas são móveis, reversíveis e instáveis, podendo se encontrar em diferentes níveis, sob diferentes formas. O poder está sempre presente, na forma da relação em que cada um procura dirigir a

conduta do outro, que também resiste a essa tentativa. As relações de poder se materializam institucionalmente ao tomar corpo nos aparelhos estatais, na formação de lei, nas hegemonias sociais. Elas se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações, mas lhe são imanentes; são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdade e desequilíbrios que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são condições internas dessas diferenciações. (OLEGÁRIO, 2010, p.35)

Tal consideração é um convite à reflexão de como de como os discursos são constituídos e perpetuados socialmente, com efeitos, inclusive, na composição de leis e outros mecanismos de regulação social. É essa relação de poder que, por exemplo, criou e reverberou por muito tempo o discurso de que lugar de mulher é dentro de casa, protetora do lar e cuidadora da família. E também aquele discurso que propaga que um casal de pessoas do mesmo sexo não pode adotar uma criança pois a influenciarão a ser homossexual também. Há, pois, nesse tipo de discursividade uma relação de poder evidente que transpassa imposições e manipulações sociais através do tempo, apontada, inclusive por Gregolin *et al* (2001), em referência a Bourdieu (1998) quando diz que os discursos são, além de tudo, signos de autoridade a serem aceitos e obedecidos.

Como dito, todo discurso estará atrelado a um reflexo ideológico na formação do sujeito. Não existe discurso isento; há sempre uma corrente ideológica na formação dessa posição de fala que se transparecerá em evidências. Para Orlandi (1999), inclusive, é isso que a ideologia desempenha: a produção de evidências que colocam o indivíduo na relação imaginária com suas condições matérias de existência. Pode-se dizer, então, que a ideologia é condição *sine qua non* para composição do sujeito discursivo. Sendo assim, não há o que se falar sobre discurso sem sujeito, nem sobre sujeito sem atrelamento ideológico. Não há, sequer, realidade sem ideologia. “Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido”. (ORLANDI, 1999, p.48).

De toda forma, é pertinente que saibamos que não existem, também, sujeitos ou sentidos completos. Estes são constituídos ininterruptamente, como um produto de toda a exterioridade que lhes afeta.

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência,

por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber, poder, dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. (ORLANDI, 1999, p.53).

Então, a AD busca, pois, essas evidências deixadas nos discursos produzidos, considerando, para isso, toda influência externa que afeta os sujeitos nesse processo de produção. É justamente através desses vestígios que os dizeres podem ser compreendidos plenamente.

2.3 O DISCURSO NO CIBERESPAÇO: o dizer dos/as usuários/as do Facebook

O ciberespaço provocou e provoca mudanças de paradigmas nos comportamentos sociais, além de colocar em cena novas formas de se expressar. Nesse contexto, o espaço virtualizado desponta como local oportuno para manifestações de posicionamentos, ainda que muitas delas tragam em seu arcabouço expressões que se afastam da urbanidade e do respeito coletivo.

Em tempos de redes sociais, podemos observar que os discursos produzidos pelos sujeitos se dão por meio de novas linguagens e novos símbolos. Quando afunilamos mais esse universo e tornamos nosso foco para o *Facebook*, podemos perceber ainda que, além dos textos produzidos por palavras, os sujeitos produzem seus discursos por meio de curtidas em *posts*, compartilhamentos de conteúdos, *emojis*³, *memes*⁴, *hashtags*⁵, figuras, vídeos. Sob esse prisma, retomamos o pensamento de Orlandi (1999), quando nos convida a refletir acerca de que os sentidos do discurso se expandem para além do que foi dito, atingindo o que não foi dito e, ainda, aquilo que poderia ter sido dito e que não foi. O discurso, aqui, nas redes sociais vai além do texto escrito em telas, ofertando todas essas

³ Os emojis são figuras geradas para representar emoções humanas (PAIVA, 2016)

⁴ Meme são criações dos/as usuários/as da internet e que misturam uma situação que, em geral, obteve destaque na mídia, com diversas situações cotidianas e que ganham tom humorístico e irônico. Presente nas redes sociais, o meme é direcionado a situações de humor, mas, também, para críticas sociais, política e culturais. (GUERREIRO, SOARES, 2016).

⁵ Hashtags são palavras ou frases escritas precedidas do símbolo #. Servem para categorizar publicações, indexando conteúdos e tornando-os aptos para busca. As hashtags são de livre criação pelo/a usuário/a (PINTO, THEODORO, OLIVEIRA, 2016)

possibilidades aos/às usuários/as do ciberespaço de dizer o que pretendem, mas sem usar, necessariamente, a simbologia do alfabeto escrito. O discurso se realiza, assim, independentemente do uso de textos escritos. Outras maneiras de posicionamento estão a um clique do sujeito.

Para efeito de contextualização dessa pesquisa, sempre que nos referirmos a texto, sobretudo no ambiente virtualizado do *Facebook*, estaremos nos direcionando a todas essas formas virtualizadas de manifestação e sua discursividade.

Para a AD, o texto representa a unidade de análise, não importando sua extensão, nem se é um texto verbal ou não-verbal. É no texto que o discurso se materializa e é nele que os aspectos históricos-sociais, ideológicos e subjetivos se solidificam.

Se o texto é unidade de análise, só pode sê-lo porque representa uma contrapartida à unidade teórica, o discurso, definido como efeito de sentido entre locutores. O texto é texto por que significa. Então, para análise de discurso, o que interessa não é a organização linguística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade: linguístico-histórica. (ORLANDI, 1999, p.69.)

Quando pensamos nos textos produzidos no *Facebook*, devemos compreender como eles produzem sentido, levando-se em consideração, para isso, como se relacionam com os diferentes processos de significação e toda exterioridade. É necessário, também, entender que esse texto não se trata de um produto acabado, fechado. Ele sempre vai carregar consigo a memória discursiva e vai apontar para outro texto, para outro discurso. Tem-se, pois, um processo em curso, não sendo um conjunto de texto, mas sim, uma prática que traduz a sociedade na história atual: a sociedade conectada.

Por esse viés, os textos inseridos naquela rede social são as unidades de análise que serão a ponte de acesso aos discursos produzidos pelos sujeitos no ciberespaço. Como unidade de análise que são, esses textos trazem em si espaços significantes e, como todo objeto simbólico, são objetos de interpretação. Além de lê-los, devemos trazer à tona os sentidos que estão neles e as relações de poder que ali se fazem latentes. Relações essas que são potencializadas devido à fácil e intensa interligação cultural e social proporcionada pelo ciberespaço.

No entanto, é pontual dizer que a AD prefere trabalhar com um “arquivo textual”. Isso significa afirmar que os processos de produção, circulação e

interpretação dos sentidos não são apreendidos em um único texto (GREGOLIN *et al*, 2001). O arquivo textual é definido, portanto, como um conjunto de documentos disponíveis e que aborda determinada questão, ou como diz o próprio Pêcheux (1994, p.51), o arquivo textual é entendido no sentido amplo de campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão.

Deve-se considerar, ainda, que o sujeito que produz o discurso nessa rede social, o faz enquanto usuários/as do ciberespaço. Um mesmo sujeito, desse modo, pode desenvolver diferentes discursos a depender do lugar de fala que ocupa. Para esse trabalho, o lugar de fala do sujeito-foco dessa pesquisa será o ciberespaço, mais precisamente o *Facebook*.

Considerando que um mesmo indivíduo pode ocupar diferentes posições e diferentes lugares de fala, e considerando, ainda, as novas e atuais maneiras de se construir o discurso, é o que vai direcionar essa pesquisa. Analisar o discurso dos sujeitos inseridos no ciberespaço, principalmente sobre o tema da homossexualidade, um assunto que ainda hoje esbarra em preceitos coletivizados, reveste essa pesquisa de importância, sobretudo quando se percebe a existência de uma troca de valores na sociedade e que práticas discursivas de intolerância, como às referidas à sexualidade alheia, acabam sendo tratadas, não como violentas e repressoras, mas, antes como naturais, evidentes e absolutamente indispensáveis. (OLEGARIO, 2010, p.39-40).

Assim, servirão como arquivo textual para análise nessa pesquisa, os discursos produzidos por usuários/as do Facebook a partir do compartilhamento, por parte dos portais de notícias apresentados na seção 2.1 deste trabalho, de notícias relacionadas à temática da homossexualidade. Para isso, o próximo capítulo será dedicado ao gênero textual notícia.

2.4 O FAZER JORNALÍSTICO E O GÊNERO NOTÍCIA

A atividade jornalística tem como princípio a divulgação de informações que abordem objetos reais de interesse público materializadas em textos, orais ou escritos, tendo veículo para sua propagação suportes como o jornal, a revista, a rádio, a televisão e, mais recentemente, as possibilidades ofertadas pela internet. Para tanto, o profissional dessa área trabalha na seleção, coleta, redação, edição e publicação desses fatos. “O relato jornalístico deve noticiar fatos e objetos reais de

modo fiel, ter fontes de informação confiáveis e ser convincente.” (ANGELI, 2017, p.10).

Hoje, de acordo com os estudos da autora supracitada, o fazer jornalístico passa atualmente por uma fase, a qual ela chama de quarta fase e que se denomina de jornalismo de comunicação. Para ela, essa etapa do jornalismo tem como características as diversas possibilidades de suportes midiáticos e dos serviços de informação, alavancados, sobretudo, pelo desenvolvimento de novas tecnologias, com especial destaque para a internet. É nesse contexto que as redes sociais e, mais precisamente, o Facebook, despontam como suporte para o compartilhamento das notícias produzidas.

Assim, como todas as áreas em que há a produção de textos, o espaço jornalístico vai delinear características que distingam suas produções das demais. Dentre os gêneros textuais pertinentes a essa atividade, aqueles intitulados como gêneros informativos são os que interessam a essa pesquisa. Tal produção é direcionada à

[...] reprodução dos acontecimentos reais por meio da imparcialidade, da veracidade e da objetividade. A intenção é a de que a informação seja apresentada de modo que os leitores possam formar as suas próprias opiniões sobre o relato. (ANGELI, 2017, p.17).

Nesse nicho estão inseridas a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista (COSTA, 2010, apud ANGELI, 2017).

A notícia pode ser considerada como o gênero jornalístico de maior alcance e presença, em especial quando se contextualiza com as possibilidades ofertadas pelos meios digitais. A notícia tem como proposta narrar acontecimentos novos e relevantes aos seus/suas leitores/as, por meio de uma produção isenta de parcialidade e na qual a pessoa que o produza - o jornalista ou a jornalista - trace estratégias que minimizem sua interferência pessoal e que, com isso o texto se torne o mais informativo e neutro possível. (ANGELI, 2017)

Oportunamente, assim como nos revela a Análise do Discurso quando diz que todo dizer é impregnado de fatores ideológicos, históricos e sociais, (ORLANDI, 1999), a produção de notícias, como discurso que é, também carrega em si esses vestígios e marcas. A mesma autora que traz a definição do que é a notícia também afirma que “não existe a imparcialidade total no discurso jornalístico.” (ANGELI, 2017, p.22) e que, além disso

o conteúdo e o modo de dizê-lo dependem do público-alvo do jornal, dos recursos que dispõe o profissional, das fontes de informação, das condições econômicas e técnicas, dos objetivos da empresa e dos financiadores, das regras e normas que definem o que é jornalismo em uma sociedade, entre outros fatores. (ANGELI, 2017, p.12).

Além disso, destaca a autora, que a divulgação de notícias por meios digitais possibilita que os/as profissionais que desempenham essa atividade tenham maior liberdade na escrita, inclusive com a facilidade de atualizar o ocorrido em tempo real, o que não acontece, por exemplo, com os antigos suportes físicos nos quais, além do espaço em que a notícia é divulgada ser mais limitado, a atualização desses fatos acontece com uma periodicidade já definida e que depende da publicação do jornal ou revista em questão, o que pode representar um espaço de tempo de um dia, de semana, de quinzena ou até de mês ou meses (ANGELI, 2017). O ciberespaço desponta, nesse cenário, como um facilitador na produção, atualização, compartilhamento e alcance dos fatos noticiados. O ciberespaço será o foco do próximo capítulo dessa pesquisa.

3 CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA: CONCEITUALIZAÇÃO

As tecnologias, surgidas através do processo globalizatório, trouxeram à sociedade mundial novas maneiras de comunicação e relacionamento, rompendo todos os limites físicos, culturais e temporais até então existentes. Hoje, os meios comunicacionais permitem o acesso a pessoas, costumes, culturas, lugares e conteúdos. Toda essa facilidade pode ser usufruída independentemente do lugar em que estejamos, basta apenas uma conexão com a grande rede, a Internet. Ianni (2002), quando aborda esses avanços tecnológicos, vem explicar que os meios de comunicação adquiriram maiores recursos, mais dinamismos, alcances mais distantes, rompendo e ultrapassando fronteiras geográficas, culturais, religiosas, políticas.

O desenvolvimento dessa nova forma de interação entre pessoas fez a humanidade transpassar o modelo de transmissão das informações com as figuras isoladas do emissor e do receptor, adotado, antes, por meios de comunicação como o rádio e a televisão. Esse processo informacional passou a dar-se, nesse contexto, de modo cada vez mais intenso e compartilhado, de forma que a instantaneidade, a interatividade e a rapidez podem ser consideradas as principais características da sociedade global moderna. Vive-se a chamada Cibercultura. Essa nova realidade carrega como ponto marcante a intensa velocidade de transformação, que faz disseminar, por vezes, a sensação de estar perdido/a diante de constantes atualizações. (LEVY, 2010)

Martino (2015, p.27) vem definir cibercultura da seguinte forma:

O termo designa a reunião de relações sociais, das produções artísticas, intelectuais e éticas dos seres humanos que se articulam em redes interconectadas de computadores (...) Trata-se de um fluxo contínuo de ideias, práticas, representações, textos e ações que ocorrem entre pessoas conectadas por um computador – ou algum dispositivo semelhante – a outros computadores.

A cibercultura é, assim, a cultura humana, em toda sua produção e com toda sua complexidade e diversidade, transportada para um ambiente conectado através da rede de computadores e/ou pelo auxílio de outros aparelhos tecnológico mais atualizados. Por características, a cibercultura pode ser vista como múltipla, por

congregar distintas formas sociais e culturais, além de inúmeras possibilidades de interações; fragmentada, por carregar em si esse aspecto de quebra de barreiras e a sensação de que o mundo e o tempo tornaram-se voláteis; e desorganizada, devido ao grande volume de conteúdo que circula nessa dimensão. (LEVY, 2010; MARTINO, 2015)

Sendo assim, inseridos nesse espaço virtualizado, a troca de informações e a interação entre os indivíduos passaram a se dar, predominantemente, por intermédio da rede mundial de computadores, o que possibilitou a articulação entre o universo virtual e o mundo concreto.

A internet, desse modo, permitiu o imediato acesso e o compartilhamento de informações, diluindo as fronteiras físicas, temporais e culturais, ofertando ao mundo possibilidades até então não conhecidas. Levy (2010) reforça que essa interação com a realidade virtual permite a exploração e a modificação de conteúdos e que essas alterações podem ser percebidas imediatamente, independentemente das limitações humanas.

Dessa interação, surge um novo ambiente cibernético, social, comunicacional e informacional, reprodutor, transmissor e intensificador das inteligências e conhecimentos humanos: o ciberespaço.

O ciberespaço (que também chamei de 'rede') é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LEVY, 2010, p.17).

Já Martino (2015, p.29) explica que:

O ciberespaço é a interconexão digital entre computadores ligados em rede. É um espaço que existe entre os computadores, quando há uma conexão entre eles que permite aos usuários trocarem dados. É criado a partir de vínculos, e não se confunde com a estrutura física – os cabos, as máquinas, os dispositivos sem fio – que permitem essa conexão.

Levy (2010, p.32) ainda diz que as recentes tecnologias digitais serviram de estrutura para o ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do conhecimento.

Outros autores também conceituam o ciberespaço. Alguns desses conceitos estão reunidos no quadro abaixo:

Quadro 1 - O Ciberespaço numa perspectiva conceitual

Autores	Ano	Contribuições
Rabaça e Barbosa	2001	Concebe o ciberespaço como um universo virtual formado pelas informações circulantes e/ou armazenadas nos computadores ligados em rede; Trata-se de uma dimensão virtual da realidade com possibilidade de interação entre os indivíduos por intermédio de computadores interconectados. É o universo virtual.
Silva e Silva	2004	Formula o ciberespaço como sendo um ambiente abstrato e invisível, no qual acontece a circulação de informações convertidas em imagens, sons, textos; Espaço social virtualizado de trocas simbólicas entre pessoas de todas as partes do mundo.
Ramal	2002	Trata o ciberespaço como toda estrutura virtual de comunicação interativa, com alcance planetário.

Fonte: Monteiro (2007)

O ciberespaço é, portanto, o espaço virtual, abstrato, invisível e interconectado que proporciona ao mundo o acesso, a divulgação, o armazenamento e troca de informações em tempo real, diluindo, assim, as fronteiras físicas, temporais, sociais, culturais. Ainda que, seja verídico e propício, constatar que o entrelaçamento do cotidiano das pessoas com esse espaço conectado tenha resultado na produção de outros tipos de distanciamentos entre esses indivíduos. O ciberespaço refere-se a possibilidades de interação, mas, também, às pessoas que navegam dentro desse oceano de conteúdos disponíveis. O ciberespaço tem a virtualização da informação como sua marca distintiva e nesse contexto o computador e os dispositivos móveis despontam como operadores da virtualização da cultura humana.

Virtual, explica Levy (2010), é toda entidade desterritorializada, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais

determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular, ou seja, o virtual existe sem estar presente. Apesar de o termo “virtual” ser habitualmente usado como antônimo de “real”, como se, ao utilizarmos a primeira palavra, estivéssemos nos referenciando a algo que não existe, esse autor nos alerta que, na verdade, não há oposição entre essas duas entidades. O virtual existe tanto quanto o real. Não há motivo, pois, para opormos o online e o off-line, uma vez que eles se alimentam e se inspiram reciprocamente, existe, porquanto, uma articulação entre essas duas dimensões:

Simetricamente, os mundos virtuais acessíveis online podem alimentar-se com dados produzidos offline e alimentá-los de volta. São essencialmente meios de comunicação interativa. O mundo virtual funciona, então, como depósito de mensagens, contexto dinâmico acessível a todos e memória comunitária coletiva alimentada em tempo real. (LEVY, 2010, p.148)

Para contrapor o virtual, tem-se, então, o atual. Por atual podemos considerar tudo aquilo que está virtualizado e disponível no ciberespaço e que é utilizado, acessado. Ou seja, um dado conteúdo, por exemplo, é virtual até o momento que é utilizado pelo indivíduo. A partir desse instante, então, ele se torna atual.

Explica Martino (2015, p.30, grifo do autor):

No ciberespaço todas as informações e dados existem, mas não são acessados ao mesmo tempo. Estão lá, nas memórias de computadores e servidores. Existem como algo que pode ser, algo virtual, e vão se tornar um ato quando forem acessados e se transformarem em figuras, imagens, textos e sons na tela. (...) * o mundo virtual existe enquanto possibilidade, e se torna visível quando acessado, o que não significa que ele não seja real.

Castells (2016) também vai afirmar que há uma troca constante de práticas, ideias, conceitos e atitudes entre aquilo que se entende enquanto real e aquilo que é dito ser virtual, não existindo, assim, separação entre materialidade e representação simbólica, já que em “todas as sociedades, a humanidade tem existido em um ambiente simbólico e atua do por meio dele” (CASTELLS, 2016, p.455). Ele vai denominar a interligação entre esses dois institutos de “cultura da virtualidade real”. Para esse autor, a realidade concreta sempre foi uma realidade virtual pois ela é percebida e vivenciada através da produção e do consumo de sinais, da simbologia que permeia a relações entre as pessoas. Assim como aconteceu na Grécia dos

anos 700 a.c. com o surgimento do alfabeto, hoje a nova ordem comunicacional mediada por telas de computadores e de dispositivos eletrônicos permite, também, essa imbricação entre o real e o virtual.

É um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência. (CASTELLS, 2016, p.455).

A compreensão do que é o ciberespaço e todas suas peculiaridades nos permite entender as novas formas de relações humanas e perceber que manifestações simbólicas culturais e sociais, junto com toda sua complexidade e diversidade, agora, estão presentes nessa dimensão desterritorializada, mantendo, assim, articulações entre a vida off-line e a vida on-line.

3.1 DAS COMUNIDADES VIRTUAIS ÀS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

A possibilidade de se conectar com pessoas de todos os lugares do mundo culminou com o surgimento das comunidades virtuais e, conseqüentemente, o estabelecimento de novos laços interpessoais. Assim como ocorre na vida desconectada, esse agrupamento virtual tece sua estrutura a partir de interesses e afinidades comuns, em um processo de cooperação ou de troca de informações virtualizadas. A palavra comunidade já denota essa afinidade mútua, visto que a raiz desse termo, “comum”, é designada àquilo que pode ser dividido, compartilhado, assim como ocorre na palavra comunicação, por exemplo. Podemos, então, entender o fenômeno das comunidades virtuais como um conjunto de relações interpessoais dentro do ciberespaço, nas quais os sujeitos compartilham entre si assuntos afins por determinado período de tempo. O desenvolvimento das comunidades virtuais acompanha, em geral, contatos e interações de todos os tipos. Uma comunidade virtual não é irreal, ilegítima, imaginária ou ilusória, trata-se simplesmente de um coletivo volátil que se organiza por meio das facilidades disponibilizadas pelo ciberespaço. (LEVY, 2010; MARTINO, 2015).

No entanto, as comunidades virtuais podem servir, também, como um palco para o qual os seres humanos transportam todos seus sentimentos e frustrações, tornando-as, desse modo, em um local propício para o desenvolvimento de problemas que já são latentes na sociedade. Não é o ciberespaço que faz com que alguém se torne racista ou homofóbico, por exemplo, mas a arquitetura desse espaço, em especial o que tange às comunidades virtuais, pode ser utilizada como ferramenta para compartilhamento dessas hostilidades, potencializando e transmutando tais mazelas sociais, sobretudo quando há conexão com outro alguém que pensa da mesma forma (MARTINO, 2015).

Isso reafirma a impossibilidade de desassociação entre o que se vive no ciberespaço e o que se passa na vida concreta.

Quando Lemos e Levy (2010, p.11) narram situações que acontecem nas chamadas comunidades virtuais, por exemplo, podemos facilmente associar esses fatos com aqueles que se sucedem nos relacionamentos face-a-face:

Indivíduos constroem redes de contatos, de amigos e de relações, participam de clubes, instauram grupos de trabalho, trocam mensagens, compartilham suas paixões, tagarelam, negociam coletivamente suas reputações, gerenciam conhecimentos, realizam encontros amorosos ou profissionais, desenvolvem operações de marketing e entregam-se a todas as espécies de jogos coletivos. (LEMOS; LEVY, 2010, p.11)

Esse pensamento nos fazer ir além e imaginar que essas comunidades virtuais abertas no ciberespaço são um prelúdio daquilo que atualmente conhecemos como redes sociais virtuais.

Hoje muito se fala sobre redes sociais. Usamos esses termos, quase sempre, para designar sites ou aplicativos atuais que, inseridos no ciberespaço, facilitam o encontro, o relacionamento entre as pessoas e o compartilhamento de conteúdos. Contudo a humanidade, desde sua existência, cria e mantém vínculos relacionais entre seus pares.

Podemos entender as redes como um conjunto de pontos interconectados que estabelecem comunicação entre si em uma estrutura complexa de comunicação, dentro da qual, todos esses nós mantêm interação em múltiplas e simultâneas ligações. As redes são estruturas abertas e que estão em constante movimento. Em outras palavras, redes, sobretudo inseridas no contexto da era da

informação, podem ser vislumbradas como um conjunto de nós intercalados, dentro dos quais as conexões assumem o lugar do que antes seria apenas linearidade. A rede é, portanto, uma estrutura hipertextual, não-linear, descentralizada, flexível, dinâmica e mutável. (CASTELLS, 2016; MARTINO, 2015)

A denominação 'redes sociais' passou a ser utilizada com mais frequência para designar um fenômeno novo e de grande força na sociedade atual. Esse termo é direcionado para descrever uma estrutura composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que compartilham informações, valores e objetivos comuns, sendo, dessa forma, um conjunto de participantes que unem ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados. (TOMAEI, ALCARÁ, DI CHIARA, 2005; VICENTE, 2014)

Para Martino (2015), as redes sociais inseridas nos espaços virtuais podem ser concebidas como uma estrutura flexível e dinâmica, na qual os seres humanos se relacionam sem que exista, com isso, uma estrutura hierárquica rígida. A partir dessa definição, portanto, podemos extrair duas características essenciais das redes sociais virtuais: a dinâmica e a flexibilidade. A primeira se direciona à maneira com a qual os participantes interagem nas redes sociais, sendo que cada rede social tem sua própria dinâmica. Quanto à flexibilidade, ela se refere à maleabilidade dos vínculos ali criados. O estabelecimento, a manutenção e a diluição dessas conexões se dão a qualquer instante, distintamente do que ocorre em grande parte das relações humanas geradas no mundo concreto, em que as redes sociais tomam por alicerces valores e obrigações compartilhados.

Estruturalmente, as redes sociais são compostas por elementos (atores/atrizes) interligados por teias ou nós. É importante ressaltar, principalmente por estarmos tratando desses agrupamentos dentro do ciberespaço, que o papel de ator/atriz não precisa ser, necessariamente, desempenhado por pessoas. As relações, além de dar-se entre os indivíduos que adentram o ciberespaço, ocorrem também de forma intrarrelacional, ou seja, a maneira como esses sujeitos estabelecem relações entre si vai reverberar em outras conexões, em outras relações nesse espaço, isto é, "uma perspectiva mútua e recíproca sobre a maneira como as pessoas interagem (MARTINO, 2015, p.57)

Apesar de atualmente as redes sociais terem se tornado um espaço de grande visibilidade na sociedade, é necessário apontar que elas sempre existiram, o

que há de novidade, porém, é o crescimento das redes sociais no ciberespaço, estimuladas pelas facilidades e disseminação do uso da internet.

3.2 DAS REDES SOCIAIS, O FACEBOOK

Em 28 de outubro de 2003, o então estudante Mark Zuckerberg lançou o site *Facemash*, que é considerado o precursor daquilo que hoje conhecemos como Facebook⁶. O surgimento do Facebook, tal qual como ele é atualmente, data precisamente de fevereiro de 2004 e teve sua proposta inicial direcionada para o uso exclusivo de estudantes da Universidade de Harvard – Estados Unidos, sendo utilizada como uma ferramenta básica para comunicação entre esses indivíduos (AMORIM, 2011). Em maio do mesmo ano, essa rede social passou a permitir o acesso de discentes de outras universidades e foi somente em dezembro de 2004 que o Facebook permitiu o acesso indiscriminado de novos/as usuários/as. Hoje, através desse site, o/a interessado/a pode criar um perfil virtual e, a partir de então, estabelecer uma rede de contatos e compartilhamento de conteúdo, sejam eles fotos, vídeos, notícias, textos, dados pessoais, com outras pessoas em qualquer lugar do planeta.

O Facebook é um site de redes sociais utilizado em larga escala e mundialmente. Além disso, caracteriza-se por, no passar dos anos, ter ampliado suas possibilidades de participação inserindo novas funcionalidades, principalmente inspiradas pela própria utilização da plataforma por seus usuários. Seu objetivo parece ser o de abranger todas as formas de compartilhamento e leitura de conteúdo pessoal ou informativo online. Tornando-se, assim, um ambiente complexo onde se torna possível observar uma grande variedade de dados referentes à formação de identidade e trocas de conteúdos com os quais os sujeitos se identifiquem. (MAZZOCATO, 2014, p.23)

Seu criador tinha como objetivo primeiro mapear os relacionamentos das pessoas, facilitando, assim, a interconexão entre esses indivíduos, de forma que se estabelecesse um grande diagrama social. (AMORIM, 2011)

⁶ - Inicialmente o Facebook recebeu o nome de TheFacebook. Este primeiro nome remete aos livros de fotos e dados bibliográficos tipicamente distribuídos aos(às) estudantes de Harvard (AMORIM, 2011)

Desde que se tornou empresa pública com vendas de ações na bolsa de valores, em 2012, o Facebook vem apresentando ganhos financeiros acima do esperado, ainda que em seus primeiros momentos nesse ramo de negócio tenha sido de fragilidade (OLHARDIGITAL, 2014). Em 2016, ao revelar seu relatório financeiro referente a esse ano, o Facebook noticiou lucros acima de cinco bilhões de dólares. Quando se compara ao ano anterior, cujo números alcançaram a marca de três bilhões e meio de dólares, percebemos esse considerável crescimento. (CANALTECH, 2016).

Já no ano de 2017, o Facebook alcançou a marca de mais de dois bilhões de usuários (GLOBO, 2017) e é considerada, portanto, como a maior e mais usada rede social do mundo, sendo inclusive, também, a mais popular entre o público jovem mundial. Apesar das acentuadas marcas da exclusão social que perpassa a sociedade brasileira, nosso país ocupa, hoje, a segunda posição no mundo em quantitativo de contas de usuários/as ativos/as, com mais de 71 milhões de usuários cadastrados, ficando atrás, apenas, dos Estados Unidos. (GONDIM, 2017)

Dentre as funcionalidades do Facebook, podemos destacar os recursos que permitem a criação e divulgação de eventos sociais, virtuais ou não; a criação e participação de grupos de interesses e discussões específicos; além da possibilidade de compartilhar em tempo real as atividades que você está desenvolvendo como qual livro você está lendo, qual música está ouvindo, a qual programa de tv está assistindo, em qual local você está, com quem você está, para qual lugar está viajando, e até mesmo o que você está comendo ou bebendo naquele exato instante.

Mais recentemente, em uma de suas atualizações, o Facebook lançou a ferramenta “*Reactions*” (Reações), que permite que usuários/as demonstrem através dessas representações virtuais como reagem a determinado conteúdo exposto nesta rede social. Cada *reaction* representa virtualmente um sentimento distinto sobre determinado tema. Sendo assim, quando o sujeito usa o botão *Like/Curtir* para alguma postagem, por exemplo, isso denota que ele/a se agradou positivamente do conteúdo que lhe foi apresentado. Com o botão *Love/Amei*, podemos inferir que houve uma sensação além do simples gostar, que foi algo mais interessante e/ou de maior identificação. A reação *Haha* é direcionada para expressar que algo teve um tom cômico, divertido ou irônico. Já o botão *Wow/Uau* denota surpresa ou espanto.

Sad/Triste é usado para demonstrar tristeza sobre algum assunto e *Angry*/Grr representa raiva e desaprovação a determinado conteúdo compartilhado.

Figura 5- Função Reações no Facebook



Fonte: TechTudo, 2016.

Essa novidade foi uma maneira encontrada pelo Facebook para tornar a rede social ainda mais próxima da vida que acontece do lado de fora da tela do computador.

[...] a mudança foi feita porque os usuários sentiam que deveriam existir outras formas de “expressar de forma rápida e fácil como algo que você vê no *News Feed* te emocionou de alguma forma”. Quando alguém usa o Facebook para anunciar o falecimento de um ente querido, por exemplo, o botão de “Curtir” não é a melhor forma de reagir; agora, será possível usar a reação “triste”, por exemplo. (TECNOBLOG, 2016)

Eventualmente, o Facebook disponibiliza a seus/suas usuários/as, de forma temporária, outras *Reactions*/Reações. Foi assim com a reação Gratidão, representada por uma flor margarida lilás, direcionada para a comemoração do Dia das Mães, e com a reação temática *Pride*/Orgulho, representada pela bandeira do arco-íris, como uma campanha de apoio e homenagem ao mês do orgulho LGBTI.

Figura 6 - Reação Gratidão em comemoração ao dia das Mães



Fonte: Google Imagens, 2017.

Figura 7- Reação Orgulho em comemoração ao dia do Orgulho LGBTI



Fonte: Google Imagens, 2017.

Essas possibilidades representaram uma nova maneira de interação nesta rede social virtual, agregando sentidos nas formas como os/as usuários/as do Facebook se posicionam sobre os conteúdos que surgem na tela.

Figura 8 - Página Inicial do Facebook.

O Facebook ajuda você a se conectar e compartilhar com as pessoas que fazem parte da sua vida.

Abra uma conta
É gratuito e sempre será.

Nome Sobrenome

Celular ou email

Nova senha

Data de nascimento
 21 Set 1999 Por que preciso informar minha data de nascimento?

☐ Feminino ☐ Masculino

Ao clicar em Abrir uma conta, você concorda com nossos Termos e que leu nossa Política de Dados, incluindo nosso Uso de Cookies. Você pode receber notificações por SMS do Facebook e pode cancelar o recebimento a qualquer momento.

Abrir uma conta

Fonte: Facebook em 21/09/2017

Sob o slogan “O Facebook ajuda você a se conectar e compartilhar com as pessoas que fazem parte da sua vida”, essa rede social virtual reformulou a maneira como os indivíduos estabelecem relacionamentos, dividem conteúdos e opiniões, com a criação de novas ferramentas digitais, transformou, também, o modo pelo qual seus/suas usuários/as assumem posições discursivas.

Assim, com diversas inovações e possibilidades, o Facebook, paulatinamente, torna-se uma ferramenta indissociável do convívio das pessoas ao redor do mundo e, com isso, é pertinente considerar que essa rede social virtual, em especial, firma-se, na verdade, como um espelho que reflete, por entre as teias do ciberespaço, todas as características, potencialidades e fraquezas da sociedade off-line contemporânea.

É através dessa ferramenta, inclusive, que seus/suas usuários/as, sentindo-se protegidos/as por uma falsa sensação de anonimato e confortáveis por acreditarem em uma ilimitada liberdade de expressão (PENA, 2017), tecem manifestações sobre variados temas, dentre os quais surge a questão da homossexualidade.

4 A HOMOSSEXUALIDADE: CONCEITUALIZAÇÃO E HISTÓRICO

O surgimento, em 1869, do termo “homossexual” pode ser atribuído ao jornalista húngaro Karl Maria Benkert, sendo tal palavra usada para se referir a pessoas que sentem atração afetiva e/ou sexual por indivíduos do mesmo gênero. Como dito e de modo geral, a homossexualidade pode ser compreendida como sendo o oposto da heterossexualidade (condição em que há relação afetiva/sexual entre pessoas de gênero opostos), sendo a bissexualidade a representação daqueles sujeitos que, ao longo de sua vida, se relacionam com pessoas de ambos os gêneros. (FLEURY; TORRES, 2014; REIS, 2015).

Por outro viés, a escala de Kinsey (REIS, 2015) remete à perspectiva de que a sexualidade humana pode ser compreendida através de uma escala que vai desde a heterossexualidade exclusiva até a homossexualidade exclusiva, passando, então, pela bissexualidade. Sob esse prisma, esses autores propõem que a sexualidade de cada pessoa é, na verdade, uma característica individualizada e com possibilidades, inclusive, de ao longo da vida mover-se dentro dessa escala proposta. É isso o que diz, também, Butler (2009) quando reflete sobre os deslocamentos na orientação sexual das pessoas ao longo da vida:

A narrativa não pode ser capturada em uma categoria apenas por um período limitado de tempo. As histórias de vida são histórias de transformações, e categorias podem, por vezes, parar o processo de transformação. Deslocamentos na orientação sexual podem se dar como respostas a parceiros específicos, de modo que as histórias de vida, trans ou não, não tem de se mostrar sempre como coerentemente heterossexuais ou homossexuais; além disso, o próprio significado e experiência de vida de bissexualidade pode também se deslocar ao longo do tempo, constituindo uma história particular que reflete alguns tipos de experiências em vez de outras. (BUTLER, 2009, p.101)

A homossexualidade é, na realidade, a simples manifestação do pluralismo sexual, uma variante constante e regular da sexualidade humana. A homossexualidade é, pois, tão legítima quanto à heterossexualidade e à bissexualidade, não cabendo, então, perspectivas de diferenciação entre essas condições. (BORRILLO, 2015)

Ainda que estudos científicos apontem a homossexualidade como uma prática natural dos seres vivos, não se restringindo à uma característica exclusiva da raça humana, é necessário reconhecer que parte da população percebe essa diversidade sexual de diferentes maneiras.

Para tanto, recorremos aos estudos de Rios (2002), que trazem à reflexão quatro concepções distintas, que segundo esse autor, estão imbricadas na maneira como a sociedade, desde sua formação até os dias atuais, percebe a homossexualidade. São elas: a concepção da homossexualidade como pecado, a concepção da homossexualidade como doença, a concepção da homossexualidade como critério neutro de diferenciação e a concepção da homossexualidade como construção social. Abordaremos cada uma delas a seguir.

Vista socialmente como pecado, a prática da homossexualidade, segundo esse autor, é qualificada como moralmente reprovável e, no plano religioso, pecaminoso. (RIOS, 2002, p.100). Tal concepção vai encontrar convergência nos dizeres de Okita (2015), quando afirma que a instituição Igreja, ao longo do tempo, levou a perseguição à homossexualidade a um nível histórico, estabelecendo atitudes e práticas que existem até hoje. A Igreja modelou e ainda direciona a maneira pela qual os/as homossexuais são encarados pela sociedade atual, por isso é certo afirmar que a influência da religião é, até hoje, muito presente na sociedade contemporânea, sobretudo no que se refere ao campo da sexualidade humana.

Essa forma de ver a homossexualidade tem sua base no desenvolvimento e expansão do cristianismo ao longo dos séculos que, com suas interpretações fundamentalistas da Bíblia, controlava e pregava que as relações sexuais seriam aceitáveis desde que “entre um homem e uma mulher, com finalidade de procriar, com o homem dominando a mulher sexualmente e assim garantir a perpetuação da espécie” (REIS, 2015, p.41). Desta forma, essa concepção “tende a condenar todas as manifestações sexuais extraconjugais, bem como aquelas práticas sexuais não reprodutivas”, (RIOS, 2002, p.100) como a homossexualidade. A partir dessa concepção, toda e qualquer outra forma da prática sexual estava condenada ao pecado e à punição: “numa sociedade que considera o sexo apenas sob o prisma da reprodução da espécie [...] serão reprimidas todas as atividades sexuais em que o sexo genital for praticado sem cumprir aquela função” (CHAUÍ, 1999, apud REIS, 2015, p.41).

O expansionismo religioso e sua hostilidade à homossexualidade são apontados também por Borrillo (2015, p.18) como raízes do preconceito homofóbico: "A condenação da sodomia na tradição judaico-cristã - pedra angular do sistema repressivo – aparece como o elemento precursor fundamental das diferentes formas de homofobia".

Desde então, a homossexualidade passou a ser combatida e o amor entre iguais tornou-se sinônimo de heresia. A História da humanidade relata casos em que inúmeros homossexuais tiveram sua vida ceifada, queimados nas fogueiras da inquisição católica por serem julgados como hereges e abominações. (SPENCER, 1999).

A morte pelo fogo aparece como uma forma específica e necessária de purificação, não só do indivíduo – queimando-lhe a carne para salvar a alma -, mas também igualmente da comunidade, extirpando assim o mal que a corrói em seu âmago. (BORRILLO, 2015, p.54)

Na França do século 13, por exemplo, a perseguição da igreja aos homossexuais influenciou a reformulação do código daquele país.

Se alguém é suspeito de sodomia, o magistrado deve prendê-lo e mandá-lo ao bispo e, se for condenado, deve ser queimado [...] a mulher que pratica sodomia tem de ser submetida à mutilação para primeiras e segundas ofensas; na terceira condenação deve ser queimada [...] (OKITA, 2015, p.39)

Foi assim com a condenação e execução de Joana D'Arc (1412 – 1431) acusada de bruxaria, travestismo (por vestir-se com roupas tidas como masculinas) e crimes políticos. Aliás, acredita-se que grande parte das bruxas levadas à fogueira era de mulheres lésbicas. Ainda, era hábito das autoridades daquela época usarem pessoas condenadas por serem homossexuais como uma espécie de lenha, que queimava as mulheres consideradas bruxas (OKITA, 2015).

Rios (2002, p.105) diz também que muitos indivíduos associam a homossexualidade a um fator patológico, identificando a pessoa homossexual como doente por praticar atos desviantes da 'normalidade' humana. A homossexualidade é, então, posta em contraposição a única condição normal, tida como saudável, denominada 'heterossexualidade'.

Essa concepção tem suas raízes no século XIX com a origem da "ciência do sexo" e é a partir de então que a homossexualidade, ainda vista como atitude

revestida de imoralidade, passou a ser considerada uma doença passível de tratamento médico e psiquiátrico.

Foi por volta de 1870, que os psiquiatras começaram a constituir-la (a homossexualidade)⁷ como objeto de análise médica: ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e de controles novos. É o início tanto dos internamentos dos homossexuais nos asilos, quanto da determinação de curá-los (...) A partir de então, todos serão percebidos no interior de um parentesco global com os loucos, como doentes do instinto sexual (FOUCAULT, 1999, p.130)

O tratamento direcionado à cura da homossexualidade visava ao recondicionamento das preferências sexuais, utilizando-se, para isso, de estímulos adversos associados ao comportamento sexual “desviante” tais como internações compulsórias em hospitais psiquiátricos e a utilização de procedimentos baseados na utilização de descargas elétricas (RIOS, 2002).

A associação da homossexualidade a um fator patológico foi ainda mais reforçada quando a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1948, classificou essa condição como um transtorno sexual. Esse posicionamento perdurou até a 43ª Assembleia Geral da Organização Mundial da Saúde, realizada em 17 de maio de 1990⁸, quando a instituição retirou a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID).

As transformações sociais e econômicas, sobretudo a formação de comunidades e o movimento de luta pelos direitos de LGBTI's, os movimentos feministas e a tentativa de ruptura do modelo familiar padrão, ajudaram a construir a percepção de que homossexualidade, assim como a heterossexualidade e a bissexualidade, são fatores intrínsecos e involuntários à natureza humana, gerando, assim, o que Rios (2002, p.116) explica como sendo “a concepção de que a homossexualidade é critério neutro, desimportante para o estabelecimento de tratamento diferenciados, incapaz de justificar desigualdades”. A homossexualidade

⁷ Palavra incluída pelo autor.

⁸ No dia 18/09/2017, o juiz federal do Distrito Federal (Brasil), Sr. Waldermar Cláudio de Carvalho liberou, através de liminar, profissionais psicólogos/as a tratarem pessoas LGBTI's como doentes e submetê-las a tratamentos para reversão sexual. Em posicionamento, o Conselho Federal de Psicologia afirmou que terapias que visem reversão sexual representam uma violação dos Direitos Humanos, além de ser uma prática sem qualquer embasamento científico (GLOBO, 2017).

passou a ser encarada, pelo menos por uma parte mais significativa da população, com a naturalidade até então despercebida ou ignorada. Esse posicionamento social de empoderamento e busca por liberdade e direitos teve como consequência o enfraquecimento de preconceitos acerca da homossexualidade, deslegitimando tratamentos desiguais entre as pessoas heterossexuais e homossexuais. (RIOS, 2002).

A derradeira concepção traça o entendimento sobre como a homo e a heterossexualidade são, na verdade, uma construção social, relacionada às características que essas orientações sexuais assumem em diversas culturas e épocas.

A identificação de alguém ou a qualificação de seus atos sob uma ou outra orientação sexual só tem sentido na medida em que, num certo contexto histórico cultural, houver a institucionalização de papéis e de práticas próprias de cada um dos sexos, onde a atração pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo seja considerada um elemento relevante, capaz inclusive de impor diferenças de tratamento entre indivíduos. (RIOS, 2002, p.120).

Enquanto alguns povos e sociedades, como o Japão, Filipinas e algumas tribos brasileiras, legitimam e toleram a homossexualidade, outros a condenam socialmente. (FLEURY; TORRES, 2014; RIOS, 2002). Há relatos na História que apontam que os imperadores Adriano, Nero e Júlio Cesar mantiveram relações afetivas com outros homens da Roma Antiga (SPENCER, 1999). É possível, então, perceber um relativismo cultural acerca dos relacionamentos homoafetivos, sugerindo que o lidar com esse fenômeno é, na verdade, uma construção social. Okito (2015, p.28-29) postula, ainda, sobre como os/as homossexuais mantinham papel de relevada importância em diferentes sociedades, sobretudo na participação de rituais e cerimônias religiosas:

Travestis também tinham um papel importante [...] por exemplo, os índios de Illinois, na América do Norte, chamavam os homens efeminados para todos os conselhos da tribo, e nada poderia ser decidido sem sua opinião, porque eram considerados seres sobrenaturais e pessoas de grande importância. Essas atitudes frente ao travesti existiram em diversas sociedades desde a Patagônia até os esquimós Konyaga. O famoso antropólogo James Frazer notou que os bruxos efeminados existiam entre os povos de Bornéu, Madagascar e Congo. Existem relatos sobre o papel da mulher homossexual como pessoa importante nos cerimoniais religiosos da África do Norte, América do Norte e de outros lugares.

Em nossa sociedade, o desenvolvimento do capitalismo e a introdução da propriedade privada, além do aumento do poder do Estado que estabelece fronteiras entre o que seria lícito e ilícito, fortaleceram o modelo ideal de família tradicional, cuja responsabilidade do casal formado exclusivamente por homem e mulher era procriar e fortalecer a concretização do avanço do capitalismo através da transferência de herança a seus herdeiros legítimos, além do que, seus filhos e suas filhas representavam a manutenção desse sistema com a garantia de mão de obra barata:

O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único local de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá esse status e deverá pagar as sanções (FOUCAULT, 2017, p.07-08)

Numa sociedade que propaga a construção de uma família modelo, cujas obrigações eram a procriação para ampliação da força de trabalho e para transmissão, manutenção e aumento do patrimônio, a homossexualidade, mais uma vez, passou a ser considerada um mal a ser combatido e aniquilado da sociedade, já que os/as homossexuais não garantiriam a perpetuação da raça humana pois, biologicamente, não gerariam herdeiros/as a partir de seus relacionamentos. A homossexualidade entra, novamente, em conflito com a família, que é o que sustenta e serve de base para um sistema que se beneficia da reprodução de mão de obra barata (OKITA, 2015). Por esse viés, Foucault (2017, p.40) questiona se toda essa vigilância imposta à sexualidade humana tem como objetivo elementar “proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora?”.

É no final do século XVIII, que a opressão e a vigilância à sexualidade das pessoas ganha maior ênfase difundida por três grandes códigos: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil que disseminaram um conjunto de regras e recomendações:

Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Todos estavam centrados nas relações matrimoniais: o dever conjugal, a capacidade de desempenhá-lo, a forma pela qual era cumprido, as exigências e as violências que o acompanhavam,

as carícias inúteis ou indevidas às quais servia de pretexto, sua fecundidade ou a maneira empregada para torná-lo estéril, os momentos em que era solicitado (períodos perigosos da gravidez e da amamentação, tempos proibidos da Quaresma ou das abstinências), sua frequência ou raridade. (FOUCAULT, 2017, p.40)

Perante a essas imposições:

Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam, de qualquer modo, condenação. Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relação fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a “carícia” recíproca. Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou a bestialidade. (FOUCAULT, 2017, p.42).

Estabeleceram-se, assim, regras e normas de conduta que visavam padronizar a sexualidade humana, e toda e qualquer prática que ousasse ultrapassar a fronteira da licitude e da moralidade impostas deveria ser repelida e condenada. A homossexualidade, outra vez, foi posta à marginalização social.

4.1 LGBTI E IDENTIDADES INDIVIDUAIS

Ainda que a sigla LGBT possa ser a mais difundida e usada pelos movimentos sociais e pela sociedade, sobretudo a brasileira, para direcionar-se a essa parcela da população, é de se considerar que esse termo “não dá conta do grande espectro de gente que não se enquadra no modelo heterossexual e que não cabe em nenhuma dessas letras” (MISKOLCI, 2016, p.17). Ainda que se considere também que não seja possível congrega ou reduzir a uma palavra ou sigla todas as diferenças e possibilidades que cercam as sexualidades e as identidades humanas, esse trabalho adotou a termo LGBTI para tratar o público estudado. Ademais, essa sigla encontra consonância com organizações internacionais, como a ONU e a Anistia Internacional (GEMIS, 2014) que se utilizam dela em seus documentos e textos oficiais. Assim, tal denominação desdobra-se para fazer referência a lésbicas, gays, bissexuais, pessoas transgêneros (travestis e transexuais) e pessoas intersexuais. Mais que uma contração de palavras que formulam uma sigla, esse termo abrange três questões distintas: orientação sexual (lésbicas, gays e

bissexuais), identidade de gênero (travestis, transexuais) e características sexuais (intersexual).

Cada uma dessas pautas será destrinchada a seguir.

A professora Joan Scott (1989, p.7), expoente no movimento feminista e nos estudos de gênero, explica que gênero é uma “categoria social imposta sobre um corpo sexuado”. De tal modo, gênero é um construto social que define os papéis destinados aos homens e às mulheres, desde de seu nascimento e até mesmo antes dele, e ele, o gênero, não é diretamente determinado pelo sexo, nem a sexualidade. Há uma independência entre essas três categorias, pois o fato de um sujeito se sentir homem ou mulher (sua identidade de gênero) não tem, necessariamente, relação com seu sexo biológico e nem tampouco com sua orientação sexual (LIMA, 2011).

Para identidade de gênero temos, portanto, como sendo:

A profundamente sentida experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. (PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA, 2007, p.7)

Gênero é, pois, um conjunto de determinações formuladas e colocadas pela sociedade como regras a seguir, um suposto processo que caminha por um rumo já determinado (LOURO, 2016). Já a identidade de gênero refere-se às percepções subjetivas de cada indivíduo para consigo e para com o corpo em que habita e como essa subjetividade é expressa neste e por este corpo.

Do mesmo modo como ocorre com a questão gênero, Louro *et al* (2000) afirmam que as possibilidades da sexualidade humana, também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas pelas pessoas, já que “a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais” (LOURO *et al*, 2000, p.6). Essas autoras explicam, ainda, que a sexualidade humana se firma a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: aqueles discursos que regulam, aqueles que estabelecem normas e diretrizes, aqueles que produzem e propagam verdades. E como bem lembram ao citar Foucault, a sexualidade humana é “um dispositivo histórico” (FOUCAULT, 1988 apud LOURO *et al*, 2000, p.6).

Quando nos referimos à orientação sexual, estamos falando na capacidade de como as pessoas se relacionam sexual, afetiva e emocionalmente. Uma pessoa heterossexual é aquela que se relaciona com pessoas do gênero oposto ao seu, é homossexual quando se relaciona com pessoas do mesmo gênero que o seu, e é bissexual quando o indivíduo mantém relacionamento com pessoas de ambos os gêneros. (PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA, 2007, p.10)

Para essas identidades, a de gênero e a sexual, a sociedade traça contornos, estabelece fronteiras e regras, hierarquias de poder que normatizam o que é aceitável, o que é comum, o que é normal. E assim, as pessoas são direcionadas a identificar e classificar essas marcas que se apresentam:

Tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade. O reconhecimento do "outro", daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais e aqueles que ficam fora dela, às suas margens). (LOURO *et al*, 2000, p.9).

Assim, nossa sociedade cunha como imagem a ser exaltada, aquela em que traz o homem branco, heterossexual, de classe média e cristão. E todos/as aqueles/as que fogem desse padrão são marcados com o estranhamento devido (LOURO *et al*, 2000). É essa mesma percepção que tem Swain (2001) quando explica que a sociedade, há tempos, fez da sexualidade um privilégio do masculino. Para os homens o sexo é ato, verbo, ação, ao tempo que para as mulheres a sexualidade se reduz ao lócus, ao próprio sexo. E para os dotados de audácia que fogem a esse dualismo, que cruzam a fronteira da domesticação sexual, sobram-lhes a anormalidade, a exclusão.

Com relação às pessoas intersexuais, de antemão, devemos entender que características sexuais são aquelas relacionadas ao sexo genital biológico de cada sujeito. A pessoa intersexual é aquela que nasce com variações na anatomia reprodutiva ou sexual (SHAREAMERICA, 2016). Reis (2015) explica que essa palavra é atualmente usada em substituição ao termo hermafrodita que caiu em desuso. Sob esses indivíduos, por muito tempo, recaiu o estigma de criminosos ou

filhos/as do crime, pois sua condição anatômica confundia a lei que distinguia os sexos e prescrevia, assim, sua conjunção (FOUCAULT, 2017, p.42).

4.2 A HOMOFOBIA ENQUANTO FENÔMENO COMPLEXO E MULTIFACETADO

A partir do início do século XX, vários estudos buscaram entender e explicar o que é o preconceito. Esse fenômeno pode ser compreendido como sendo uma atitude negativa direcionada a um grupo específico ou a uma pessoa por ser membro desse grupo. (FLEURY; TORRES, 2014)

O preconceito à população LGBTI recebe o nome genérico de homofobia. Essa palavra é resultado da fusão dos termos gregos *homos*, “o mesmo”, e *phobikos*, “ter medo ou aversão a” (FLEURY; TORRES, 2014). Nesse sentido, a homofobia foi definida, inicialmente, como sendo a rejeição, a raiva ou aversão à homossexualidade e aos/às homossexuais. No entanto, caracterizar esse fenômeno de maneira tão simplista nos levaria a desconsiderar as diversas formas com as quais esse tipo de violência pode se apresentar.

Borrillo (2015) vem dizer que a homofobia é a atitude de hostilidade contra as/os homossexuais e que, assim como a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, “a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o/a outro/a como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele/a é posicionado/a à distância, fora do universo comum dos humanos” (BORILLO, 2015, p.13).

Já Lionço (2009) define a homofobia como uma manifestação perversa e arbitrária da opressão e discriminação às práticas sexuais não-heterossexuais ou de expressões de gênero que se distanciam dos padrões sociais hegemônicos que definem aquilo que é masculino e aquilo que é feminino.

Junqueira (2007, p.60-61) descreve o preconceito às chamadas minorias sexuais, como sendo:

Um conjunto de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo), que costumam produzir ou vincular-se a preconceitos e mecanismos de discriminação e violência contra pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros (em especial, travestis e transexuais) e, mais genericamente, contra pessoas cuja expressão de gênero não se enquadra nos modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade. A homofobia,

portanto, transcende a hostilidade e violência contra LGBT e associa-se a pensamentos e estruturas hierarquizantes relativas a padrões relacionais de identidades de gênero, a um só tempo sexistas e heteronormativos.

Através da análise dessas duas últimas concepções é possível perceber, portanto, que a homofobia não pode ser compreendida como um fenômeno discriminatório direcionado exclusivamente a pessoas assumidamente lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros e intersexuais, mas que, na prática, essa violência atinge qualquer indivíduo que, por ventura, venha fugir dos padrões sexistas e heteronormativos impostos socialmente e que por isso, acaba sendo identificado como pessoa LGBTI mesmo não se assumindo dessa forma. Ou seja, o preconceito homofóbico tem como vítima quem é, ou quem aparenta ser homossexual. (REIS, 2015).

Sobre esse aspecto, Borrilo (2015, p.16) ainda complementa dizendo:

[...] os homossexuais deixaram de ser as únicas vítimas da violência homofóbica, que acaba visando, igualmente, todos aqueles que não aderem à ordem clássica dos gêneros: travestis, transexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais dotadas de forte personalidade, homens heterossexuais delicados ou que manifestem grande sensibilidade...

Nesta perspectiva e percebendo a complexidade desse fenômeno, a homofobia pode ser destrinchada em algumas categorias que nos ajudam a compreender melhor tal preconceito. Sendo assim, de início, podemos ver essa violência por meio de dois prismas: a homofobia geral e a homofobia específica.

A homofobia geral é, na verdade, uma manifestação do sexismo, que é visto nesta pesquisa a partir do que explica Von Smigay (2002), como a atitude de discriminação em relação às mulheres tendo como pressuposto a inferiorização da mulher pelo fato dela ser mulher, sendo que tal violação pode ser perpetrada tanto por homens quanto por mulheres, estando assim, o sexismo, presente intragêneros quanto entre os gêneros. A homofobia geral, nessa perspectiva, pode ser compreendida como aquela discriminação direcionada a pessoas que fogem às normas sociais das características binárias do macho e fêmea, do masculino e do feminino, mas que não necessariamente se afirmam enquanto homossexuais:

A homofobia no masculino é a estigmatização (...) por designação, repulsa ou violência, das relações sensíveis – sexuais ou não – entre homens, particularmente, quando estes são apontados como homossexuais ou se afirmam como tais. A homofobia é, igualmente, a estigmatização ou a negação das relações entre mulheres que não correspondem a uma definição tradicional da feminilidade. (BORRILLO, 2015, p.26).

Já a homofobia específica é a aquela forma de hostilidade especialmente apontada a pessoas que se reconhecem enquanto indivíduos homossexuais. A partir desse tipo de homofobia podemos encontrar outras designações mais específicas, sendo caracterizadas e nomeada de acordo com o público atingido por essa violência.

Nesse leque de definições encontram-se a gayfobia (preconceitos a homens gays), lesbofobia (preconceitos a mulheres lésbicas), transfobia (preconceito direcionado a pessoas transgênero) e a bifobia (discriminação a pessoas que se relacionam com indivíduos de ambos os sexos).

A palavra homofobia esbarra na problematização de que, sua possível homogeneização, pode ocultar violências e discriminações mais específicas, como aquelas sofridas por mulheres lésbicas, a lesbofobia, e aquelas sofridas por pessoas transgênero, a transfobia. No entanto, para essa pesquisa, é oportuno pontuar, assim como ocorreu com os relatórios sobre violência homofóbica no Brasil, produzidos pelo Ministério dos Direitos Humanos, o termo homofobia será utilizado para referenciar àquelas violações sofridas pela população LGBTI, pois assim como aqueles documentos, entende-se, aqui, que a homofobia é o “preconceito ou discriminação (e demais violências daí decorrentes) contra pessoas em função de sua orientação sexual e ou identidade de gênero presumidas” (BRASIL, 2016, p.5).

Nesse conjunto aparece ainda a plumofobia que “é um tipo de homofobia em que se aceita que as pessoas tenham relações com pessoas do mesmo sexo, no entanto não toleram que desempenhem papéis e atitudes que não correspondam ao seu gênero” (REIS, 2015, p.32). Ou seja, a homossexualidade alheia é até “tolerada” desde que o homem gay não possua trejeitos femininos, nem a mulher lésbica seja masculinizada.

Por se tratar de um fenômeno complexo e variado, a homofobia pode concretizar-se através de várias atitudes hostis: por meio do uso de piadas vulgares, de termos que ridicularizam e inferiorizam a pessoa, do bullying homofóbico,

insultos, injúrias, condenações morais, através da imposição da exclusão estrutural e institucional, no cerceamento ao acesso a direitos, espaços e reconhecimentos, e também revestindo-se de formas mais brutais como a violência física e o extermínio. (BORRILLO, 2015; LIONÇO, 2009; REIS, 2015;).

Nesse mesmo sentido, explica Reis (2015, p.31) que a discriminação homofóbica pode se apresentar de variadas maneiras, inclusive de formas mais sutis:

A homofobia cognitiva tem a ver com o pensar que a homossexualidade é antinatural, pecaminosa, inferior ou indesejável. A homofobia afetiva se manifesta por sentimentos de rejeição frente à homossexualidade e aos homossexuais. Outro tipo mais sutil, denomina-se homofobia liberal, que é aquela que aceita a expressão da homossexualidade no espaço privado, mas não publicamente. Também há a homofobia comportamental, que se manifesta pela externalização de condutas homofóbicas de rejeição, agressão física ou verbal, insultos, etc.

Borrillo (2015) complementa refletindo a homofobia cognitiva como atitudes de desdém revestidas de sutileza que, de forma sistemática, desqualifica o/a outro/a. Em casos assim, há rejeição aos/às homossexuais de forma velada pois ninguém se incomoda com o fato de que eles/as não tenham os mesmos direitos reconhecidos tal qual os/as heterossexuais, como a prerrogativa à maternidade ou à paternidade, ao casamento civil, a inclusão de dependentes no plano de saúde, entre outros exemplos.

No mundo social, toda a gente gosta dos homossexuais em geral – inclusive, muitas pessoas têm amigos homossexuais em particular. Entretanto, ninguém iria ao ponto de defender a igualdade das sexualidades, proposição radical que esbarra no senso comum: mesmo que nada exista de anormal da homossexualidade, cada um de nós sabe que o casamento ou a filiação reconhecidos aos casais do mesmo sexo não seriam considerados uma situação normal” (FASSIN, 1999 apud BORRILLO, 2015, p.24)

Assim como a homofobia não é direcionada exclusivamente a pessoas homossexuais, atingindo, inclusive, heterossexuais, esse tipo de violência pode ser praticado, também, por indivíduos LGBTI contra outros sujeitos LGBTI ou até contra si mesmo.

A esse tipo de homofobia dá-se o nome de homofobia internalizada, na qual a própria pessoa homossexual se enxerga e se entende como errada, anormal, inferior ou pecadora. “O ódio da sociedade contra os homossexuais pode transformar-se em ódio a si mesmo” (BORRILLO, 2015, p.100-101). Como consequências dessa homofobia internalizada, o indivíduo homossexual tenta camuflar sua sexualidade vivendo de acordo com os padrões sociais heteronormativos impostos, além de, habitualmente, nutrir sentimentos de desprezo, raiva, rejeição, vergonha por pessoas que se assumem homossexuais. As pessoas com esse tipo de homofobia tornam-se mais vulneráveis e solitárias e, por muitas vezes, desenvolvem problemas psiquiátricos, como a depressão, além de comportamentos de risco e autodestruição, como a prática de sexo inseguro e tentativas de suicídio. (BORRILLO, 2015; REIS, 2015).

Pensar na homofobia como um fenômeno de mão única ou tentar compreender essa hostilidade a partir da definição que inicialmente foi dada seria, de certo, limitar a abrangência dessa violência e, portanto, desconsiderar suas diferentes nuances e efeitos na sociedade como um todo. Dessa forma estaríamos negligenciando a reflexão na construção de mecanismos eficazes de enfrentamento a essa violência que se mostra tão destrutiva.

4.3. A VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA NO BRASIL: dados estatísticos e hemerográficos

As estatísticas sobre a violência homofóbica no Brasil começaram a ser levantadas a partir do ano de 2011, através de relatórios anuais confeccionados pela Secretária dos Direitos Humanos da Presidência da República, em uma iniciativa nunca realizada no país e na América Latina. O levantamento desses dados oficiais possibilitou que o Estado brasileiro obtivesse conhecimento mais detalhado acerca da realidade adversa enfrentada por milhares ou milhões de cidadãos/ãs LGBTI's que vivem no Brasil, e, com esses números, tornou-se possível a criação de mecanismos de enfrentamento à essa situação agressiva. “Para enfrentarmos essa triste realidade é essencial a conhecermos profundamente, identificando suas vítimas e algozes, suas ocorrências e características.” (BRASIL, 2012, p.04).

Esse levantamento visa a traçar um panorama completo das situações de violência homofóbica no Brasil delineando, para isso, o perfil das vítimas (faixa etária, identidade sexual, cor/raça), o perfil dos suspeitos e sua relação com as

vítimas e o perfil das violações, considerando o tipo de violência e o local em que ela ocorre.

Para esse estudo estatístico, em 2011, definiu-se a homofobia como:

Preconceito ou discriminação (e demais violências daí decorrentes) contra pessoas em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero presumidas. Neste conceito, apesar de não explicitados para melhor fluência do texto, estão incluídas a lesbofobia, a homofobia, a transfobia e a bifobia (ou seja, a LGBTfobia em geral) (BRASIL, 2012, p.12)

Assim, nesse contexto, a palavra homofobia serviu para, de forma geral, referenciar às violências específicas vivenciadas por lésbicas, travestis, gays, transgêneros ou bissexuais.

Em 2011 definiu-se, ainda, que esse trabalho estatístico se concentraria em denúncias provenientes de três bancos de dados principais:

Disque Direitos Humanos – Disque 100: Serviço de denúncia vinculado à Ouvidoria da SDH/PR, que abarca, desde dezembro de 2010, módulo específico para violações cometidas contra a população LGBT;

Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180: ofertado pela SPM, recebe denúncias ou relatos de violência, reclamações sobre os serviços da rede e orientações sobre direitos das mulheres;

Disque Saúde e Ouvidoria do SUS: serviço do Ministério da Saúde, oferece informações sobre doenças e recebe denúncias de mau atendimento no SUS. (BRASIL, 2012, p.13-14)

Ademais, também serviram como base de dados, e-mails e demais correspondências enviadas diretamente ao Conselho Nacional de Combate à Discriminação – LGBT e à Coordenação-Geral de Promoção dos Direitos de LGBT.

Além do levantamento a partir dessas bases de dados, foi acordado a confecção anual de relatório sombra com base em estatísticas hemerográficas que considerou a veiculação de notícias acerca da temática da homofobia pela imprensa nacional em cada ano corrente. Esse recorte mostrou-se relevante uma vez que essa metodologia era a utilizada pelos movimentos sociais LGBTI, sendo a única fonte de dados sobre esse tipo de violência no Brasil até o ano de 2011.

Desde o início da década de 1980, movimentos sociais LGBT no Brasil (em iniciativa pioneira do Grupo Gay da Bahia) realizam o levantamento de notícias relacionadas a homicídios cometidos contra a população LGBT no sentido de embasar estatísticas não-oficiais

sobre homofobia no Brasil. Estabeleceu-se, pois, uma série histórica de dados que permite comparar, se não o número real de assassinatos de caráter homofóbico no Brasil, pelo menos o volume de notícias relacionadas a este tipo de crime na mídia brasileira. (BRASIL, 2012, p.52).

Assim, essas duas espécies de relatórios, o estatístico formulado a partir das bases de dados do Governo Federal, e o relatório sombra baseado em notícias sobre a violência a LGBTI's no território nacional, possibilitaram que os números sobre essa forma de violação tornassem palpáveis.

Vale ressaltar, de toda forma, que a proposta dessa articulação é de se criar um documento anual, no entanto, sem especificar o(s) motivo(s), até o corrente ano de 2017, o Governo Federal disponibilizou, apenas, os relatórios sobre a homofobia referentes aos anos de 2011, 2012 e 2013.

4.3.1 Estatísticas Sobre A Violência Homofóbica No Brasil No Ano De 2011

Com relação ao ano de 2011, o relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil revela que, durante os meses de janeiro a dezembro, 6.809 violações à população LGBTI foram reportadas aos canais federais, das quais 1.713 pessoas foram vítimas e 2.275 suspeitas. Esses números revelam uma média de 3,97 violações para cada vítima e que, em geral, essas agressões foram praticadas por mais de um indivíduo. No entanto, o mesmo documento explica que a violência homofóbica, de forma semelhante ao que acontece com a violência contra a mulher, tende a sofrer uma naturalização e/ou auto-culpabilização por parte da vítima, o que reflete em casos que não chegam ao conhecimento dos órgãos competentes e, conseqüentemente, não podem ser tratados estatisticamente. Por isso, acredita-se que o número de violências homofóbicas ocorridas no Brasil seja bem maior do que a documentada nesses relatórios. (BRASIL, 2012).

Assim, é crucial ressaltar que as estatísticas analisadas ao longo dessa seção referem-se às violações reportadas, não correspondendo à totalidade das violências ocorridas cotidianamente contra LGBTs, infelizmente muito mais numerosas do que aquelas que chegam ao conhecimento do poder público. (BRASIL, 2012, p.18)

Nesse ano, percebeu-se, também, que a maior parte das vítimas é do sexo masculino (67,5%), homossexual (85,5%), que está entre a faixa etária até 29 anos (50,3%), com raça/cor autodeclarada preta ou parda (51,1%), não vivendo em situação de rua (82,5%) e com seu nível de escolaridade até o ensino médio completo (58,3). Já com relação à identidade de gênero das vítimas, houve um equilíbrio entre o gênero masculino (34,0%) e feminino (34,5%), além de 10,6% ser travesti, 1,5% mulheres trans e 0,6% homens trans. Com relação a esse ponto, destaca-se que 18,6% das vítimas não tiveram sua identidade de gênero informada, o que, segundo o relatório, pode denotar que “a categoria “identidade de gênero” não é corrente no senso comum, tornando-se seu entendimento um obstáculo para a resposta” (BRASIL, 2012, p.22).

Por outro lado, o relatório mostra que grande parte dos agressores (61,9%) é de pessoas conhecidas das vítimas. Agressões cometidas por desconhecidos (29,4%) aparece em segundo lugar, seguida por não informados (8,7%). Ao fazer um recorte maior, chega-se à informação de que essas violações são praticadas, em grande maioria, por familiares (38,2%) ou vizinhos (35,8%). Com relação ao sexo biológico, a figura do agressor se caracteriza por ser tanto do sexo masculino (52,5%) quanto do feminino (34,5%). No entanto, ao cruzar dados sobre o sexo biológico dos agressores e sua relação com as vítimas, percebe-se que:

Ao se analisar separadamente o sexo biológico de suspeitos conhecidos e não conhecidos da vítima,...) percebe-se que a predominância de agressores do sexo masculino. No entanto, enquanto entre suspeitos desconhecidos, a relação é de 61,8% de pessoas do sexo masculino para 20,9% do sexo feminino, quando se trata de agressores conhecidos o percentual de agressoras do sexo feminino aumenta consideravelmente, passando para 42,9%, enquanto os do sexo masculino caem proporcionalmente para 49,6%. Pode-se inferir daí que mulheres agressoras são mais comuns não apenas em violações que acontecem em espaços privados, mas também entre pessoas que se conhecem previamente (BRASIL, 2012, p.33, grifo do autor).

Ainda, verificou-se que 44,4% dos suspeitos não tiveram sua identidade sexual informada, enquanto 43,9% são heterossexuais. É notório que pouco se sabe sobre os/as suspeitos/as já que as variáveis raça/cor (34,9%), faixa etária (55,2%), estado civil (55,7%), escolaridade (73,1%), deficiência (96,4%), tiveram esses dados não informados.

Em 2011, notou-se que a pessoa LGBTI não está segura em lugar algum, pois as “violências homofóbicas acontecem tanto em espaços públicos (como ruas, estradas, escolas, instituições públicas, hospitais e restaurantes) quanto em espaços privados” (BRASIL, 2011, p.38), já que foram reportadas que tais agressões ocorreram na casa da vítima (42,0%), na rua (30,8%), instituições públicas (5,5) e local de trabalho (4,6%). Essas vítimas foram submetidas a graves tipos de violações: violência psicológica (42,5%), discriminação (22,3%), violência física (15,9%), negligência (6,8%) e outras.

No levantamento hemerográfico, realizado do primeiro ao último dia do ano de 2011, contabilizou-se 478 práticas homofóbicas com 478 pessoas vitimadas, dentre as quais, 278 foram assassinadas, e 652 suspeitos/as. Essa informação reforça o que diz o levantamento estatístico quando sugere que a violência homofóbica é uma prática, por vezes, incitada coletivamente pois o número de agressores/as supera a quantidade de pessoas agredidas.

Apesar do número alarmante, mais uma vez, o relatório faz um contraponto e alerta para a possibilidade dessa violência ser maior do que a retratada nas mídias nacionais:

O total de violências que viram notícia é bem menor do que o total de violações que ocorrem cotidianamente no Brasil (...)*. Entre estes, apenas os mais violentos, ou que envolvem pessoas com prestígio político ou econômico, ganham as manchetes por mais tempo. É também importante lembrar que somente estão aqui contabilizadas notícias em que a orientação sexual ou identidade de gênero da vítima foram explicitadas como não sendo percebidas como heterossexuais. Assim, as estruturas heteronormativas da sociedade brasileira ditam que se presume a heterossexualidade da vítima a não ser que haja evidência em contrário, o que invisibiliza uma enorme gama de vítimas de crimes de caráter homofóbico. (BRASIL, 2012, p.53, grifo do autor).

Percebe-se que uma discrepância quanto ao sexo das vítimas (90,8% masculino, 7,3% feminino) retratadas pela imprensa brasileira, o que sugere que a violência às lésbicas é mais invisível. No entanto, quanto à identidade de gênero, nota-se que a agressão às travestis (50,5%) é profundamente violenta e letal (BRASIL, 2011). Nota-se, também, que 2,3% das vítimas são indivíduos heterossexuais, o que comprova as palavras de Borrillo (2015) quando ele afirma que a homofobia não atinge exclusivamente quem é LGBTI.

Esse levantamento hemerográfico mostra que a faixa etária das vítimas é de até 29 anos (27,5%) e de 30 a 49 anos (19,9%), enquanto 45,3% não tiveram sua idade informada. Em 25% dos casos, a vítima conhecia o suspeito e 11,9% não eram conhecidos. Dentre os suspeitos conhecidos das vítimas, destacam-se: amigos (22,7%), prestadores de serviços (16,8%), companheiros (16,8%), clientes (12,6%) e policial (6,7%).

O machismo, fruto do sexismo e da heteronormatividade impostos, reflete no perfil do agressor que é, predominantemente, masculino (66,5%). 32,7% dos agressores não foram identificados e 0,8% das violências foram praticadas por pessoas do sexo feminino.

Dentre as violências noticiadas, 39,0% ocorreram na rua e 33,9% em casa (da vítima, do suspeito ou de terceiros), 73,4% foram agressões físicas (78,6% homicídios, 13,7% lesão corporal e 6,5% tentativas de homicídios) e 17,4% tráfico de pessoas (com destaque para a exploração sexual das travestis).

Destaca-se que as travestis (49%) despontam com o maior quantitativo de vítimas dizimadas por homicídios, seguida por gays (46%) e lésbicas (3,2%). Esse tipo de crime aconteceu, predominantemente, na rua (49%). A violência específica às travestis é caracteriza por requintes de crueldade:

A brutalidade da transfobia (...) se faz visível também na virulência dos crimes noticiados contra essa população: 9 tiros ou 30 facadas contra corpos inertes, órgãos genitais decepados, olhos perfurados, são todos sinais incontestes de crimes de ódio de caráter homofóbico, em que se deseja destruir não apenas a vítima, mas tudo aquilo que ela representa. (BRASIL, 2012, p.69).

Percebe-se que a violência direcionada às pessoas trans e travestis se configuram como uma atitude que não visa “apenas” matar! A crueldade empregada na morte dessas pessoas é caracterizada como uma maneira de aniquilar, além do corpo, a alma, expurgar de vez a existência trans, sobretudo quando se constata que no Brasil, país campeão mundial em assassinatos transfóbicos, a cada 48 horas uma pessoa trans é assassinada por motivações de ódio a sua identidade de gênero. (ANTRA, 2018).

4.3.2. Estatísticas Sobre A Violência Homofóbica No Brasil No Ano De 2012

O relatório sobre homofobia no Brasil referente ao ano de 2012 mostra um aumento significativo no quantitativo de denúncias (166,09%) e violações (46,6%) sofridas pela população LGBTI naquele ano. Além do que, corrobora alguns aspectos já apontados no documento do ano anterior, como por exemplo, que as vítimas desse tipo de violência são, em geral, passíveis de múltiplas violações, uma vez que, nesse ano, as estatísticas apontaram para uma média de 3,23 violações sofridas por cada vítima. Cabe reforçar que esses números não refletem a real situação da violência homofóbica no Brasil, já que muitos casos não chegam ao conhecimento do Poder Público. Ainda assim, os dados reportados já apontam que os indivíduos LGBTI convivem com a violência diariamente. Só no ano de 2012, em média, foram 27,34 violações e 13,29 vítimas de caráter homofóbico por dia no país.

Diferentemente do ano anterior, em 2012, maior parte das denúncias foi realizada por desconhecidos (47,30%), enquanto somente 10,49% dos denunciantes foram as próprias vítimas. Essa particularidade justifica o fato de 82,98% das vítimas não terem sua orientação sexual revelada e apenas 0,49% e 1,47% das vítimas terem sua identidade de gênero como transexual e travesti, respectivamente. “Categorias como orientação sexual e identidade de gênero, bem como suas diferenciações, não são amplamente conhecidas entre a população, desinformação que se torna um obstáculo para a denúncia”. (BRASIL, 2013, p.23). Essa falta de informação reforça mais a invisibilidade que pessoas trans e travestis sofrem em seu cotidiano.

Sobre o perfil das vítimas, comparando-se dois anos, em 2012 percebeu-se que houve correspondência quanto o sexo biológico (71,38% masculino), raça ou cor (40,55% negros), faixa etária (61,16% entre 15 e 29 anos). Neste ano, não houve levantamento quanto à escolaridade das vítimas, nem sobre a situação de rua.

Já referente ao perfil dos suspeitos, igualmente ao ano anterior, em 2012 constatou-se que a maior parte das vítimas conhecia seus agressores (58,9%) e 34,10% eram desconhecidos. Do mesmo modo, neste ano, dentre os suspeitos, destacam-se os vizinhos (20,69%) e a própria família da vítima (17,72%). Já 34,68% dos suspeitos não tiveram sua faixa de idade revelada, ao passo que 27,07% ficam

entre 15 e 29 anos, e 16,85% na faixa de 30 a 39, dados semelhantes ao do ano de 2011.

Do mesmo modo, o perfil das violações sofridas por pessoas LGBTIs se mantiveram equivalentes quando comparadas ao levantamento feito em 2011. Em 2012, as violências de cunho homofóbico se mostraram presentes tanto em espaços públicos (30,89%) quanto privados (38,63% - casa da vítima, do suspeito ou de terceiros). Tal qual ao relatório anterior, a violência psicológica (humilhação, ameaça, hostilização) foi a mais comum (83,2%) entre as violações sofridas, seguida por discriminação (74,01%) e violência física (32,68%).

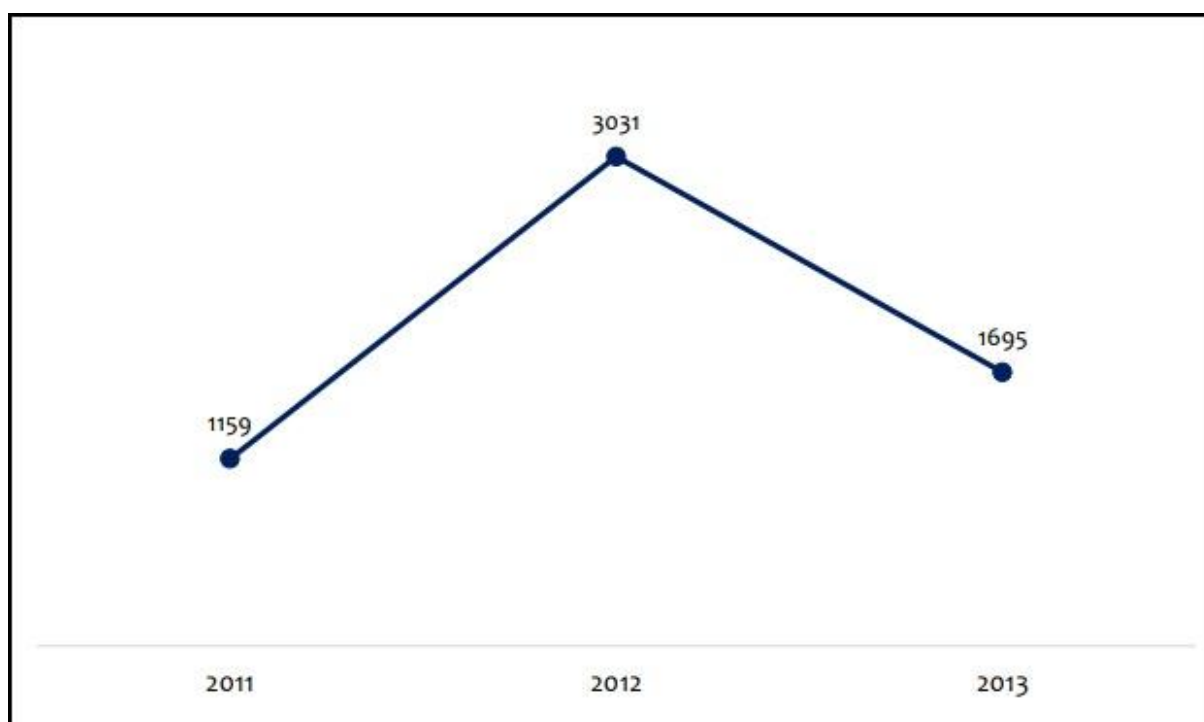
Os dados comparativos de origem hemerográfica referentes ao ano de interstício de 01 de janeiro a 31 de dezembro de 2012 contabilizam 511 violações contra a população LGBT, dentre as quais 310 foram homicídios, envolvendo, ao todo, 511 vítimas e 474 suspeitos. No entanto, o relatório faz um adendo ao alerta que, apesar da democratização do acesso à internet, “o total de violências que viram notícia é bem menor do que o total das violações que ocorrem cotidianamente no Brasil”. (BRASIL, 2013, p.40)

Tal qual em 2011, as estatísticas baseadas em fatos noticiados em mídia durante o ano de 2012 revelam que a vítima é, em sua grande maioria, do sexo biológico masculino (90,22%), sendo as travestis foram o principal alvo (51,68%), seguida por gays (36,79%) e lésbicas (9,78%). A faixa etária predominante fica entre os jovens de 14 a 29 anos (54,99%) e 28,77% mantinham algum tipo de relação com os suspeitos. Esses dados confirmaram que essa população sofre violações nos espaços públicos (rua - 35,67%) e privados (residência – 23,59%). Nesse tipo de levantamento, percebeu-se que em 2012, diferentemente dos dados obtidos órgãos oficiais, a violência física foi a mais relatada (74,56%), das quais 81,36% resultam em morte da pessoa LGBTI, sendo gays (54,19%) e travestis (40%) os/as mais assassinados/as. Nesse ano, como novidade, o levantamento hemerográfico trouxe informações sobre quais as armas utilizadas e tipo de homicídios contra a população LGBTI. Assim, as mortes armas de fogo (36,13%) aparecem em primeiro lugar, seguidas por facada (30,32%), espancamento (7,74%), asfixia (6,45%), paulada (5,48%). Para esses tipos de violência, a Polícia Militar (34,84%) foi a entidade mais acionada.

4.3.3. Estatísticas Sobre A Violência Homofóbica no Brasil no Ano de 2013

Continuando o levantamento sobre homofobia no Brasil, a SDH divulgou, em 2016, o relatório referente ao ano de 2013. Esse lapso temporal na publicação desse documento, no entanto, não foi explicitado pelo órgão responsável.

Figura 9- Gráfico sobre as denúncias de violência homofóbica no Brasil durante os anos de 2011 e 2013



Fonte: Brasil, 2016.

No ano de 2013, percebeu-se uma diminuição no número de casos registrados. No total foram 1.695 denúncias levadas ao poder público, com 3.398 violação à população LGBTI, as quais envolveram 1.906 vítimas e 2.461 suspeitos. Essa redução no quantitativo de denúncia não se deve simplesmente a não ligação.

Variáveis como a falta de manutenção de campanhas de divulgação pelos entes federativos e o alcance restrito desse meio de denúncia que possui dificuldades de acessar municípios de menor porte são causas possíveis de flutuação na taxa de denúncias. (BRASIL, 2016, p.10)

Assim como nos anos anteriores, em 2013 o número de suspeitos foi maior que o de vítimas, na média de 1,29, fortalecendo, assim, a percepção de que a

violência homofóbica é uma agressão coletivizada. Do mesmo modo, o relatório de 2013 endossa, também, a projeção de que as vítimas da homofobia são vítimas de múltiplas violações, uma vez que esses dados revelam uma média de 1,78 agressões sofridas por cada vítima. Além, neste ano foram notificadas 9,31 violações diárias com uma média de 5,22 vítimas de homofobia por dia no Brasil. Entretanto, apenas 9,1% dessas denúncias foram efetuadas pela própria vítima.

O perfil da vítima em 2013 se assemelha ao dos demais anos: sexo biológico masculino (73,0%), gays (24,5%) e travestis (11,9%), pretos e pardos (39,9%), faixa etária entre 15 e 30 anos (54,9%). Com relação ao perfil dos suspeitos, 32,1% deles eram conhecidos da vítima enquanto 32,0% eram desconhecidos. A faixa etária deles ficou entre 15 a 40 anos (35,4%). Já as violações, neste ano, ocorreram na residência da vítima, do suspeito ou de terceiros (36,1%) e na rua (26,8%), semelhantemente aos anos anteriores. Outros locais também foram palco dessas violações, como delegacias, igrejas, hospitais, local de trabalho. Ao todo, esses lugares somaram 37,5%. Dentre essas violações, as violências psicológicas (40,1%) e a discriminação (36,4%) foram as mais frequentes, seguidas pela violência física (14,4%).

Este é mais um dado sobre a insegurança em que vive a população LGBT no Brasil já que todos os locais de passagem ou permanência das pessoas LGBT são espaços potenciais de violência homofóbica, inclusive suas próprias casas se mostram como um dos locais de maior insegurança (BRASIL, 2016, p.22).

Já o relatório sombra confeccionado a partir de fatos que abordam a violência homofóbica vinculados na mídia nacional durante 01 de janeiro e 31 de dezembro de 2013, mostra que neste ano 317 violações contra essa população foram divulgadas nas mídias, sendo 251 referentes ao crime de homicídio. Entretanto, neste levantamento, percebeu-se que os veículos de notícias:

Tem privilegiado noticiar as violações contra dois grupos muito específicos: 1) travestis e transexuais quando se encontram em situação de prostituição de rua e 2) homens gays quando estes são vitimizados por circunstância do exercício de sua (homo)sexualidade. (BRASIL, 2016, p.30).

O relatório hemerográfico sugere que essas preferências da mídia por noticiar esses dois grupos é, na verdade, uma maneira de associar a violência vivenciada por travestis e transexuais ao tráfico de drogas e ao perigo de atuar enquanto

profissional do sexo, e de associar, também, a violência sofrida por gays a uma suposta promiscuidade ao relacionar-se com rapazes desconhecidos.

O perfil das vítimas traçado via dados hemerográfico revela que a vítima, em sua maioria, é do sexo biológico masculino (92,1%), dentre os quais estão aqueles/as que se apresentam em corpos femininos (BRASIL, 2016), são gays (54,3%) ou travestis (26,8%), com até 39 anos (56,5%) e não são moradores/as de rua (69,7%). No levantamento hemerográfico percebeu-se que 61,5% dos casos de violações a LGBTI não trouxeram informações sobre a relação entre vítima e suspeito. Em contrapartida, 38,5% são suspeitos que conviviam com a vítima. Esses dados demonstram que:

Mais do que crimes derivados da insegurança pública a que a população mais ampla também está submetida, as pessoas LGBT no Brasil estão submetidas a violações específicas apenas por serem e demonstrarem quem são. (BRASIL, 2016, p.38)

Também como nos anos precedentes, em 2013 essas violações ocorreram, em sua maior parte, na rua (25,3%) ou na residência (23,7%). Ainda de acordo com o levantamento hemerográfico, neste mesmo ano, a população LGBTI foi alvo de agressões brutais, como facada (22,4%), tiro (21,9%), espancamento (8,6%), pedrada (5,2%).

4.3.4 A Quantificação da Homofobia: O Que Os Dados Não Revelam

Apesar de, até o presente ano, o Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil ter referenciado, apenas, os dados de violações sofridas pela população LGBTI durante os anos de 2011, 2012 e 2013, esses levantamentos corroboraram que desviar dos padrões heteronormativos e sexistas preconcebidos pode significar a pena de morte de sujeitos LGBTI no nosso país.

Esses documentos nos revelam que os indivíduos LGBTIs são alvos frequentes de uma violência específica que tolhe direitos, fere a carne e dizima vidas, e que a essas pessoas, nenhum lugar parece ser seguro, nem nos espaços públicos, nem em suas próprias residências.

O ódio homofóbico é transfigurado na brutalidade das agressões que são externalizadas pelos suspeitos desse tipo de crime.

Ainda que os dados apresentados pelo Governo Federal não reflitam a real situação de violência vivida cotidianamente por gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil, já que a grande parte de casos desse tipo ganha traços de naturalidade e/ou de culpabilização por parte de quem sofre a agressão (BRASIL, 2012), é necessário reconhecer a gravidade, a especificidade e a urgência da criação de mecanismos que impeçam a propagação dessas atitudes em nossa sociedade.

Essas estatísticas remetem a uma vivência impregnada por momentos e situações em que o/a LGBTI torna-se vítima de toda forma de agressão pelo simples fato de ser quem ele ou ela é. Assumir-se enquanto desviante da curva heteronormativa que a sociedade sempre desenhou para a vida das pessoas é, metaforicamente, entrar numa guerrilha urbana cuja maior conquista é garantir-se vivo/a.

5 ANÁLISES DISCURSIVAS

Essa seção é direcionada às análises dos discursos coletados no Facebook durante o período estabelecido e considerando os critérios definidos no capítulo 02. Esta parte da pesquisa divide-se em três subcapítulos, cada um deles é dedicado a um caso específico.

O primeiro caso traz a análise dos discursos produzidos pelos sujeitos em resposta ao fato noticiado de que uma mãe se tornou a principal suspeita de planejar o assassinato de seu filho. A motivação para esse crime seria a não aceitação da homossexualidade do garoto por parte de sua genitora;

O segundo caso analisa a produção dos discursos acerca da notícia de que, devido a problemas de saúde, a cantora drag queen Pablio Vittar teria cancelado shows e sua participação em um evento nacional direcionado a crianças;

O último caso apresenta as análises discursivas sobre a divulgação da notícia de que o ator Paulo Gustavo e seu marido seriam pais de gêmeos.

5.1 CASO 01 – Mãe e padrasto são presos suspeitos de matar jovem e queimar corpo no interior de SP, em 12 de janeiro de 2017, reportagem Folha de São Paulo / Jovem diz que mãe armou cilada para matar filho em SP, em 17 de janeiro de 2017, G1 – O Portal de Notícias da Globo / Mãe e mais 2 acusados vão a júri popular por morte de jovem no interior de SP, em 02 de outubro de 2017, G1 – O Portal de Notícias da Globo.

Os dados em análise fazem referência ao caso de uma mãe que, juntamente com o padrasto e comparsas, se tornaram a principal suspeita de planejar e executar a morte do próprio filho. Segundo as notícias, a investigação policial apontou que a motivação para esse crime teria sido a não aceitação da homossexualidade do filho.

A divulgação desse assassinato gerou grande repercussão nas redes sociais. De início, percebe-se que parte dos/as usuários/as do Facebook demonstram-se incrédulos/as diante de tal fato, e materializam essa descrença em discursos que

condenam a atitude dessa mãe. Muitos desses sujeitos, inclusive, questionam se a mulher acusada pode ser nomeada de ‘mãe’.

Figura 10 - Reportagem Folha de São Paulo - Mãe e padrasto são presos suspeitos de matar jovem e queimar corpo no interior de SP



Fonte: Reprodução Facebook – 12/01/2017.

“Meu... Que absurdo... Como pode a mãe e o pai fazer e encobrir uma coisa dessa...” (Figura 11);

“Isso não é uma mãe é um demônio eu não aceito uma mãe maltratar seu filho em hipótese alguma [comentário seguido por sete emojis chorando] (Figura 14);

“Que apodreça na cadeia.!” (Figura 15);

“Isso não é mãe é um monstro” (Figura 16);

“Mãe?” (Figura 16)

“Eu nunca vou esquecer da brutalidade que fizeram com ele dessa mãe maldita Deus é justiça ela vai ser condenada” (Figura 15).

Figura 11 - Reportagem Folha de São Paulo - Mãe e padrasto são presos suspeitos de matar jovem e queimar corpo no interior de SP



Fonte: Reprodução Facebook. 12/01/2017.

Nota-se que esse sentimento de revolta em face ao crime praticado pela mãe não está presente na totalidade dos discursos produzidos e coletados. Aliás, o que se percebe nesses outros dizeres é uma tentativa de justificar e/ou amenizar a gravidade da atitude da mãe. É como se a homossexualidade desse filho fosse motivo suficiente para que ele fosse punido. Ou ainda: que a não aceitação do filho gay fosse uma atitude compreensível e que pudesse amenizar a brutalidade praticada pela mãe, afinal ter um/a filho/a homossexual representaria estar de acordo com aquilo que vai contra a natureza, seria conviver com uma abominação particular (FOUCAULT, 2017).

“Não sou obrigada a aceitar desvios de personalidade de ninguém, eles só querem assumir a homossexualidade, e não suas contas querem curtir sua aberração dentro da casa dos pais, sendo sustentados por eles e ainda querem trazer para dentro de casa. Meus filhos podem ser o que quisermos, mas paguem suas contas e vão morar bem longe de mim e vde minha família.” (Figura 19)

Ainda que todo o trabalho de investigação da polícia tenha chegado à conclusão de que o crime foi motivado por aversão da mãe à homossexualidade de

seu filho, usuários/as se empenham em menosprezar essa motivação e criar uma outra situação que pudesse servir de justificativa para esse assassinato. É a materialização da negação da existência do crime de homofobia na nossa sociedade. Sob esse aspecto, Borrilo (2015) vai explicar que essa desqualificação contínua, essa reiterada atitude de desdém perante à homossexualidade, aqui à homofobia, é uma forma de expressão da própria homofobia, na qual as pessoas desconsideram e rejeitam, ainda que sutilmente (o que não ocorre aqui nessa situação) a possibilidade de o/a homossexual ter os mesmos direitos, prerrogativas, acessos e possibilidades que o/a heterossexual tem. Aqui, nesse fato há uma sistemática desqualificação do crime homofóbico praticado pela mãe. É, apesar de saltante aos olhos, a negação de que muitos indivíduos LGBTI são dizimados unicamente por serem quem eles/elas são (BRASIL, 2012; 2013; 2016). Esse tipo de discurso faz um paralelo com uma frase habitualmente dita por pessoas que promulgam aceitar a homossexualidade alheia desde que não seja um/a filho/a meu/minha. Aqui, no entanto, confirmam a homossexualidade, mas dizer (e divulgar) que o motivo do crime foi homofobia já é demais. Para esses indivíduos, a razão de tal brutalidade pode ser qualquer coisa menos o preconceito pulsante da mãe. Afinal, como lembra ironicamente um sujeito, “homofobia não existe no Brasil”. (Figura 13).

“Eles tinham um relacionamento conturbado pelo fato de ele ser usuário de drogas, mas na cabeça da militância glbt ele foi vítima de homofobia” (Figura 11);

“Pelo que li, o crime nada tem a ver com homofobia” (Figura 11)

“Nem sempre os gays sofre homofobia, isso é raro” (Figura 14)

“Na vdd há relatos de que ele usava drogas e era agressivo, isso foi a grande causa, não deve ser fácil lidar em casa assim e em um momento de desespero acabou acontecendo a tragédia. Agora fica batendo em cima que foi homofobia” (Figura 17).

“Quem convivia com ele era ela ninguém melhor do que quem convive pra dizer se ele usava ou não. Foi uma tragédia e não homofobia” (Figura 18).

Figura 13 - Reportagem G1 - O portal de Notícias da Globo - - Mãe e mais dois acusados vão a júri popular por morte de jovem no interior de SP



Fonte: Reprodução Facebook – 02/10/2017.

“Tá certo que toda mãe deseja que seu filho case e tenha uma boa esposa”
(Figura 19)

Ainda que implicitamente e/ou involuntariamente (ou não), o sujeito produtor de tal dizer traz à tona toda uma construção cultural e histórica de papéis atribuídos aos homens e às mulheres na sociedade que, desde sua formação, vai estabelecer o que é esperado de cada pessoa que dela faça parte mas também vai deixar evidenciado aquilo que é indesejado, e o preço que se paga por contrariar as normas. É essa coletividade que vai ditar que:

não há lugar para aqueles homens e mulheres que, de algum modo, perturbem a ordem ou dela escapem. Os custos desses sujeitos são altos. São-lhes impostos custos morais, políticos, materiais, sociais, econômicos, mesmo que, hoje, a desobediência a essa ordem e o desvio dela sejam mais visíveis e até mesmo mais “suportados” do que em outros momentos. Custos que vão além do seu não reconhecimento cultural (...) A família sancionada pelo Estado exclui gays e lésbicas. (LOURO, 2016, p.91, grifo do autor).

Como argumento de verdade, percebe-se que o sujeito, ao comentar a reportagem, produz um discurso que remete à memória da base familiar,

pressuposto de uma racionalidade que nega a pluralidade sexual e afetiva entre as pessoas.

Figura 14 - Reportagem G1 - O portal de Notícias da Globo - Mãe e mais dois acusados vão a júri popular por morte de jovem no interior de SP

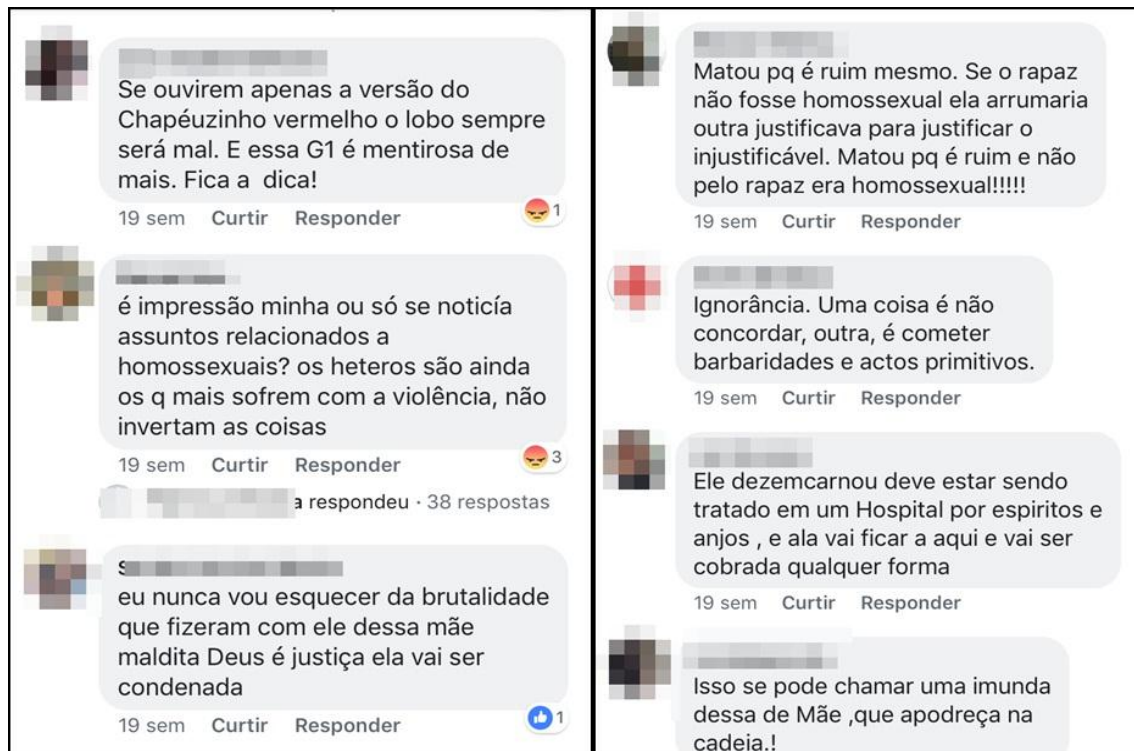


Fonte: Reprodução Facebook 02/10/2017.

E para esse rapaz, a assunção de sua homossexualidade fez-lhe ser excluído não somente da sociedade ou da convivência com sua família, mas sim da sua própria vida, da própria existência. E esse caminho, o da aniquilação, parece ser o rumo predito para os/as homossexuais. Não que as outras pessoas estejam livres e seguras de fatos tão brutais quanto esse, mas para os/as LGBTI a morte é devida, é a pena mais alta (e, para alguns/algumas, a mais justa) pelo atrevimento de ir contra o padrão. É algo, inclusive, que já é esperado que aconteça. E quando acontece, pode não causar comoção e/ou empatia em alguns/algumas. É como branda em caixa alta outro sujeito ao afirmar:

“VIADO SÓ TERMINA ASSIM!” (Figura 12)

Figura 15 - Reportagem G1 - O portal de Notícias da Globo - Mãe e mais dois acusados vão a júri popular por morte de jovem no interior de SP



Fonte: Reprodução Facebook 02/10/2017.

A verdade é que, assim como Louro (2016) explicou acima, os/as desviantes que se lançam a viver uma vida fora da linha compulsória estabelecida e suportada pela sociedade em todas suas instâncias e a todo momento, acabam por viver à sua margem e são cobrados por essa “atitude transgressora”. Alguns/algumas pagam com a vida, outros/as são expulsos/as da convivência familiar e jogados/as ao mundo, como produtos que perderam sua utilidade. E essa alternativa, a de expulsar o/a filho/a homossexual de casa devido sua orientação sexual, parece ser uma atitude compreensível, justificável e incentivada na sociedade. Pelo menos é o que se nota ao analisar os seguintes discursos produzidos diante dessas notícias acompanhadas:

“Se você é mãe/pai, tem que criar até os 18 anos. Depois, se quiser, expulsa de casa.” (Figura 14);

“Até expulsar de casa ou não reconhecer mais como filho, dava pra engolir!!!” (Figura 18);

“Eu acho que houve exagero por parte da mãe. Era SÓ ter mandado sair de casa os dois... Quem tem condições de escolher sua sexualidade sozinho... tem e DEVE tbm se manter por si SÓ”. (Figura 16).

Figura 16- Reportagem G1 - O portal de Notícias da Globo - Mãe e mais dois acusados vão a júri popular por morte de jovem no interior de SP



Fonte: Reprodução Facebook – 02/10/2017.

Aqui fica evidenciado o quanto a homossexualidade é indesejada, repelida, evitada e castigada. Ao menor sinal, ela deve ser reprimida e punida de alguma forma. Ser reprimida em todos os sentidos e lugares, inclusive no próprio Facebook. A homossexualidade deve ser silenciada, ficar no lugar que lhe pertence que é do não-discurso, da negação de sua existência. E isso fica perceptível quando voltamos nossa análise para discursos de sujeitos que se incomodam com a divulgação de notícias e fatos relacionados a pessoas LGBTI em páginas no Facebook.

“Essa globo está enchendo o saco com isso. Centenas de pessoas são mortas pelos motivos mais banais que existem, mais quando é um homossexual parece que é mais importante do que outra pessoa #mimimi” (Figura 14);

“É impressão minha ou só se noticiá assuntos relacionados a homossexuais? Os heteros são ainda os q mais sofrem com a violência, não invertam as coisas” (Figura 15);

Figura 17 - Reportagem G1 - O portal de Notícias da Globo - Jovem diz que mãe armou cilada para matar filho em SP



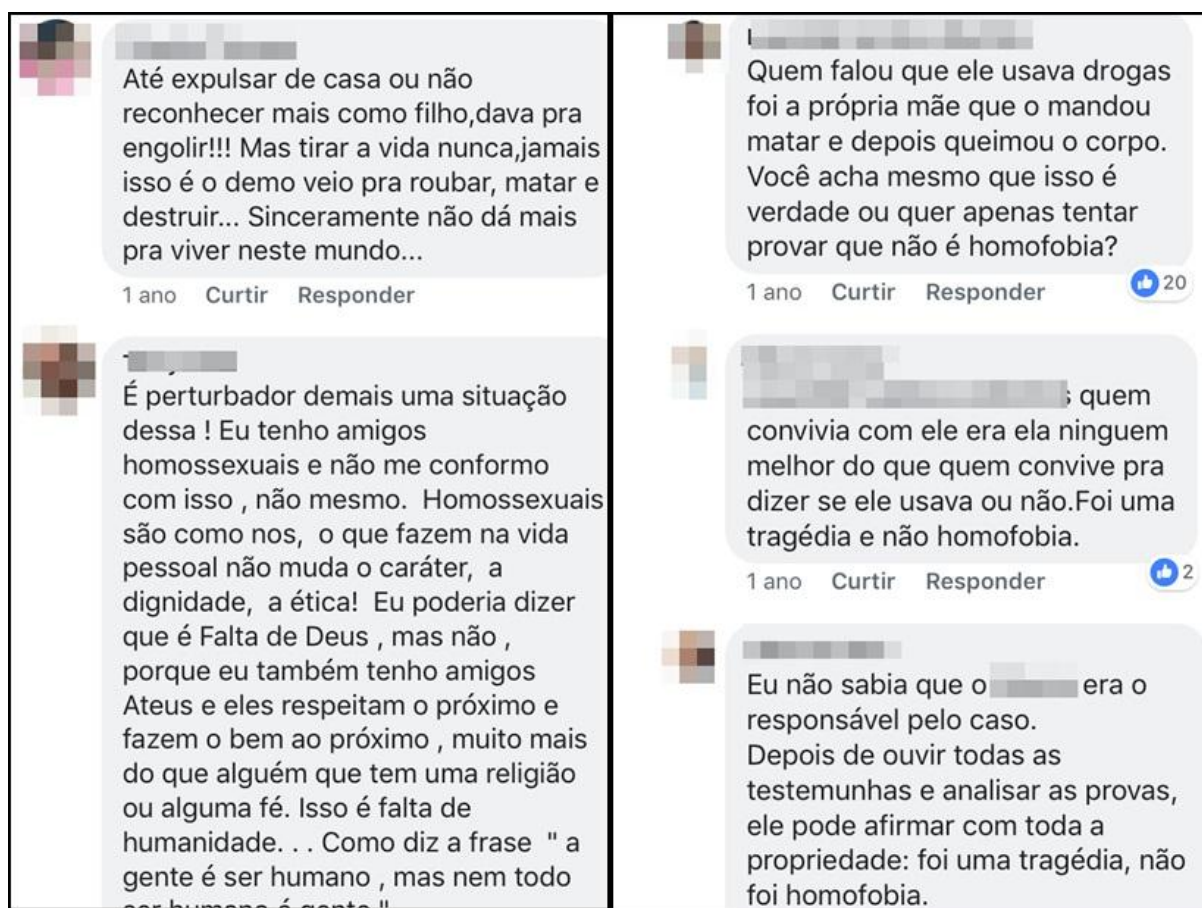
Fonte: Reprodução Facebook 17/01/2017.

Ainda, por ser um crime de cunho homofóbico, que seja mais um caso a confirmar as estatísticas que apontam que a população LGBTI não está segura nos lugares públicos nem nos locais privados (BRASIL 2012, 2013, 2016), nem em sua própria casa, nem na convivência de sua genitora, o que se percebe é que essas notícias compartilhadas acabam por gerar em alguns sujeitos um sentimento de descrença generalizada. Descreem do veículo de comunicação. Descreem da motivação do crime. Descreem da própria capacidade de a Justiça fazer justiça. Para eles/elas é mais cômodo não acreditar que a homofobia dizimou mais uma vida.

“Se ouvirem apenas a versão do Chapéuzinho vermelho o lobo sempre será mal. E essa G1 é mentirosa de mais. Fica a dica!” (Figura 15);

“Não serão condenados, a morte deste traste foi um acidente” (Figura 16).

Figura 18- Reportagem G1 - O portal de Notícias da Globo - Jovem diz que mãe armou cilada para matar filho em SP



Fonte: Reprodução Facebook 17/01/2017.

Esse caso reforça o quanto a homossexualidade ainda é combatida em nossa sociedade. E essa repressão, a homofobia, é reforçada com mais preconceito e aversão. Percebe-se que essa violência se manifesta através de distintas expressões sociais, desde os atos violentos de agressão física e restrição de direitos sociais até a imposição de exclusão às pessoas cujas práticas sexuais não são heterossexuais. Aqui, o que se torna notório, é que a aversão da mãe à homossexualidade do filho é negada por muitos/as usuários/as. Aqui, a homofobia se expressa através da negação da existência da própria homofobia.

Figura 19 - Reportagem G1 - O portal de Notícias da Globo - Jovem diz que mãe armou cilada para matar filho em SP



Não sou obrigada a aceitar desvios de personalidade de ninguém, eles só querem assumir a himoxessualidade, e não suas contas querem curtir sua aberração dentro da casa dos pais, sendo sustentados por eles e ainda querem trazer parceiros pra dentro de casa. Meus filhos podem ser o que quisermos, mas paguem suas contas e vão morar bem longe de mim e vde minha família.

19 sem Curtir Responder  2

 respondeu · 4 respostas



Meu filho!!!
Amado jamais deixaria de ama lo por sua opcao sexual
Ela eh um monstro?!!!

19 sem Curtir Responder



Tã certo que toda mãe deseja que seu filho case e tenha uma boa esposa. Mas ã é motivo pra matar. Tenho um filho e só peço que ele seja honesto, trabalhador e inteligente. De resto a gente cuida

1 ano Curtir Responder



Isso não era mãe! O preconceito falou mais alto do que o amor de mãe. Mesmo que vc não aceita. Você respeita!
E fora que uma "mãe" jamais faz mal para um filho e muito, mais muito menos matar um filho

1 ano Curtir Responder



Que tristeza! Onde vamos parar? Eu que sempre defendi o amor materno, independente da condição sexual dos filhos, fico estarecida com uma notícia dessas.

Fonte: Reprodução Facebook 17/01/2017.

5.2 CASO 02 – com grave infecção, Pabllo Vittar cancela participação no ‘Criança Esperança’, em 18 de agosto de 2017, reportagem Folha De São Paulo / Pabllo Vittar cancela agenda de shows e participação no Criança Esperança por ordens médicas, em 18 de agosto de 2017, reportagem G1 – O Portal de Notícias da Globo.

As publicações que seguem referem-se a um mesmo fato: o de a cantora *drag queen* Pabllo Vittar⁹ ter cancelado seu show na campanha nacional ‘Criança Esperança’¹⁰, ocorrida em meados do mês de agosto de 2017, devido a problema de saúde.

Em 18 de agosto de 2017, sob o enunciado “Com grave infecção, Pabllo Vittar cancela participação no ‘Criança Esperança’”¹¹, a página da Folha de São Paulo no Facebook noticiou tal fato. Na mesma data, o perfil no Facebook do G1 – O portal de Notícias da Globo também divulgou essa notícia com o título “Pabllo Vittar cancela agenda de shows e participação no Criança Esperança por ordens médicas”¹².

⁹ Em entrevista, Pabllo Vittar disse que não se considera transexual. Ele/a se autodeclarou como um menino gay, que trabalha como *drag queen* e que se relaciona com outros homens gays. Sobre o fato de ser tratado/a no masculino ou no feminino, ele/a afirmou que não tem problemas em nenhum caso mas que, quando está atuando como *drag queen*, prefere que ser chamado/a no feminino. (GLOBO, 2017).

¹⁰ O Programa Criança Esperança, uma iniciativa da Rede Globo em parceria com a UNESCO desde 2004, compreende uma mobilização social que busca transformar o futuro de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Todos os anos, uma grande campanha na mídia mobiliza os brasileiros a fazerem doações para apoiar projetos sociais nas cinco regiões do Brasil. (UNESCO, 2017).

¹¹ Grifo do autor

¹² Grifo do autor

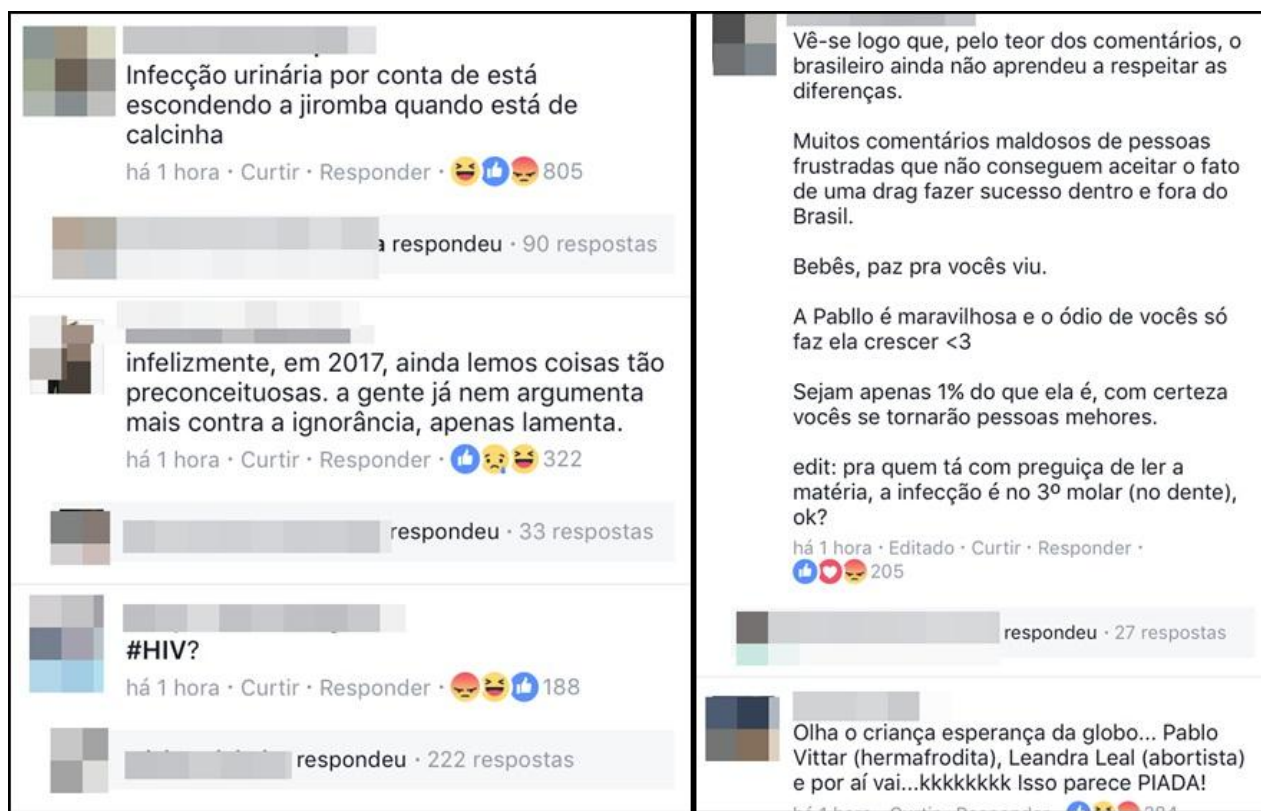
Figura 20- Reportagem Folha de São Paulo - Com grave infecção, Pabllo Vittar cancela participação no 'Criança Esperança'



Fonte: Reprodução Facebook – 18/08/2017

A análise dessas publicações volta-se, inicialmente, para os discursos produzidos por meio das reações recebidas de seus e suas usuários/as. Primeiro, com relação ao noticiado pela Folha de São Paulo, nota-se que diante dessa divulgação parte dos sujeitos se manifestou através da funcionalidade *Triste*, denotando uma empatia pela situação de enfermidade pela qual passava a cantora e/ou pela sua impossibilidade de comparecer ao evento em questão, ao tempo que outra parte significativa dos/as seguidores/as dessa página de notícia reagiu utilizando-se do botão *Haha*, que remete à alguma situação cômica, alegre, divertida. Apesar de o noticiário destacar que o estado de saúde da artista exigia cuidados maiores (Trecho Com grave infecção), esse grupo de usuários/as demonstrou desdém diante dessa situação. Tal cenário se repetiu nos discursos percebidos no Facebook do G1 a partir do compartilhamento da mesma notícia. Parte de seus/suas seguidores/as reagiu com a ferramenta *Triste*, ao passo que outros/as se manifestaram com a função *Haha*.

Figura 21 - Reportagem Folha de São Paulo - Com grave infecção, Pablo Vittar cancela participação no 'Criança Esperança'



Fonte: Reprodução Facebook – 18/08/2017

Partindo para os comentários que seguem às publicações, é possível perceber que realmente existe um tom de deboche, ironia e menosprezo relacionado ao fato noticiado. A não apresentação da artista no evento direcionado a crianças é motivo de piadas entre os sujeitos que se dispuseram a produzir comentários:

“Agora sim as crianças têm esperança” (Figura 16)

“Se o mundo musical é um jogo de baralho, Pablo Vittar seria uma Dama de Paus?” (Figura 19)

“Ordens médicas??? Deixa eu adivinhar, De novo, ele bebeu 15 litros de Groselha pra ver se ficava menstruada né?” (Figura 19)

“Segundo fontes é devido a fortes cólicas menstruais. Kkkkkkkkkkkk” (Figura 21)

É justamente por meio de piadas e chacotas que a homofobia se manifesta em sua forma simbólica. (BORRILLO, 2015; LIONÇO, 2009; REIS, 2015). Há nessas situações uma tentativa de inferiorização do sujeito LGBTI através do artifício da comédia, do humor, do sarcasmo, que, na verdade, servem para situar a pessoa

considerada diferente em lugares vexatórios e de marginalização social. Borrillo destaca isso, ao alertar que é através dessas atitudes ridicularizantes que a homofobia se concretiza e se perpetua na sociedade. “Presente nos insultos, nas piadas, nas representações caricaturais, assim como na linguagem corrente, a homofobia descreve os gays e as lésbicas como criaturas grotescas, objetos de escárnio”. (BORRILLO, 2015, p.24). A memória discursiva desses dizeres nos remete justamente a essa prática em que o/a homossexual é retratado e posicionado como o motivo e a razão que, por si só, já justifica a piada.

Figura 22- Reportagem Folha de São Paulo - Com grave infecção, Pabllo Vittar cancela participação no 'Criança Esperança'



Fonte: Reprodução Facebook – 18/08/2017

Ultrapassar a fronteira do que é socialmente imposto resulta no que Foucault (2017) chama de tríplex decreto de interdição, inexistência e mutismo. Considerando esse pressuposto, Foucault argumenta que, a qualquer manifestação de uma sexualidade desviante, cabe-lhe a negação, o silêncio, o esconderijo.

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não

existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer (FOUCAULT, 2017, p.8)

E isso é percebido nos dizeres produzidos por sujeitos que celebram a impossibilidade de a Pablla Vittar exercer suas atividades laborais. Esconder e/ou evitar a exposição da artista é uma maneira de posicioná-la num espaço que lhe é cabido como punição por ser diferente daquilo que é permitido, esperado, regulado. Aqui lhe cabe uma cortina social pois ela representa tudo aquilo que não pode ser visto, que não deve ser exposto, sobretudo a crianças.

Borrillo (2015, p.36) diz “os/as homossexuais, em decorrência das suas ‘práticas bizarras’, vivem sob a suspeita de que ameaçam a coesão cultural e moral da sociedade; o discurso homofóbico serve-se desse fantasma como principal arma de combate”. Assim, nos dizeres construídos pelos sujeitos, mais uma vez, vem à tona a manifestação do discurso de aversão à homossexualidade encoberto por um falso desejo de preservação das crianças, como se a figura de uma *drag queen* pudesse exercer algum tipo de influência no caráter ou na personalidade dos/as menores. Como pena por sua transgressão de ser quem ela é, é preferível que ela não vá trabalhar, que fique doente ou até que morra a ter que a expor em um evento de alcance nacional e que é voltado a crianças. E justamente por desafiar a ordem “harmônica” estabelecida que a enclausura social é o seu lugar devido.

“Tomara que esse lixo morra com infecção no rabo” (Figura 16)

“Graças a Deus! A inocência de crianças estão em “jogo”” (Figura 16)

“AINDA BEM, CRIANÇAS NÃO PRECISAM ESTAR VENDENDO ESSE TIPO DE COISA NÃO”. (Figura 19)

“Melhoras pra ele. Agora colocar um travesti para cantar pra crianças é demais” (Figura 20)

“Graças a Deus, imagine nossas crianças vendo um demônio desses no criança esperança.” (Figura 21).

Usuários/as também constroem seus discursos associando a homossexualidade à Aids (Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida), ao vírus HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) e a outras DST's (Doenças Sexualmente Transmissíveis). A respeito desses dizeres, a memória discursiva nos remete à época em que o HIV/Aids foi descoberto e que os homossexuais (em especial os homossexuais masculinos) foram categorizados como grupo de risco. Essa epidemia

foi estigmatizada por anos como “câncer gay” ou Grid¹³, sigla que significa deficiência imunológica relacionada a gays. (ESTADÃO, 2010)

Figura 23 – Reportagem G1 – O Portal de Notícias da Globo - Pablo Vittar cancela agenda de shows e participação no Criança Esperança por ordens médicas



Fonte: Reprodução Facebook – 18/08/2017

“Deve ter pego sífilis...oremos pela sua recuperação tadinho” (Figura 16);

“Problemas de HIV, a maioria das travestis tem AIDS e por isso tem expectativa de vida de 30 anos apenas” (Figura 20);

“Deve ser aquela doença gay. AIDS” (Figura 21).

No entanto, ao se posicionarem através desses discursos, os sujeitos negligenciam, voluntária ou involuntariamente, dados recentes, sobretudo no que se refere ao âmbito brasileiro, que apontam que o problema do HIV/Aids está disseminado por todas as camadas sociais, não se restringindo a um grupo específico. Inclusive, o Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2016 do Departamento de

¹³ Gay Related Immune Deficiency

Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/aids e das Hepatites Virais (DIAHV), da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), do Ministério da Saúde (MS), aponta um equilíbrio no número total de pessoas infectadas quando há essa categorização por orientação sexual:

Os casos de infecção pelo HIV registrados no Sinan de 2007 a 2015 em indivíduos maiores de 13 anos de idade, segundo a categoria de exposição. Entre os homens, no período observado, verifica-se que 50,4% dos casos tiveram exposição homossexual, 36,8% heterossexual e 9,0% bissexual; entre as mulheres, nessa mesma faixa etária, observa-se que 96,4% dos casos se inserem na categoria de exposição heterossexual. (BRASIL, 2017, p.2)

Já no que se refere no ano de 2015, o mesmo documento aponta um predomínio de pessoas heterossexuais infectadas em quase todas as regiões do Brasil: “No ano de 2015, a região Sudeste apresentou um predomínio da categoria de exposição de HSH¹⁴, enquanto que, em todas as outras regiões, o predomínio foi heterossexual.” (BRASIL, 2017, p.10).

Percebe-se, ainda, que sujeitos se utilizam repetidamente, em ambas as publicações, da estratégia de categorizar enfaticamente a cantora no gênero masculino. Nesses casos, a homofobia se apresenta como forma de violências àqueles/as que não se enquadram nos moldes sociais determinados e padronizantes do binário de gênero exclusivo do masculino e do feminino. É nesse aspecto que se confirma o que Junqueira (2007, p.61) preconiza quando relata que a homofobia está associada “a pensamentos e estruturas hierarquizantes relativas a padrões relacionais de identidades de gênero, a um só tempo sexistas e heteronormativos.”

Essa heteronormatividade também é apontada por Reis (2015, p.49) quando esse autor alerta que:

Desde a infância, o gênero já determina o comportamento social e sexual que se requer de uma pessoa do sexo masculino ou feminino. A norma é ser heterossexual e cumprir os papéis social e culturalmente atribuídos aos gêneros. A pressão existe para se conformar a essa norma, mesmo quando a vontade, a orientação sexual e/ou a identidade de gênero da pessoa seja outra.

¹⁴ Sigla que significa “Homens que fazem sexo com homens” (BRASIL, 2017)

Figura 24 - Reportagem G1 – O Portal de Notícias da Globo - Pablo Vittar cancela agenda de shows e participação no Criança Esperança por ordens médicas



Fonte: Reprodução Facebook – 18/08/2017

Essa pressão é saliente quando se percebe que os sujeitos se revoltam pelo fato de as reportagens se dirigirem a Pablo através do gênero feminino. A força dessas indagação e revolta pode ser facilmente comprovada quando esses/as usuários/as produzem seus discursos servindo-se de vários artifícios gramaticais como:

O uso contínuo de interrogações:

“Pablo: nome de gênero masculino.. então pq cantora???? Cada uma...”

(Figura 20);

“Cantora?????” (Figura 21);

E quando se utilizam de vários sinais de exclamação e ou de palavras escritas em partes ou totalmente em maiúsculo, o que denota na linguagem da internet que o/a produtor/a daquele discurso está gritando:

“Melhoras para ELE” (Figura 20)

“CantorA?”, “Cantora?” (Figura 21);

“Cantora? ISSO É UM CARA POHHA!!!!” (Figura 21).

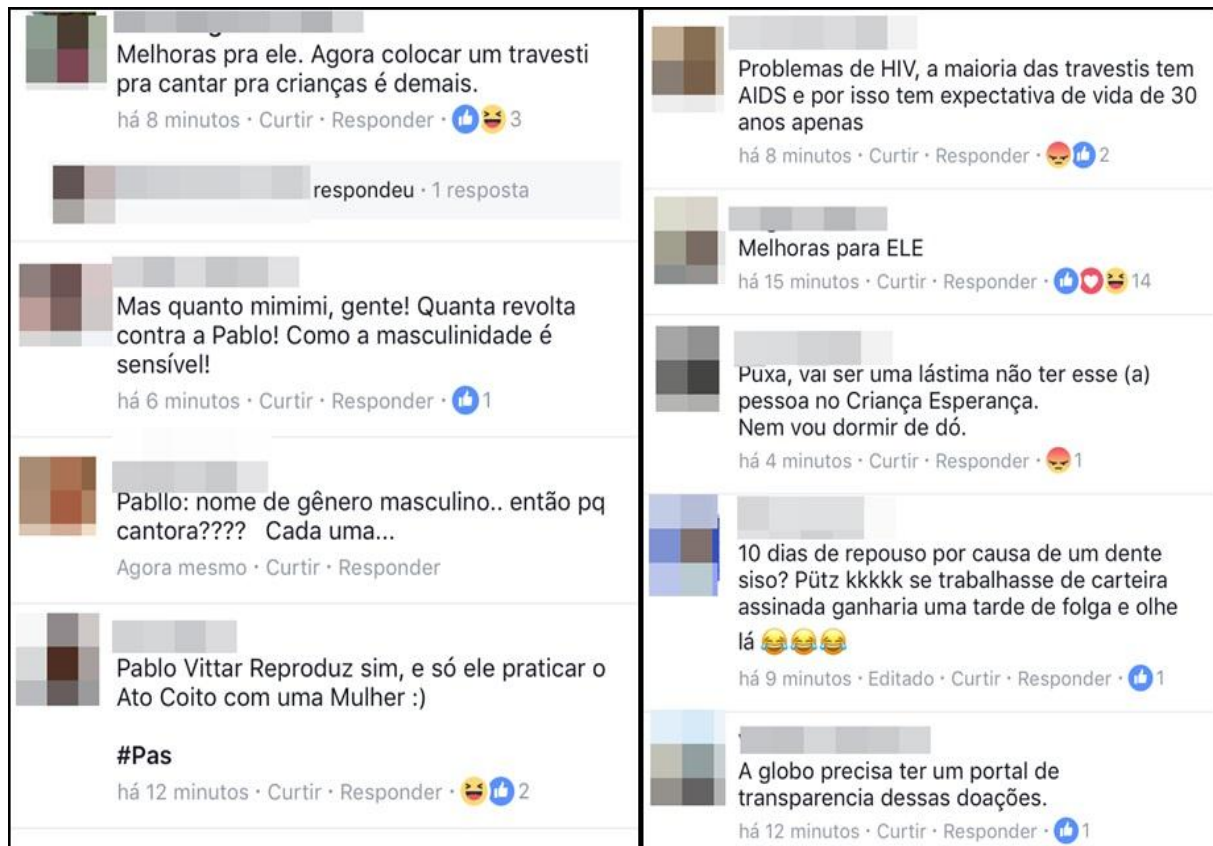
Há, pois, nesses discursos, resquícios do que predomina na sociedade como um todo: uma desconsideração das possibilidades de o indivíduo se expressar além da “ordem de um imaginário normativo, que reduz sua força de transformação de um sexual binário” (SWAIN, 2011, p.91). É a materialização do medo do que é diferente. É a perseguição àqueles/as que ousam ultrapassar essa linha moral, e essas dizes reforçam que, para assegurar o funcionamento dessa “normalidade” prescrita, “são necessários investimentos continuados e repetidos; não se poupam esforços para defendê-la” (LOURO, 2016, p.83). Daí o questionamento, o julgamento e a constante afirmação de que é no masculino que a Pablllo se insere.

E a Pablllo transgrede essas imposições, transitando entre todas as possibilidades e indo além delas, habitando o que Louro (2016) vai denominar de zona de fronteira.

A fronteira é um lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto. Ela separa e, ao mesmo tempo, põe em contato culturas e grupos. Zona de policiamento é também zona de transgressão e subversão. O ilícito circula ao longo da fronteira. Ali os enfrentamentos costumam ser constantes, não apenas e tão somente através da luta ou do conflito cruento, mas também sob a forma de crítica, do contraste, da parodia. (LOURO, 2016, p.20)

Assumindo-se enquanto drag queen, essa personagem estranha e desordeira, fora da ordem e da norma vigentes, ela vem provocar desconforto, confundir as cabeças, bagunçar uma normalidade que, até então, satisfazia e trazia harmonia à coletividade. E mais: ela vem escancarar que essa fronteira, a que divide e reduz as possibilidades de gêneros em apenas dois caminhos, pode ser transposta e visitada a qualquer momento e por qualquer pessoa. Mostra que essa sequência não é indiscutível e que as ordens podem ser desviadas (LOURO, 2016). A Pablllo é mais de um, é mais de uma. Parafraseando Louro (2016), a Pablllo é um ser com mais de uma identidade, mais de um gênero, propositalmente ambígua, encarnando a proliferação das possibilidades, vivendo à deriva como um viajante pós-moderno.

Figura 25 - Reportagem G1 – O Portal de Notícias da Globo - Pablo Vittar cancela agenda de shows e participação no Criança Esperança por ordens médicas



Fonte: Reprodução Facebook – 18/08/2017

O fato de a Pablo se posicionar como garoto homossexual e atuar publicamente enquanto cantora *drag queen* resulta numa espécie de “materialização do impossível, o inominável, aquilo que transcende a capacidade de compreensão” (BENTO, 2011 apud REIS, 2015).

O simples fato de ela ser quem ela é e deseja ser provoca perturbações alheias, pois ela assume não ser aquilo que a sociedade incentiva e almeja que sejamos. Daí a não compreensão. Pois como é possível entender e congregar algo que não é regulado socialmente?

No discurso reproduzido abaixo fica perceptível essa impossibilidade e/ou o não empenho em compreender “o que ela é”. Essa incapacidade torna-se mais contundente quando o sujeito se utiliza de expressões como “peste”, termos pejorativos como “sapatão” e de sete sinais interrogativos ao final de seu discurso.

“Alguém pode me explicar se esse é homem, ou mulher ou trans, ou gay, ou sapatão ou hermafrodita ou o que peste é isso?????????”. (Figura 21).’

Louro (2016) vai explicar que a *drag queen*, em sua figura estranha e insólita, atrapalha e perturba, causa questionamento mas, também, nos força a perceber que as maneiras como nos expressamos, em gênero ou sexualidade, são formas inventadas e sancionadas pelas circunstâncias culturais a que estamos submetidos/as, e que aqueles/as que se arriscam a atravessar os limites concretizados, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados próprios. Tais sujeitos desviantes são considerados desertores/as, desordeiros/as:

Tal como atravessadores ilegais de territórios, como migrantes clandestinos que escapam do lugar onde deveriam permanecer, esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou, na melhor das hipóteses, tornam-se alvos de correções. Possivelmente experimentarão o desprezo ou a subordinação. Provavelmente serão rotulados (e isolados) como “minorias” (...) Já que não se ajustaram e desobedeceram às normas que regulam os gêneros e às sexualidades, são considerados transgressores e, então, desvalorizados e desacreditados. (LOURO, 2016, p.89-91, grifo do autor).

E essa perturbação e essas penalidades ficam saltantes nos comentários atribuídos a Pablo.

Outra estratégia, usada pelos sujeitos que se posicionaram nessas publicações, é utilizarem o artifício da ironia para questionar a identidade de gênero e a sexualidade da cantora. A ironia, aqui, não é um desvio no discurso produzido e, sim, “o próprio lugar do estabelecimento de um processo de significação” (ORLANDI, 2012, p.26). Mas é na busca de uma ruptura que, através do uso da ironia, colocamos em jogo nossas convicções e suposições pré-estabelecidas (ORLANDI, 2012). Assim, na produção comentários irônicos, os/as usuários deixam expostas as marcas de sua aversão à figura da Pablo Vittar.

“Mesmo que ele fosse, as crianças iam continuar esperando o tal Pablo chegar” (Figura 14)

“Essa creatura é homem ou mulher?” (Figura 16)

*“Ela é o crlh... Saporra é homem, respeitem as mulheres! *emoji de risos*”* (Figura 16)

“Cantora? tá com infecção vaginal coitada...” (Figura 17)

“Pablo não é nome masculino? Acho q a reportagem errou e colocou cantora.” (Figura 19)

Figura 26 - Reportagem G1 – O Portal de Notícias da Globo - Pablo Vittar cancela agenda de shows e participação no Criança Esperança por ordens médicas



Fonte: Reprodução Facebook – 18/08/2017

Diante desses dizeres, cujos vestígios do preconceito hegemônico à população LGBTI saltam às margens materializados através da produção de discursos que ridicularizam, condenam à morte e reduzem a Pablo Vittar a um espaço de nula exposição social, vale questionar-se: será que os discursos construídos seriam os mesmos ou teriam o mesmo tom regulatório e condenatório se, acaso, uma doença qualquer tivesse acometido um cantor ou uma cantora heterossexual e ou cisgênero impossibilitando-o/a, assim, de apresentar-se no mesmo evento ao qual a cantoria *drag queen* foi convidada?

No entanto, é oportuno salientar que, em contrapartida e em meio a tantos discursos taxativos e ridicularizantes, sujeitos também produziram discursos ideologicamente favoráveis à cantora e a ao fato de ela está cada vez mais ocupando um espaço social que historicamente era negado a essa parte da população.

“Vê-se logo que, pelo teor dos comentários, o brasileiro ainda não aprendeu a respeitar as diferenças. Muitos comentários maldosos de pessoas frustradas que

não conseguem aceitar o fato de uma drag queen fazer sucesso dentro e fora do Brasil.” (Figura 21).

“infelizmente, em 2017, ainda vemos coisas tão preconceituosas. A gente nem argumenta mais contra a ignorância, apenas lamenta.” (Figura 21).

“Que comentários mais ridículos. É um ser humano como outro qualquer, não sei pq tanto ódio por uma pessoa que não está fazendo mal a ninguém.” (Figura 22).

5.3 CASO 03 – Paulo Gustavo está grávido! humorista terá gêmeos com barriga de aluguel, em 13 de outubro de 2017, Folha de São Paulo. / Paulo Gustavo anuncia que vai ser pai de gêmeos, em 13 de outubro de 2017, G1 – O Portal de Notícias da Globo.

Este terceiro caso se refere à divulgação da notícia de que o humorista Paulo Gustavo e seu marido Thales Bretas estariam à espera de filhos/as gêmeos/as gerados/as a partir de barriga de aluguel. Tal fato foi compartilhado, via Facebook, no dia 13 de outubro de 2017 por dois portais de notícias distintos: a Folha de São Paulo e o G1 – O Portal de Notícias da Globo. Essas reportagens repercutiram e provocaram os/as usuários/as dessa rede social a discursarem sobre a possibilidade de constituição familiar entre casais homossexuais e filhos/as.

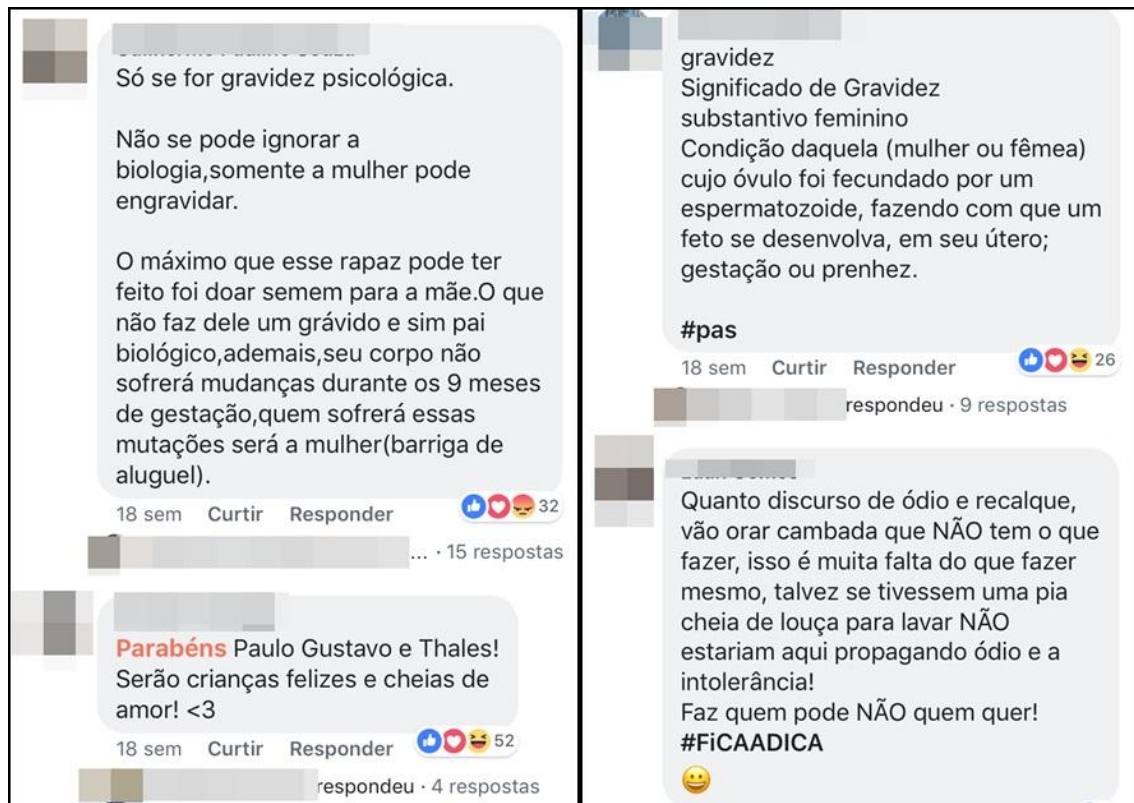
Figura 27 - Reportagem Folha de São Paulo - Paulo Gustavo está grávido!
Humorista terá gêmeos com barriga de aluguel



Fonte: Reprodução Facebook – 13/10/2017.

De início, é necessário perceber que usuários/as reagiram de formas diferentes ao noticiado. Em ambas divulgações, eles/as se manifestam, marjoritariamente, através das reactions *Love* e *Haha*. Quanto à primeira forma de reagir podemos identificar que tal discurso pode ser considerado como um posicionamento de aprovação e apoio à essa construção familiar. Já quanto à segunda ferramenta de reação, a *Haha*, no entanto, o seu uso pode denotar que tais notícias foram tratadas como piadas, como algo cômico ou, ainda, como algo que não merece a seriedade e a atenção devidas. Algo irrelevante que deve ser desconsiderado como tal. Talvez essa tenha sido a maneira encontrada pra que esses sujeitos se posicionassem em repúdio a essa nova formação familiar, a qual foge à regra do modelo tradicional de família baseado na relação única possível entre um homem e uma mulher, uma vez que a comicidade, a piada, o deboche e a ignorância são artifícios pelos quais a homofobia se manifesta (BORILLO, 2015).

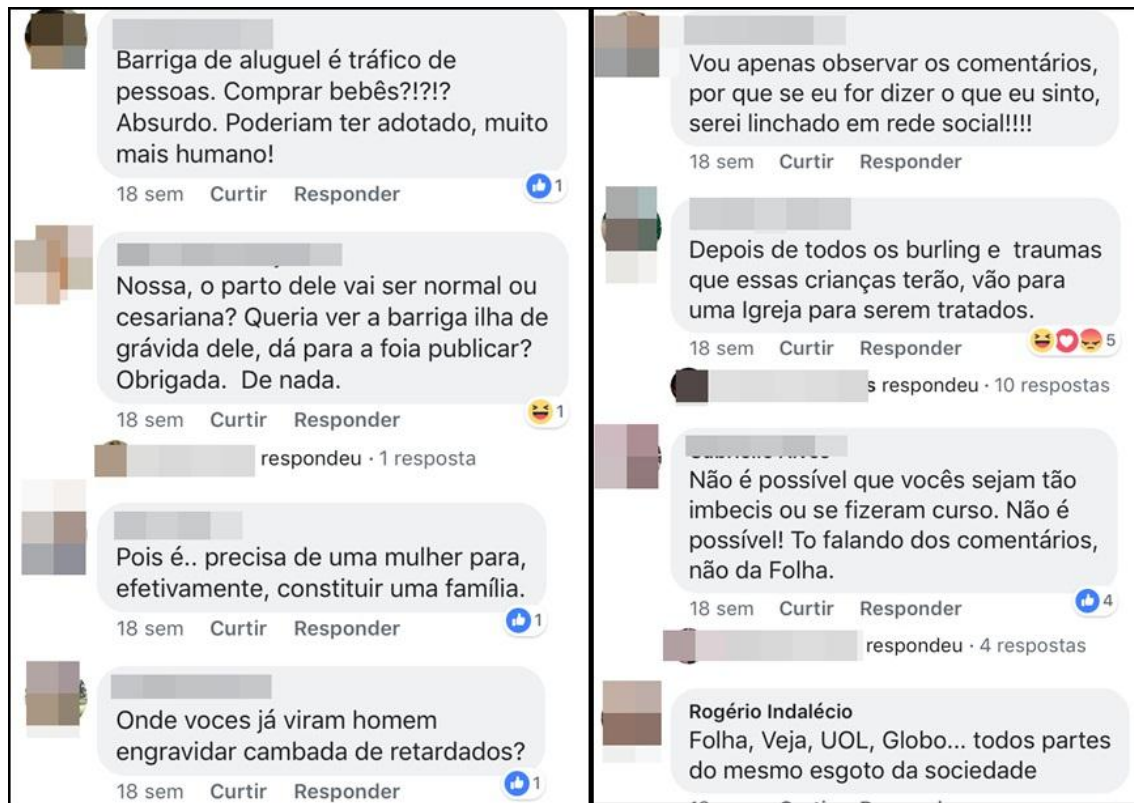
Figura 28 - Reportagem Folha de São Paulo - Paulo Gustavo está grávido!
Humorista terá gêmeos com barriga de aluguel



Fonte: Reprodução Facebook – 13/10/2017.

Quando voltamos nossa atenção aos comentários produzidos em resposta a essas notícias, podemos perceber que os discursos produzidos trazem uma reprovação explícita a esse núcleo familiar. Há nesses comentários muito do que disse Foucault (2017, p.8), em sua obra *A História da Sexualidade 1*, quando reporta que o casal modelo é aquele composto por homem e mulher, cuja a finalidade é a procriação, e tudo aquilo que fugir desse padrão é destinado a ser condenado como anormal ou estranho, devendo, assim, ser expulso, negado e silenciado. A homossexualidade e a constituição familiar homoafetiva sofrem opressão por destoar daquilo que é tido como normal e tradicional, e tal posicionamento fica evidenciado nos discursos produzidos e coletados do Facebook. Ademais, Reis (2015, p.47) vem dizer que “somos herdeiros de uma tradição que reprime o exercício da sexualidade. Somos ainda, de modo geral, presos a essa tradição, mesmo sendo cada vez mais cientes da diversidade sexual e das liberdades individuais”.

Figura 29 - Reportagem Folha de São Paulo - Paulo Gustavo está grávido!
Humorista terá gêmeos com barriga de aluguel



Fonte: Reprodução Facebook – 13/10/2017.

“Pois é.. precisa de uma mulher para, efetivamente, constituir uma família.
(Figura 29);

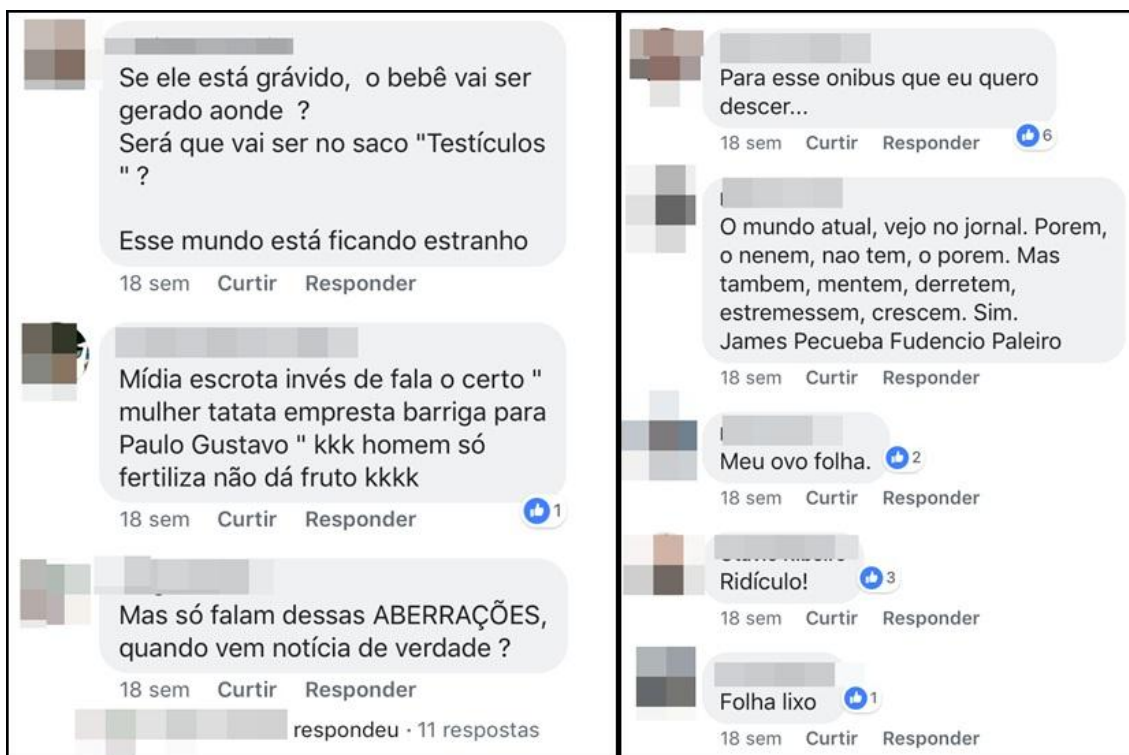
“Ridículo” (Figura 30);

“Para ser pai tem que ter uma mulher.assim Deus determinou” (Figura 31);

“Bizarro” (Figura 32);

“Uma aberração... vai aranja mulher pra filhos com dignidade” (Figura 33).

Figura 30 - Reportagem Folha de São Paulo - Paulo Gustavo está grávido!
Humorista terá gêmeos com barriga de aluguel



Fonte: Reprodução Facebook – 13/10/2017.

É notório que a possibilidade de desvio da formação tradicional de família é um assunto que incomoda, que perturba e que causa estranhamento a, pelo menos, parte das pessoas que manifestaram suas posições no Facebook a cerca dessa temática. Tal condenação é posta à tona não somente com o uso de palavras mas, também, através do uso de figuras emojis. Para tanto, sobre esse caso, percebe-se que usuários/as, em resposta a essas publicações, se utilizaram especialmente de uma figura se simula um vômito (Figuras 31, 32, 33), o que evidencia, assim, a repulsa por esse tipo de união familiar.

Aqui, mais uma vez, nota-se que a construção desses discursos está amparada em uma racionalidade que rejeita a pluralidade sexual e afetiva entre os indivíduos. Ademais, esses sujeitos desconsideram a existência e a legitimidade dos casais formados por pessoas do mesmo sexo. Fica explicitado que, para esses sujeitos, os casais são entidades nucleares constituídas única e exclusivamente por um homem, uma mulher e sua prole, assim como foi apontado por Foucault (2017).

Em outros comentários coletados, constata-se que o discurso homofóbico hegemônico é posto à exposição camuflado por uma falsa preocupação com as crianças geradas, com o futuro destas, e, além: trata-se de um discurso que já coloca essas crianças na posição de vítimas de possíveis situações que, para esses

sujeitos, elas “certamente” irão enfrentar por não terem uma figura materna na sua convivência, em sua criação. Aliás, sofrerão as consequências por serem filhas ou filhos de um casal formado por dois homens homossexuais. Verifica-se que, além da aversão à possibilidade de dois pais criarem uma família com crianças dando-lhes todo suporte e condições possíveis, há também o reforço da figura materna como a única e capaz de cuidar da cria. Afirma-se o papel social da mulher, ao tempo que se nega que o homem igualmente tem essa função na família. Percebe-se, aqui, a estreita articulação existente entre a homofobia, o sexismo e machismo.

“Com certeza duas pessoas do mesmo sexo não formam um casal, família pra mim é homem e mulher. Nada contra quem é homossexual, mas não sei como vai ser a vida dessas crianças e isso é muito triste.” (Figura 37);

“Pobre criança” (Figura 33);

“Quem é a mãe dessas crianças? Paulo Gustavo teve mãe, mas essas crianças não vão ter direito a uma mãe. Que pelo menos ele deixe as crianças com a mãe para serem amamentadas coitadas! Criança não é cachorro! Final dos tempos!” (Figura 35);

“Crianças devem ter direito a uma mãezinha. Infelizmente esse casal não considerou esse direito das crianças, apenas sua necessidade de suprir seu desejo que não pode ser materializado em função de opção sexual não natural.” (Figura 35);

“Depois de todos os burling e traumas que essas crianças terão, vão para uma Igreja para serem tratados” (Figura 26);

“E no dia das mães na escola dessa criança, ele vai de Pai ou de Mãe??” (Figura 32);

É possível, ainda, notar a força dessa contestação, disfarçada de preocupação, quando o sujeito, de forma irônica até, produz seu discurso utilizando-se não de uma, mas sim de duas interrogações ao final do trecho *“ele vai de Pai ou de Mãe??”* (Figura 32).

E por falar em ironia, vemos que esse recurso é, demasiadamente, utilizado pelos/as usuários que se manifestaram quando diante dessas divulgações

Figura 31 - Reportagem Folha de São Paulo - Paulo Gustavo está grávido!
Humorista terá gêmeos com barriga de aluguel



Fonte: Reprodução Facebook – 13/10/2017.

.Como já dito, a ironia serve-se de palavras e expressões usadas para dizer aquilo que se deseja através de um humor, de um deboche, carregados de sutileza (às vezes não). Usam-se essas palavras e expressões quando, na verdade, deseja-se dizer o oposto delas. Aqui, no entanto, percebe-se que a ironia não traz sutileza, mas sim, vem impregnada de um tom raivoso, de revolta, que se volta contra a construção de uma família homoafetiva. Essa raiva é ainda maior nos discursos coletados na página do Facebook da Folha de São Paulo, que trouxe no título da notícia (possivelmente de forma proposital, com intenção de que o debate ocorresse de forma mais acalorada) o trecho: **Paulo Gustavo está grávido!**.

Figura 32 - Reportagem Folha de São Paulo - Paulo Gustavo está grávido!
Humorista terá gêmeos com barriga de aluguel



Fonte: Reprodução Facebook – 13/10/2017.

Para esses usuários/as, a gravidez é função e prerrogativa da mulher, como se o homem não fosse capaz ou digno de compartilhar esse momento, sobretudo quando esse casal não traz uma mulher em sua formação. Mais uma, percebe-se o reforço nos papéis definidos e intransponíveis destinados ao homem e à mulher em nossa sociedade.

“A bom. Achei que ele estava grávido. Mas como manda a lei biológica, vai precisar de uma mulher. Rsrs.” (Figura 27);

“Só se for gravidez psicológica.” (Figura 28);

“Nossa, o parto dele vai ser normal ou cesariana? Queria ver a barriga ilha de grávida dele, dá para a foia publicara? Obrigada. De nada.” (Figura 29);

“Se ele está grávido, o bebê vai ser gerado aonde? Será que vai ser no saco ‘Testículos’? Esse mundo está ficando estranho (Figura 30);

“Parto anal!!! É isso mesmo Brasil?? É o final dos tempos. (Figura 31);

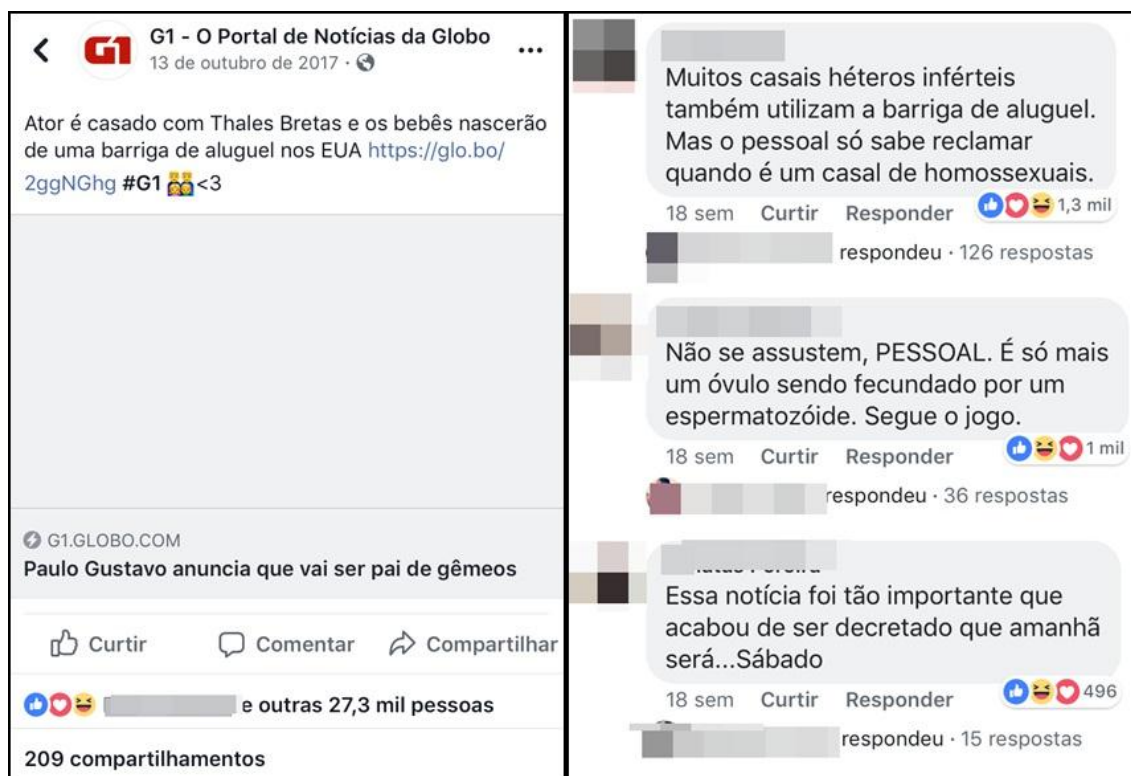
Figura 33 - Reportagem Folha de São Paulo - Paulo Gustavo está grávido!
Humorista terá gêmeos com barriga de aluguel



Fonte: Reprodução Facebook – 13/10/2017.

A ironia ainda é usada na produção de discursos, nos quais se podem perceber resquícios ideológico e político, aos quais a memória discursiva remete a um passado recente, mais precisamente ao ano de 2014, ano eleitoral no Brasil. No dia 28/09/2014, em debate político entre os/as presidenciáveis realizado pela TV Record, a então candidata do partido Psol, Luciana Genro, perguntou ao candidato Levy Fidelix (PRTB) sobre a legitimidade de famílias formadas por casais do mesmo sexo. Em resposta, o postulante ao cargo de Presidente da República desqualificou a família homoafetiva e afirmou que “dois iguais não fazem filho e digo mais (...) aparelho excretor não reproduz”. E esse mesmo discurso que vai reverberar no Facebook, em resposta às publicações a respeito da família formada por pessoas do mesmo sexo, tendo as figuras do Paulo Gustavo e seu marido como representativas. Na verdade, o discurso de repúdio a esse tipo de formação familiar vai atingir a todos/as aqueles/as que se arriscam a viver aquém das regras compulsórias.

Figura 34 - Reportagem G1 - O Portal de Notícias da Globo - Paulo Gustavo anuncia que vai ser pai de gêmeos



Fonte: Reprodução Facebook – 13/10/2017.

“Barriga de aluguel pq órgão excretor não reproduz. LGBT fala tanto mal dos heteros mas precisam de um para terem filho kkkkk ‘chora família tradicional’, disse o cara que nasceu de uma kkkk” (Figura 27).

“Isso confirma que órgão excretor não reproduz. Fidelis tem razão” (Figura 31);

“E os bebês gerados em uma barriga de aluguel (mulher) nos estados unidos, ou seja como diz nosso amigo Fidelix órgão excretor não reproduz, está ai a prova” (Figura 36)

É justamente no âmbito político brasileiro que a homossexualidade esbarra em muros que impedem o avanço e a implementação de políticas públicas voltadas a essa população. Existe nas esferas municipal, estadual e federal um movimento de políticos/as conservadores/as que se dedica a evitar todas propostas que visam a trazer benefícios à população LGBTI. A Câmara e o Senado brasileiros, por exemplo, contam com um grupo atuante de Deputados/as e Senadores/as que dedicam seus respectivos mandatos na atuação contra o avanço de temas sociais

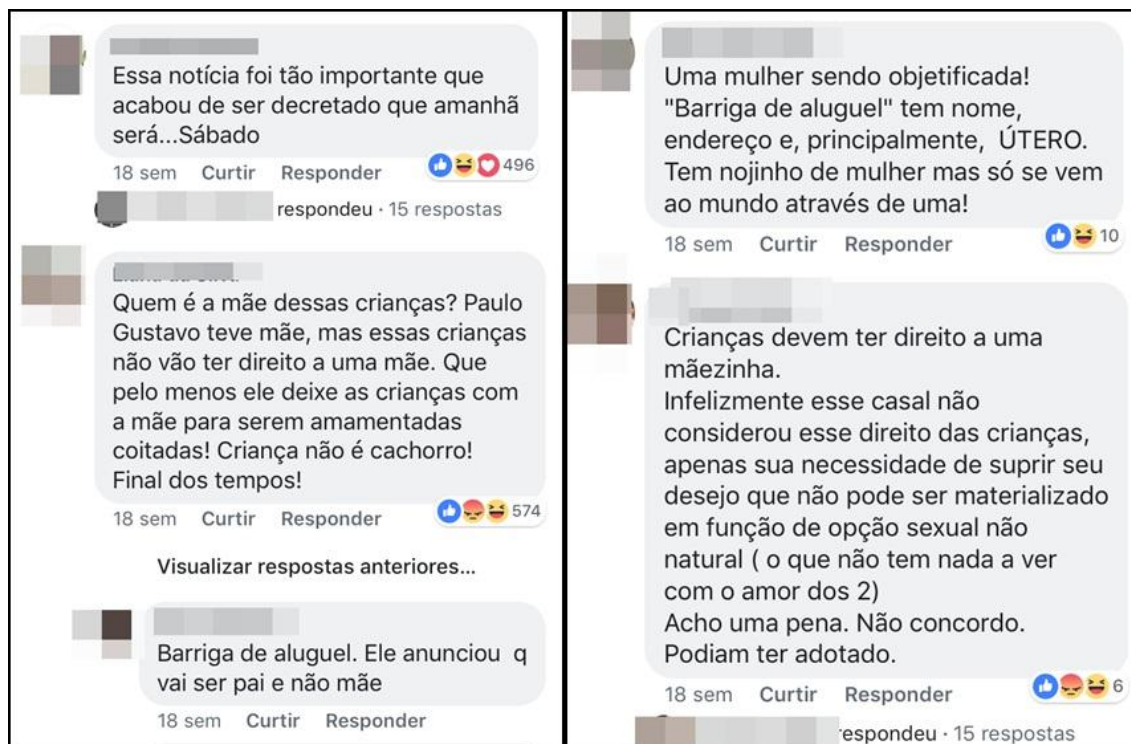
que julgam ser polêmicos, como é o caso da legitimidade da família a partir da união de pessoas homossexuais. Há nessa situação uma forte mistura entre política e religião, mesmo apesar de o Brasil ser considerado um país laico¹⁵. Conhecida como a Bancada Evangélica ou Bancada da Bala (UOL, 2015), esse grupo é responsável por medidas que dificultam a discussão sobre direitos de indivíduos LGBTI.

A bancada evangélica tem conseguido levar adiante projetos extremamente conservadores, como o Estatuto da Família (PL 6.583/2013), que reconhece a família apenas como a entidade "formada a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou de união estável, e a comunidade formada por qualquer dos pais e seus filhos", que deve seguir para o Senado nos próximos dias. (UOL, 2015).

Assim, o discurso que condena as famílias homoafetivas que perpassa pelos espaços de decisões políticas brasileiros igualmente reflete e se projeta nos discursos produzidos por usuários/as da rede social Facebook. Há em ambas situações, acerca da homossexualidade e, igualmente, da família homoafetiva, um discurso estruturado por uma diferença homossexual que, para Borrillo (2015, p.39) é "um mecanismo político bem rodado que permite excluir gays e lésbicas do direito comum (universal), inscrevendo-os/as em um regime de exceção (particular)".

¹⁵"Estado laico é estado leigo, secular (por oposição a eclesiástico). É estado neutro. Conforme leciona Celso Lafer, "laico significa tanto o que é independente de qualquer confissão religiosa quanto o relativo ao mundo da vida civil" (RUSSAR, 2012)

Figura 35 - Reportagem G1 - O Portal de Notícias da Globo - Paulo Gustavo anuncia que vai ser pai de gêmeos

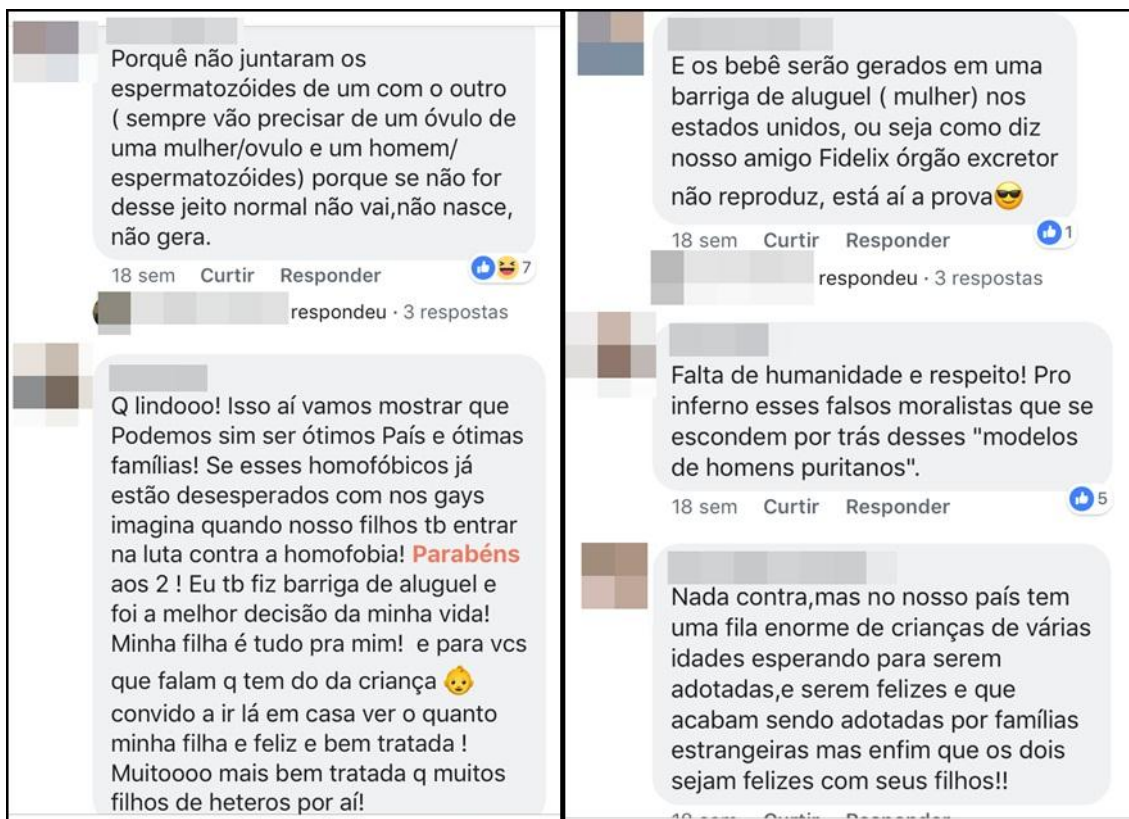


Fonte: Reprodução Facebook – 13/10/2017.

Borrillo (2015) explica que, para muitos/as, a homossexualidade (e consequentemente a formação familiar homoafetiva) representa a decadência moral da sociedade, uma prática nociva à integridade do tecido social, e por isso tantas manifestações hostis. Tais condutas repressivas seriam, segundo o autor, uma espécie de legítima defesa social.

Legitimar a homossexualidade equivale a colocar em perigo a sociedade. O amor por si e a sexualidade primitiva atribuídos ao desejo homossexual devem ser mantidos a distância, sob pena de implicar a desintegração cultural da sociedade (...). É a heterossexualidade que deve necessariamente prevalecer (BORRILLO, 2015, p.95, grifo do autor).

Figura 36 - Reportagem G1 - O Portal de Notícias da Globo - Paulo Gustavo anuncia que vai ser pai de gêmeos



Fonte: Reprodução Facebook – 13/10/2017.

Sintoma desse medo de uma possível desintegração social, é o reforço enfático e sistematico de que casais formados a partir da união de duas pessoas do mesmo sexo não tem capacidade de reprodução e de perpetuação da espécie humana. “A fim de justificar a exclusão, é enfatizada, sem hesitação, a incapacidade reprodutora dos casais homossexuais” (BORRILLO, 2015, p.95). E esse medo de destruição social revestido pelo argumento de que homossexuais não podem reproduzir através de suas uniões é transfigurado, também, nos discursos produzidos a partir das reportagens compartilhadas.

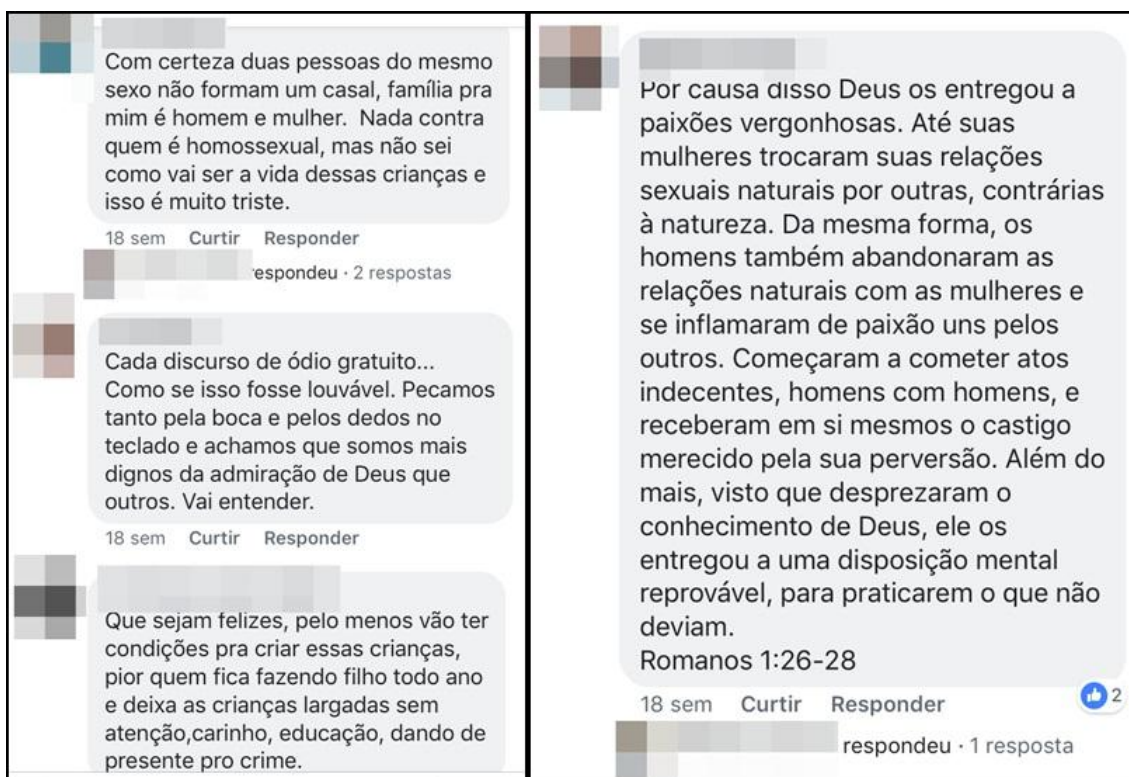
“Mas como manda a lei biológica, vai precisar de uma mulher” (Figura 27)

“Órgão excretor não reproduz” (Figuras 28, 31)

“Não se pode ignorar a biologia, somente mulher pode engravidar” (Figura 29);

“Porquê não juntaram os espermatozóides de um com o outro (sempre vão precisar de um óvulo de uma mulher/ovulo e um homem/espermatozóides) porque se não for desse jeito normal não vai, não nasce, não gera.” (Figura 36).

Figura 37 - Reportagem G1 - O Portal de Notícias da Globo - Paulo Gustavo anuncia que vai ser pai de gêmeos



Fonte: Reprodução Facebook – 13/10/2017.

Entretanto, ao construírem seus discursos aparados por essa argumentação, a qual está atrelada a esse medo de deteriorização cultural e social explicada por Borrillo (2015), esses sujeitos vão negligenciar a existência da homossexualidade desde sempre, fato que não impediu o povoamento do Planeta até os dias de hoje. E vão desconsiderar, também, as técnicas modernas de reprodução humana, como a técnica de barriga de aluguel, por exemplo, que atestam que a perpetuação da espécie humana já não depende unicamente do coito heterossexual (BORRILLO, 2015).

Assim, com o auxílio da Análise do Discurso foi possível perceber que, nos três casos aqui analisados, a produção dos discursos por parte dos sujeitos inseridos no Facebook e em resposta a notícias que abordem a temática da homossexualidade vai além da barreira do que é dito, ultrapassa o jogo das palavras e demais formas de expressar-se. Os rastros deixados nesses dizeres vão denunciar que esses discursos refletem uma construção social e histórica que nega, condena e pune aqueles/as que atravessam a linha regulatória que, compulsoriamente,

estabelece a heterossexualidade com único padrão a ser incentivado, tolerado, seguido e perpetuado pela sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se propôs a analisar como os sujeitos inseridos no Facebook produzem seus discursos frente à temática da homossexualidade. Para tanto, durante período determinado, foram acompanhados o perfil de três páginas públicas de portais de notícias dentro dessa rede social, e delas foram coletados os discursos produzidos pelos usuários/as como manifestações a publicações compartilhadas sobre esse assunto. Após isso, tais dizeres foram analisados à luz do pressuposto teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, a qual possibilitou identificar as marcas ideológicas, sociais e históricas presentes nas falas produzidas e, também, remeter esses discursos a discursos produzidos em algum momento anterior, através do instituto da memória discursiva.

Com esses recursos foi possível constatar que o discurso homofóbico hegemônico que acompanha e reprime a homossexualidade ao longo da História da sociedade, agora, se mostra presente, também, nas redes sociais e tende a ser potencializado pelos atributos disponibilizados pelo ciberespaço.

É oportuno destacar que, inicialmente, pensava-se que, devido ao público alvo das páginas de noticiários no Facebook acompanhadas por essa pesquisa, haveria uma diversidade nas posições de sujeito materializadas nos discursos coletados, no entanto, ao final, percebeu-se que, na verdade, houve um alinhamento dos discursos em desfavor das questões relacionadas à homossexualidade, o que corrobora o descrédito e a desqualificação sistêmicas às quais estão submetidas as manifestações sexuais que fogem à heteronormatividade imposta.

Assim, foi possível identificar, também, que os sujeitos, enquanto usuários/as do Facebook, produzem seus discursos frente à temática da homossexualidade a partir de um lugar ideológico que, substancialmente, nega a existência e a legitimidade das diferentes formas de expressões sexuais das pessoas. A rejeição àquilo que foge do modelo normativo heterossexual imposto é manifestada nessa rede social por intermédio de sarcasmo, de piadas, de termos pejorativos, de palavras que inferiorizam e humilham o sujeito LGBTI por sua diferença afetiva e sexual, também através do uso de figuras e linguagens de repúdio, e pela sistemática prática de impor aos/às homossexuais um lugar de silenciamento, de não expressão de suas vontades e desejos, de não possibilidade e de não acesso a

direitos igualitários. O discurso que regra a vivência em sociedade, impondo limites e fronteiras, sobretudo no que se refere à sexualidade humana, se materializa agora, também, por entre as redes da internet, através de dizeres impregnados de uma raiva que ataca os/as diferentes.

Esse processo de interdição toma forma como aquilo que Foucault (2017) chamou de lógica da censura, sob a qual as sexualidades desviantes, e dentro destas, logicamente, a homossexualidade, sofrem um processo de punição que vai assumir três formas: a afirmação de que não é permitido, o impedimento de que se diga algo sobre ela e a negação de sua existência. E essas três proibições se apresentam materializadas nos discursos observados nessa pesquisa.

Censurar e agredir as manifestações da sexualidade não heterossexual parece ser uma prática naturalizada nas redes sociais, uma vez que não existe mecanismos que coíbam essas violações no Brasil. Borrillo (2015) alerta que seria impossível imaginar que essas afirmações injuriosas lançadas contra os/as homossexuais pudessem ser proferidas a outros grupos sociais, porque tal atitude seria, certamente, punida por lei. Nas palavras desse autor, “essa ausência de proteção jurídica contra o ódio homofóbico posiciona os gays (as lésbicas, os(as) bissexuais, as pessoas trans)* em uma situação particularmente vulnerável” (BORRILLO, 2015, p.41, grifo do autor).

É justamente aí que esse estudo se reveste de importância: por escancarar que as violações de cunho homofóbico estão presentes em todos os lugares, sejam eles os espaços públicos ou os locais privados (BRASIL, 2012; 2013; 2016), mas que ela, também, pulsa por esse espaço desterritorializado das redes sociais. Mostra-se importante, inclusive, por não haver estatísticas ou quaisquer outros levantamentos oficiais acerca desse tipo de violação ocorrida no ciberespaço. É certo, no entanto que, independentemente do lugar em que essa violência se manifeste, ela causa danos severos aos indivíduos por ela atingidos.

Apesar dessa hostilidade percebida, em contrapartida, se bem utilizadas, as redes sociais podem servir de ferramentas, inclusive, para dar voz a atores e atrizes sociais na propagação do debate sobre esse tema e, assim, ajudar no compartilhamento de uma cultura de respeito às diferenças alheias.

Também foi possível notar que, com relação aos portais de notícias inseridos no Facebook e observados nessa pesquisa, ao propagar fatos sobre a homossexualidade, uma dessas páginas, em especial, assume uma posição

discursiva na qual se busca, através do jogo de palavras e/ou expressões usadas no título da nota e também por intermédio do uso de fotos específicas para ilustrar essas notícias, incitar o debate entre seus/suas seguidores/as para que ele seja o mais polêmico e caloroso possível. Tal percepção pode ser corroborada ao constataremos que a Folha de São Paulo, por exemplo, ao publicizar que o ator Paulo Gustavo e seu marido serão pais de gêmeos/as se utiliza da expressão “Paulo Gustavo está grávido!” (aqui o uso do ponto de exclamação ao final da frase denota a intencionalidade de dar força e destaque a tal discurso), conforme a figura 27. Em reflexo a esse artifício linguístico utilizado, percebeu-se que tal expressão repercutiu nos discursos produzidos pelos sujeitos em resposta a essa publicação. Destaca-se, ainda, que essa mesma página, ao divulgar a impossibilidade de a cantora Pabblo Vittar participar de um evento direcionado a crianças, usou-se de uma foto em que a artista drag queen está trajando roupas íntimas (calcinha ou biquíni), figura 20, talvez como uma forma proposital de polemizar essa situação, pois como alertou Angeli (2017) não existe imparcialidade no fazer jornalístico. No entanto, quanto aos outros dois portais acompanhados, G1 e UOL Notícias, não foi possível perceber essa mesma intencionalidade, ainda que tal posicionamento não possa ser desconsiderado. Surge aí, então, uma sugestão para futuras pesquisas: a utilização da Análise do Discurso como ferramenta basilar para identificar, exclusivamente, as posições discursivas dos portais de notícias no Facebook e/ou em outras redes sociais.

Como a temática do preconceito aos/as homossexuais no âmbito das redes sociais ainda é um tema pouco estudado, futuras pesquisas podem ter como proposta a continuação dessa análise, talvez utilizando-se de outras diretrizes metodológicas que permitam identificar e analisar essas práticas homofóbicas que, frequentemente, se escondem por detrás do direito democrático à livre expressão de opinião. Também, como sugestão, com o apoio da mesma metodologia empregada nesse trabalho, pode-se buscar perceber como os/as usuários de outras redes sociais, como o Instagram e/ou o Twitter, por exemplo, produzem seus discursos sobre a homossexualidade e, assim, confrontar com os dados aqui apresentados.

Como limitação percebida nesse estudo, pode-se apontar para o grande fluxo e a contínua produção de conteúdos dentro das redes sociais. As publicações e os discursos produzidos se mostraram além das possibilidades limitantes desse trabalho. Daí a necessidade e a importância de estabelecer pontos delineadores

capazes de filtrar e direcionar essa pesquisa, sem que isso pudesse comprometer o alcance dos objetivos propostos.

Por fim, espera-se que esse estudo possa ir além da identificação e compreensão dos discursos homofóbicos dentro do Facebook e reverbere de forma concisa no diálogo, na elaboração e na implementação de diretrizes que visem o enfrentamento de tal mazela social. Esse trabalho mostra-se, também, como uma ferramenta especial para a gestão organizacional, sobretudo ao âmbito da gestão de pessoas, uma vez que a homofobia, fenômeno complexo e mutável, também ecoa dentro das organizações e além delas, principalmente quando estas instituições são vistas enquanto organismos vivos compostos por pessoas e por toda complexidade de suas relações.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, T. C. G. W. **Amizades das redes: uma cartografia das amizades virtuais no Facebook**. 2011. 114 f. Dissertação (Mestrado Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa EICOS, Rio de Janeiro, 2011;
- ANGELI, G. H.; **Tradução do gênero notícia**: procedimentos técnicos da tradução de unidades de significação especializada no par de línguas espanhol-português. 112 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre. 2016;
- ANTRA – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS; **Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. Brasil. 2018;
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2016**. v. 48, n. 1, 2017.
- BRASIL.. Ministério dos Direitos Humanos. **Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2011**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2012. Disponível em <<http://www.mdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-2011-1>> Acesso em 01 de dez 2017
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013. Disponível em:< <http://www.mdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>>. Acesso em: 18 de dez. 2017.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2013**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2016. Disponível em <http://www.mdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf>>. Acesso em: 05 de dez 2017.
- BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. 2. reimp. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2015.
- CANALTECH. Facebook revela relatório financeiro com números acima do esperado. Disponível em <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/facebook-revela-relatorio-financeiro-com-numeros-acima-do-esperado-64061/>> acesso em 18 de jan de 2018.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. Tradução Roneide Venancio Majer. 17. ed. revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Caderno de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, 2002.
- AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Cadernos da Escola de Comunicação**, Curitiba n. 06, p. 1-12, 2008.

FACEBOOK. **Como o Feed de notícias funciona.** Disponível em <https://www.facebook.com/help/1155510281178725?helpref=faq_content> acesso em 02 de fev de 2018.

FLEURY, A. R. D.; TORRES, A. R. R. **Homossexualidade e preconceito:** o que pensam os futuros gestores de pessoas. Curitiba. Editora Juruá. 2010.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 1999. Disponível em <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/foucault-m-microfc3adsica-do-poder.pdf> Acesso em 11 de set de 2017

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I:** A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 5. ed. Rio de Janeiro; São Paulo, Paz e Terra, 2017.

FOTOMONTAGEM. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.** São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3870/fotomontagem>>. Acesso em: 26 de Set. 2017.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2013. (Coleção Cibercultura).

GEMIS, Gênero, Mídia e Sexualidade. 2014. **LGBT, LGBTI, LGBTQ ou o quê?** Disponível em < <http://ggemis.blogspot.com.br/2014/08/lgbt-lgbti-lgbtq-ou-o-que.html>> Acesso em 14 de set de 2017

GLOBO. **Facebook atinge os 2 bilhões de usuários.** Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/facebook-atinge-os-2-bilhoes-de-usuarios.ghtml>> Acesso em 15 de set de 2017.

GLOBO. **Juiz federal do DF libera tratamento para 'cura gay' e diz que homossexualidade é doença.** Disponível em <<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/juiz-federal-do-df-libera-tratamento-de-homossexualidade-como-doenca.ghtml>>Acesso em 18 de set de 2017.

GLOBO. **Pablo Vittar “Sou um menino gay. Não sou trans e não faria cirurgia de redesignação sexual”.** Disponível em <<http://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-Share/noticia/2017/08/pablo-vittar-sou-um-menino-gay-nao-sou-trans-e-nao-faria-cirurgia-de-redesignacao-sexual.html>> Acesso em 22 de nov de 2017.

GONDIM, P. G. C.; **As construções discursivas de identidades no território do facebook e as políticas educacionais de diversidade.** 2017. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017;

GREGOLIN, M. R. et al; **Análise do discurso:** as materialidades do sentido. São Carlos, SP. Claraluz, 2001.

GUERREIRO, A.; SOARES, N. M. M.; **Os Memes Vão Além do Humor: uma Leitura Multimodal Para a Construção de Sentidos**. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 12, n. 2, p. 185-208, jul./dez. 2016. ISSN: 1807-9288.

HINE, C. **Etnografia Virtual**. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. Barcelona. Editorial UOC, 2004.

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. 10. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2002.

JUNQUEIRA, R. D. O Reconhecimento da Diversidade Sexual e a Problemática da Homofobia no Contexto Escolar. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: DISCUTINDO PRÁTICAS EDUCATIVAS. **Anais do...** Rio Grande do Sul. Editora da FURG, 2007

LEMO A.; LÉVY, P. **O Futuro da Internet**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo. Editora 34, 2010

LIMA, R. L.; **Diversidade, identidade de gênero e religião: algumas reflexões**. Revista em Pauta. V. 9, n. 28, p. 165-182. Rio de Janeiro. 2011;

LIONÇO, T.; DINIZ, D. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.) **Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília. LetrasLivres. EdUnb. 2009, p. 47-72.

LOURO, G. L.; **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. 2. Ed. 3. Reimp. Belo Horizonte. Autêntica. 2016;

LOURO, G. L. et al.; **O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade**. Traduções Tomaz Tadeu da Silva; 2 ed. Belo Horizonte. Autêntica. 2000;

MARTINO, L. M. S. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes e Redes**. 2ª. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2015.

MAZZOCATO, S.B. **A reconfiguração do sujeito através de sua representação online: as características e os processos no Facebook**. Porto Alegre, 2014. 165 f.; il. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Porto Alegre, RS, 2014.

MISKOLCI, R.; **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2 ed rev e ampl. 3 reimp. Belo Horizonte. Autêntica. 2016;

MONTEIRO, S. D. **O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito**. DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.8 n.3, Jun. 2007

OLEGÁRIO, M. L. **Discursos sobre gênero e amor no espaço pedagógico do MADA: a (des) construção do sujeito amoroso**. 2010. 168 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

OLHARDIGITAL. **Facebook já vale mais que Amazon e Oracle**. Disponível em <<https://olhardigital.com.br/pro/noticia/facebook-ja-vale-mais-que-a-amazon-e-que-a-oracle/40336/>> Acesso em 18 de jan de 2018.

PAIVA, V. L. M. O. A linguagem dos Emojis. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 55, n.2, p. 379-399, maio/ago. 2016

ORLANDI E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas (SP): Pontes; 1999

ORLANDI E. P. **Destruição e construção do sentido**: um estudo da ironia. Web Revista Discursividade. Ed. 9. Campo Grande. 2012;

OKITA, H. **Homossexualidade**: da opressão à libertação. 2. ed. São Paulo, Sundermann, 2015.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. et al (Org). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994, p. 55-66

PENA, K. D. **Configurações do Racismo nas Redes Sociais**. João Pessoa, 2017. 136 f.; il. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão das Organizações Aprendentes) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Gestão das Organizações Aprendentes, João Pessoa, PB, 2017

PINTO, P.; THEODORO, I.; OLIVEIRA, J.; **Comportamento das Hashtags Durante Grandes Eventos**. Anais do 7º Workshop sobre Aspectos da Interação Humano-Computador para a Web Social (WAIHCWS'16). São Paulo. 2016.

PRINCIPIOS DE YOGYAKARTA, 2007. Disponível em <http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf> Acesso em 14 de set de 2017

RABAÇA, C.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. 2.ed. rev. e atual. Rio de Janeiro. Campus, 2001.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REIS, T. **Homofobia no ambiente educacional**: o silencio está gritando. Curitiba: Appris. 2015.

RIOS, R. R. **O princípio da igualdade e a discriminação por orientação sexual**: a homossexualidade no direito brasileiro e norte-americano. São Paulo. Editora Revista dos Tribunais. 2002.

RUSSAR, A. **Brasil**: A Laicidade e a Liberdade Religiosa desde a Constituição da República Federativa de 1988. 2012. Disponível em <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/brasil-laicidade-e-liberdade-religiosa-desde-constitui%C3%A7%C3%A3o-da-rep%C3%BAblica-federativa-de-1988>> Acesso em 28 de set. de 2017;

SCOTT, J.; **Gênero**: Uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Nova Iorque. 1989;

SHAREAMERICA. **O “i” na sigla LGBTI é de intersexual. Eis o que significa**. 2016. Disponível em < <https://share.america.gov/pt-br/o-i-na-sigla-lgbti-e-de-intersexual-eis-o-que-significa/> > Acesso em 14 de set de 2017

SILVA, C. A. F.; SILVA, M. T. C. **A dimensão socioespacial do ciberespaço**: uma nota. 2004. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/geografia/0007.html>>. Acesso em: 27 out 2017.

SPENCER, C. **Homossexualidade**: uma história. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora Record. 1999;

SWAIN, T. N.; Para além do binário: os queers e o heterogênero. **Revista Gênero**, Niterói, v. 2, n. 1, p. 87-98, 2 sem. 2001;

TECNOBLOG. **Alternativa ao “curtir”**: Facebook lança botão de reações ao mundo inteiro. Disponível em <<https://tecnoblog.net/192040/facebook-reacoes-botao-global/>> acesso em 02 de set de 2017

THESUNDAYINDIAN. **And Facebook Begins**. Disponível em <<http://www.thesundayindian.com/en/photo-albums/241/>> acesso em 02 de set de 2017.

TOMAEL, M. I.; ALCARÁ, A. R.; DI CHIARA, I. G.; **Das redes sociais à inovação**. Brasília, 2005. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf> > Acesso em 03 jan. 2017

UFPB. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2018**. João Pessoa, 2014. Disponível em <https://www.ufpb.br/sites/default/files/pdfs/PDI%20UFPB%202014-2018_Final3%20-27.05.pdf> Acesso em 05 de out. 2017

UNESCO. **Representação da Unesco no Brasil**. Programa Criança Esperança. Disponível em <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/social-and-human-sciences/youth/crianca-esperanca-programme/>> Acesso em 22 de nov de 2017.

UOL.CONGRESSO EM FOCO, **Bolsonaro é condenado por declarações sobre gays**. < <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/bolsonaro-e-condenado-por-declaracoes-contras-gays/> > Acesso em: 26 de Set. 2017.

UOL. **Etiqueta na Rede**. Disponível em < <http://www1.uol.com.br/mundodigital/beaba/etiqueta.htm> > Acesso em: 26 de Set. 2017.

UOL. **Trolls e Haters**: quem são eles e os perigos que eles podem representar. Disponível em < https://seguranca.uol.com.br/antivirus/dicas/curiosidades/trolls_haters_quem_sao_elas_perigos_podem_apresentar.html#rmcl > Acesso em: 30 de jan 2018.

UOL. **Bancada evangélica cresce e mistura política e religião no Congresso.** 2015. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/10/19/bancada-evangelica-cresce-e-mistura-politica-e-religiao-no-congresso.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em 28 de set. de 2017

VICENTE, E. **Redes sociais.** Santa Cruz do Rio Pardo. Editora Viena. 2014.

VON SMIGAT, K. E.; Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 32-46, jun. 2002;

YouTube, **Aparelho excretor não reproduz:** Resposta de Levi Fidelix a Luciana Genro. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=UtzF-Wq4C3E>> Acesso em 26 de set. 2017